COLEÇÃO
ABERTURA
CULTURAL
INVASÃO
VERTICAL DOS
BÁRBAROS
MÁRIO FERREIRA
DOS SANTOS

INVASÃO VERTICAL DOS BÁRBAROS

Mário Ferreira dos Santos

APRESENTAÇÃO DE **LUIZ FELIPE PONDÉ**

3ª impressão

Este livro foi originalmente publicado em maio de 1967, inaugurando a coleção “Uma Nova Consciência”, criada pelo autor e dedicada a obras de temática congênere que o autor quis agrupar. Os demais títulos dessa coleção são: *Erros na Filosofia da Ciência, Brasil, um País sem Esperança* e *Brasil, um País de Exceção*. A partir deste ponto, todas as notas que sejam de autoria do editor levarão a rubrica “N. E.”.

Sumário

Apresentação

O HOMEM É A CONSCIÊNCIA DA CRISE – POR *LUIZ FELIPE PONDÉ*

> O Homem é a consciência da crise, pois somos quando nos erguemos da animalidade, quando em nós ela se torna consciência. (...) Ela precisa realizar a crise.
>
> Mário Ferreira dos Santos, *Filosofia da Crise*

O livro que você tem em mãos é um manifesto. Manifesto de uma denúncia. A denúncia de uma invasão. Como todo manifesto, tem uma marca: a urgência em passar uma ideia. Neste caso, a denúncia da invasão da barbárie. Como toda urgência, corre riscos de ser mal entendido devido à superficialidade que acomete quase todo manifesto e quase toda denúncia.

Mas o mau entendimento com relação à obra de Mário Ferreira dos Santos é quase um pecado porque ele, talvez mais do que a maioria dos filósofos brasileiros, era profundo como um abismo e, às vezes, manifestos escondem esses abismos, mas este não é o caso.

Talvez um modo de compreender a barbárie que dá título a este livro seja exatamente este: Mário Ferreira dos Santos se recusa a esconder o abismo sobre o qual se dá a experiência humana e como é urgente que cuidemos dele. No limite, é um manifesto sobre como hoje se dá a tragédia da condição humana esmagada sob a bota da superficialidade (um modo da barbárie); e, por conta disso, é, antes de tudo, o abismo do homem que deve ser lembrado contra a barbárie.

O autor abre seu livro descrevendo dois tipos de invasão, inclusive fazendo alusão aos conhecidos casos da Grécia e de Roma. O primeiro tipo, o horizontal, é descrito como o processo lento e gradual de ocupação do

território geográfico invadido pelos “estrangeiros”. O segundo, vertical, objeto deste ensaio, se dá quando a invasão ocorre pela tomada de posse e corrupção da cultura de um povo. Neste caso, podemos dizer que este ensaio é uma descrição do risco de corrupção da geografia espiritual ou cultural do Ocidente. Com isso, o filósofo não está a demonizar quaisquer outras culturas de modo leviano, mas sim a fazer uma reflexão sobre o caso específico da tradição greco-romana, judaica e cristã, nossa alma histórica.

Por isso ele inicia a reflexão com uma definição esquemática do que seria essa tradição: tudo o que existe é criatura; somos todos iguais perante Deus; nossa história é parte da providência desse Deus; o homem é livre e pecou porque quis, mas pode se salvar; Cristo, como figura humana e divina, portanto mediadora (e aqui o filósofo se localiza na mais clássica cristologia conhecida), está relacionado com nossa busca de superação da agonia humana; e, por último, é possível encontrar a paz, uma vez que a queiramos, porque somos seres de livre-arbítrio, arbítrio este que arrancamos, como que de dentro de nossa animalidade.

O livro está dividido em duas partes. A primeira se ocupa da invasão da afetividade e da sensibilidade, e a segunda da invasão da vida intelectual. Ao descrever esses dois momentos, o filósofo dá a conhecer sua concepção empírica do que vem a ser a invasão vertical da barbárie.

Os exemplos empíricos e históricos são muitos. No primeiro momento, desde a exaltação da força e a desvalorização do direito, passando pelo romantismo infantil e exagerado, pela banalização do corpo, pela disseminação do mau gosto como numa espécie de humilhação da arte, enfim, pela separação destrutiva entre razão e estética, disciplina esta que na filosofia se ocupa da sensibilidade e do afeto.

No segundo momento, o filósofo discorre sobre a separação entre filosofia, religião e ciência, pelo tecnicismo exagerado, pela exclusão intelectual do outro, pelo negativismo derrotista, pela desvalorização da inteligência, pela

ignorância ruidosa com relação à teologia, enfim, pelo materialismo rude que nos acomete desde o atomismo rústico até o materialismo do consumo.

Estes são alguns poucos exemplos de seu percurso neste ensaio. Mas há muito mais. Resta saber, afinal, quem são os invasores e de onde eles vêm. São como demônios que nos visitam desde esse mesmo abismo do qual falávamos antes e sobre o qual precisamos pensar porque faz parte da nossa permanente crise, a qual é sempre cuidada pelos ciclos culturais contingentes e que se constituem na forma humana particular de ser: um ser que caminha sobre o abismo, mas que o ilumina com o que há de melhor nele, sua razão e sua sensibilidade.

Prefácio

A expressão “invasão vertical dos bárbaros” não é criação nossa. Já a havia lançado o político alemão Rathenau, no século passado. Mas a característica que lhe queremos dar é de certo modo outra que a pretendida por aquele político. Impossível, porém, precisar as nossas intenções, sem que primeiramente clareemos os conceitos: *invasão, vertical* e *bárbaro.* Iniciemos, contudo, pelo último.

O termo *bárbaro* era empregado de início, pelos gregos e romanos, para referir-se a todos os estrangeiros. Contudo, tomou, depois, o sentido do que não é civilizado, do que é inculto, do que combate toda e qualquer manifestação da cultura. Nesse sentido, também o tomamos nesta obra. Mas é mister que sejam ainda apresentados outros aspectos que nos facilitarão ainda mais a compreensão do que pretendemos propor.

O termo *bárbaro*, entre os gregos, não se referia apenas ao estrangeiro, mas a todo povo que falasse uma língua diferente da sua, como para os romanos eram os povos que não falavam nem grego nem latim. Posteriormente, os romanos chamaram bárbaros aos povos não civilizados, ou àqueles que não estavam sob a jurisdição romana.

A História nos relata que houve muitas invasões *horizontais* de bárbaros; ou seja, invasões que se processaram com maior lentidão ou não, maior rapidez ou não, e que consistiram na penetração pacífica ou violenta de povos, que se deslocavam para as regiões habitadas por outros, impondo-lhes o seu poder ou pelo menos os seus costumes. Mas se pode falar em *invasão de bárbaros*, quando essa se processa no território que corresponde à civilização. Não foram essas invasões tão cruentas como muitas vezes são

descritas, pois as que se processaram no antigo Império Romano, sobretudo no período final, processaram-se gradualmente, e muitas vezes com o apoio interno dos próprios civilizados, já barbarizados em muitos dos seus costumes.

Na verdade, a invasão que é a penetração gradual e ampla dos bárbaros não só se processa *horizontalmente* pela penetração no território civilizado, mas também *verticalmente*, que é a que penetra pela cultura, solapando os seus fundamentos, e preparando o caminho à corrupção mais fácil do ciclo cultural, como aconteceu no fim do Império Romano, e como começa a acontecer agora entre nós.

Esta obra é uma denúncia dessa invasão, que, preparando-se e desenvolvendo-se há quase quatro séculos, atinge agora um estágio intolerável, e que nos ameaça definitivamente. Como obra de denúncia, e que aspira alcançar o maior número de pessoas, dela afastamos, tanto quanto possível, o tecnicismo da linguagem científica, que cabe às disciplinas abordadas aqui, temas que são próprios do seu objeto formal. Nossa linguagem é a mais geral possível, o suficiente para tornar claros os aspectos em exame.

Os fatos que apontamos, os processos que registramos, os acontecimentos que reunimos em favor da nossa tese não são todos os que se dão, mas aqueles que julgamos principais. Desde logo verá o leitor que cada assunto que tratamos admitiria um estudo mais prolongado e mais exaustivo. Não era possível fazê-lo, sob pena de tornar esta obra volumosa e, portanto, mais restrita aos leitores. Fizemos questão de apenas apontar o lado bárbaro que apresenta, deixando uma longa margem de meditação para o leitor.

À exclamação dos romanos: “bárbaros extramuros!” (os bárbaros estão fora dos muros das cidades, da civilização) hoje podemos responder: “bárbaros intramuros!” (os bárbaros já se acham dentro do âmbito cercado pelos muros, em plena civilização, assumindo aspectos, vestindo-se com

trajes civilizados, mas atrás dessa aparência, atuando desenfreadamente para dissolver a nossa cultura).

De outro lado, há as disposições prévias corruptivas, que estão em todo ciclo cultural, e atuam desde o primeiro momento, com maior ou menor intensidade, para destruir a forma do ciclo que repelem.[1]

Os elementos ativos corruptores, guiados por uma inteligência, de vontade maliciosa, sempre souberam aproveitar-se do barbarismo como instrumento para solapar a cultura. E hoje, mais do que nunca, manejam-no com uma habilidade de estarrecer, dispondo de meios capazes para tal, imprimindo ao trabalho corruptivo uma intensidade e um âmbito nunca atingidos em momento algum.

Podem muitos aceitar essa situação como inevitável. Nenhum ciclo cultural, dizem, pode pretender eternizar-se. Mas esse argumento, que parece verdadeiro, é rotundamente falso. Se os ciclos culturais são contingentes, não se pode estabelecer um rumo necessário de modo absoluto, mas apenas hipotético. O que pode perecer, apenas pode perecer, e seu perecimento não é de necessidade absoluta que se dê mais cedo, porque há possibilidades de perdurar se o equilíbrio entre as disposições prévias corruptivas e as disposições prévias geradoras for encontrado. E isso é também um possível, como é um possível que a vida humana se prolongue indefinidamente. O homem poderá, então, perecer, mas poderá, também, perdurar. A perduração do contingente não encontra uma razão definitiva em contrário, mas apenas contingente também. Ademais, toda vida aspira à perpetuação. E esse desejo em nós não é, portanto, algo que se oponha à vida.

Se conhecemos o que faz corromper as coisas e apomos, de modo eficiente, o que equilibre a destruição, com elementos conservativos, a corrupção final pode ser desviada para mais distante. Poder-se-á, então, prolongar o ser perdurante por um tempo não limitado, mas que poderá ser

retardado tanto quanto puder aquele manter-se em equilíbrio entre os contrários.

Pensando assim, não é um desejo vão o nosso que pretenda prolongar o ciclo de nossa cultura. Se ela traz em seu bojo ideais supremos da humanidade, como o império da justiça, a moderação, a prudência sábia e santa, a coragem moderada e justa, a elevação da mulher e da criança, se pregamos a igualdade entre os homens, defendendo o direito de cada um ao lado dos seus deveres, se admitimos que se devem dar a todos oportunidades iguais, se afirmamos a liberdade e negamos as algemas e as coações opressoras, se pregamos o amor entre os homens, e o apoio mútuo, que fará que cada um ajude ao seu próximo, se desenvolvemos a ciência, democratizamos o saber e elevamos o padrão da vida humana, se nosso ciclo, em suma, reúne, numa síntese feliz, tudo quanto de grande anelou a humanidade, e se ainda não atualizamos tudo o que podemos e devemos realizar, como, então, desejar a destruição deste ciclo para volver ao dente por dente, olho por olho, às polaridades senhor-e-escravo, bárbaro-e-culto, opressor-e-oprimido, fiel-e-infiel?

Se temos em nossa estrutura cultural, no âmbito das suas ideias superiores, tudo quanto de maior a humanidade ardentemente sonhou e desejou, como admitir que se destruiu o que é fundamento para uma caminhada mais promissora?

Que afastemos o que obstaculiza, que lutemos contra o que desvirtua, que fortaleçamos o que nos auxilia a marchar para frente, está bem! Mas renunciar, demitirmo-nos do conquistado, para volver atrás, isso nunca!

Lutar pelo nosso ciclo cultural, fortalecer os aspectos positivos para impedir o desenvolvimento do que é negativo, eis o nosso dever.

Nós julgamos que o primeiro passo para o cumprimento desse dever está em denunciar o que nos ameaça.

Por isso denunciamos. E esta é a razão desta obra.[2]

PARTE I

Invasão Vertical dos Bárbaros na Sensibilidade e na Afetividade

Características da Nossa Cultura

Para melhor compreensão da matéria sobre a qual versa esta obra de denúncia, é mister caracterizar a cultura cristã ocidental que, enquanto cristã, se caracteriza por uma cosmovisão, que inclui os seguintes princípios:

a. O universo é criatura, inclusive o homem;
b. Os povos irmanam-se pela mesma fé, e todos são iguais perante Deus;
c. A divindade é providencial; ou seja, providência (tem uma *videntia pro*, vê, dispõe com antecedência *o que pode* acontecer, o possível histórico);
d. O homem é um ser inteligente e livre, que pecou livremente;
e. Contudo, pode salvar-se, graças a um mediador (Cristo), e pela livre escolha da salvação, ou por uma graça divina (gratuita ou não);
f. A paz reinará quando a *boa vontade* dominar entre os homens, a vontade sadia, liberta dos vícios, que a condenam ao erro.

Os princípios, acima descritos, são constituintes da espinha dorsal desta cultura, o que não impede que nela sobrevivam resquícios da cosmovisão grega, da cosmovisão islâmica, da cosmovisão hebraica e também de outras cosmovisões; contudo, subordinadas, em graus intensistas maiores ou menores, à concepção cristã.

A destruição de nosso ciclo cultural se completaria com a quebra, ou melhor, a ruptura da tensão dos seis aspectos citados, ameaçados hoje por todos os lados, como veremos nas análises que se seguem.

Uma das mais atuais providências dos bárbaros consiste em lutar contra a inteligência, inclusive usando a própria inteligência, por julgá-la como o mais legítimo sinal do civilizado, do homem culto.

A presença vertical do bárbaro na sociedade culta manifesta-se também por essa luta que, em nossa época, toma os aspectos mais variados e também os mais amplos, tais como:

VALORIZAÇÃO DE TUDO QUANTO EM NÓS AFIRME A ANIMALIDADE

Não é mais possível pôr seriamente sobre a mesa de discussão dúvidas quanto à animalidade do homem, nem que é ele possuidor de uma mente que o torna especificamente distinto de todos os outros animais terrestres, pois é um animal que não só é capaz de avaliar valores (os animais também dispõem de uma capacidade estimativa), mas de captar valores enquanto tais, valores possíveis, valores a serem criados, bem como de construir conceitos, e de estruturar toda uma ciência especulativa sobre esses conceitos, a qual, quando bem ordenada, alcança as leis que regem todas as regiões do ser, e são válidas em todas as esferas da realidade, o que é supinamente escandaloso para aqueles que desejariam que o Cosmos fosse o Caos, e que nenhuma inteligência houvesse regendo as coisas.

Apesar dessa evidência, há sempre uma tentativa de desmerecer a inteligência em seus aspectos mais elevados. A invasão vertical bárbara neste setor manifesta-se de diversas maneiras, e usa dos mais requintados processos de propaganda subliminal, a fim de influir no subconsciente humano, de modo a colocar a inteligência em seus mais altos voos sob a égide da desconfiança e até da calúnia. E procede destes modos:

EM PRIMEIRO LUGAR PELA EXALTAÇÃO DA FORÇA

Estimula-se a acentuada valorização dos homens que se revelam possuidores de grande força, mesmo que seja apenas da força bruta. Compara-se com orgulho a semelhança dessa força, alegando-se a grandeza do homem que a possui. Não importa que seja um débil mental, mas se é capaz de bater recordes, e de dobrar uma barra de ferro, ou de dar um murro igual ao coice de uma mula, estamos, então, em face de um espécime humano de alta valia. Lutadores, esmurradores, homens que revelam grande resistência, passam a ser procurados e exibidos como exemplos máximos da natureza humana. De início apenas são exemplares curiosos e estranhos, mas logo não faltam os valorizadores dessas altas virtudes. Não é de admirar que, desde então, se tornem para os jovens tipos dignos de serem imitados.

SUPERVALORIZAÇÃO DA FORÇA

O homem de músculos de aço já não é um exemplar curioso, é o *herói popular*, algo que representa um *idealtypus* das multidões bárbaras.

VALORIZAÇÃO ACENTUADA DA AGILIDADE E DA CAPACIDADE MERAMENTE FÍSICA

Como maneira bárbara mais elevada de apreciação dos valores humanos está a valorização acentuada da agilidade, das habilidades físicas. Não quer isto dizer que o civilizado não seja capaz de obtê-los, e não deva valorizar esses aspectos. Certamente que os obtém e com sinais de inteligência e arte; contudo, enquanto culto, não os tomará como ápices da elevação humana, nem irá, de modo algum, transformá-los em exemplares a serem imitados em primeiro lugar, mas apenas eventual e secundariamente, já que também é necessário que se valorize o corpo e não só a mente.

VALORIZAÇÃO EXAGERADA DO CORPO EM DETRIMENTO DA MENTE

Este é um dos aspectos mais graves do barbarismo vertical. “Mente sã num corpo são” é uma máxima culta. Nunca, porém, considera um homem culto que mais vale corpo são que mente sã, nem que baste apenas um corpo são. Sem dúvida a sanidade do corpo é fundamental, porque somos corpo também, mas a sanidade da mente é inseparável da humanidade, sob pena de o homem desmerecer-se em seu valor. Os *heróis populares* dessa espécie são apresentados apenas sob o seu aspecto físico. Há entre eles muitos que cuidam da sanidade de sua mente e dedicam-se com afinco até nos mais altos páramos do pensamento. Contudo, o que se faz é apenas salientar a habilidade ou a capacidade físicas, sem qualquer atenção a outras manifestações superiores. Precisamente, a ocultação desses aspectos cultos é da tática da invasão vertical da barbárie.

VALORIZAÇÃO DO VISUAL SOBRE O AUDITIVO

Os conhecedores da psicologia sabem que nossa inteligência se funda nos elementos fornecidos pelos sentidos, como o tato, a visão e a audição, para construir seus esquemas mentais. E nesses, na ordem crescente apontada, de modo que o auditivo supera ao visual e ao tátil. Encontramos na linguagem filosófica, e também psicológica, os termos que tomam sentido figurado, mas que partem dessas sensações, como esclarecer, iluminar, ver, considerar (de *sideria*, astros, ver os astros), nítido, etc., que provêm da visão: *tomar*, *captar*, conceitos que provêm do tato: tonalidade, absurdo, harmonia, que vêm da audição.[3] É mais fácil ver, contemplar, do que ouvir com atenção. O que se ouve com atenção guarda-se mais facilmente na memória, e a voz interior é mais lógica e mais segura que as imagens visuais soltas da fantasia. O ouvido, em geral, não fantasia, mas a visão, sim. O barbarismo vertical processa uma supervalorização do visual, de modo que os espetáculos são

mais organizados para os olhos do que para os ouvidos. A música popular, para exemplificar, é relativamente carente de aspectos cultos, embora plena de contribuições preciosas à catarse humana. Em períodos, como o nosso, em que a invasão vertical dos bárbaros se processa, a valorização do visual sobre o auditivo é crescente, e até o livro está ameaçado de nele o visual superar a leitura, que é mais auditiva, porque a palavra é para ser ouvida e não ser vista. Há muito intelectual que defende a predominância dos livros de “quadrinhos”, obras superilustradas, a ponto de o visual substituir, crescentemente, o auditivo. Não é bárbara a equilibrada acentuação de um e outro, mas o que é bárbaro é aumentar a visualidade à custa da audição.

ACENTUADA SUPERVALORIZAÇÃO ROMÂNTICA DA INTUIÇÃO, DA SENSIBILIDADE E DA SEM-RAZÃO

Em nossa obra, *Filosofia e Romantismo*, juntamos amplos aspectos da exagerada valorização romântica sobre a sensibilidade, a sensação, os sentimentos comuns, a intuição sensível, a fantasia e a sem-razão, e os estragos que o romantismo realizou, não só no filosofar, como em todas as outras manifestações superiores do homem, que foram deploráveis, e cujos frutos ácidos colhemos agora.[4] É que as teses românticas não são criadas num determinado período histórico, como o foi o nosso de fins do século XVIII até os dias atuais, em que se processou o movimento romântico, não só na arte, na filosofia, como até nas atitudes éticas e morais dos homens, incluindo a política, a economia, etc. Elas estão presentes em todas as fases dos ciclos culturais, em graus maiores ou menores, porque elas constituem um lastro, não só emocional, mas também intelectual do próprio homem, através de sua existência.

Elas desabrocham, sobretudo, em nossa fase juvenil, e só tomam um aspecto acentuado, a ponto de invadir amplos campos sociais, quando as condições históricas são favoráveis, como aconteceu no período citado acima.

Caracterizam, primacialmente, o romantismo (e passamos a fazê-lo em forma sintética) os seguintes aspectos:

- Valorização da sensibilidade sobre a intelectualidade.
- A sensação é mais rica do que a razão. Esta é estéril, apenas classificadora de estruturas despojadas de vida. A vida afetiva é mais profunda e, pela intuição sensível e afetiva, o homem penetra mais na intimidade das coisas. A razão apenas rotula, cataloga, não invade o âmago das coisas.
- A sensibilidade é criadora. A arte é superior ao pensamento especulativo. O artista não é um visionário qualquer, é um profeta e antecede as criações da ciência e da técnica (o que não é historicamente verdadeiro). O artista cria mundos novos; o especulador apenas reúne num museu de ideias os resultados obtidos, as fichas do conhecimento.
- A vida supera a razão – As razões da vida são superiores às da razão. Aquela é criadora, e não esta.
- A sem-razão supera os esquemas mecânicos e geométricos da racionalidade, e é muito mais rica de intuições e de descobertas que aquela.

Calcados nesses preconceitos, exagerados até o extremo, e tendo a seu favor uma argumentação canhestra, o romantismo, pelos apelos que faz à irracionalidade, tem, naturalmente, de provocar em todas as almas propensas apenas ao sentimento, e incapazes de penetrar no pensamento em profundidade, um entusiasmo sem par. Quando as condições sociais são favoráveis, seu campo está aberto às vastas camadas. Depois da derrota napoleônica e da formação da Santa Aliança, em que se prometia desterrar de uma vez para sempre as guerras na Europa, e impedir o advento de um outro Napoleão, era natural que o entusiasmo se apossasse das multidões cansadas

da carnificina napoleônica. O caminho estava aberto à valsa, música da sensibilidade e imensamente vital, às canções alegres, às doces esperanças da boa vida, da paz, da compreensão. Era mister deixar agora que a vida se afirmasse, que os sentimentos se soltassem de suas peias, que os homens tragassem com largos sorvos a linfa da felicidade... E o sonho prolongou-se por anos e anos, sem dúvida anos felizes para a humanidade europeia, até que aos poucos essas esperanças se desvaneceram, e o romantismo foi tornando-se cada vez mais amargo, mais ácido, mais ríspido, até cair nas manifestações mórbidas do romantismo negro, dos "assassinos de Deus", dos niilistas negativos, dos satanistas, dos desesperistas de toda espécie, da vivência do tédio ao nojo, à náusea, à repugnância de viver, ao embotamento dos sentimentos, até alcançar o brutismo, desejo de se tornarem plantas, ou apenas de serem coisas sem sentido.

Não há período tão cheio de esperanças e tão cheio de misérias e desilusões, certos valores nunca foram tão exaltados, mas também nunca foram tão deprimidos. Nunca se ergueu a voz para ditirambos tão entusiásticos, e nunca a voz baixou aos roncos de revolta e a berros de ofensas vis.

Em suma, o romantismo foi um dos períodos em que melhor se cultivou o solo europeu para a grande messe satânica dos frutos malditos. Foi a época da bênção e da maldição. Tudo o que foi grande amesquinhou-se; tudo que era nobre vulgarizou-se; tudo que era superior deprimiu-se.

A SUPERIORIDADE DA FORÇA SOBRE O DIREITO

Uma das mais acentuadas características do barbarismo vertical consiste em apresentar a força como superior ao direito. O direito não é mais o que é devido à natureza de um ser estática, dinâmica e cinematicamente compreendido, e que, portanto, se funda num princípio de justiça, que consiste em dar a cada um o que lhe é devido e em não lesar esse bem. O

direito não é o reconhecimento natural dessa verdade, mas apenas o que provém do arbítrio que possui o *kratos* (o poder) político. O direito natural é postergado, é discutido e é até negado para supervalorizar-se a norma emanada do arbítrio do legislador, a ordem jurídica emanada do que possui o *kratos*, o detentor do poder político, a autoridade constituída. A justiça não é mais objeto de especulação. A desconfiança a cerca, a dúvida instala-se, até negar-se, finalmente, qualquer fundamento a essa entidade, que é uma das mais caras virtudes do homem culto. O direito é concedido, as obrigações são determinadas. Não é a obrigação mais uma indicadora de direitos. Quem os estabelece é o Estado por seus órgãos legislativos, e os impõe pela força e os assegura pela sanção legal.

Mas também a lei escrita tem um valor relativo. Vale apenas enquanto o *kratos* social a garante. O arbítrio do poderoso é supremo, e a força organizada poderá derruí-lo. Basta que se organize e domine o *kratos* para ter o "direito" de derruir, de abolir e até de sancionar novas leis, contrárias às que vigoravam então.

A lei tem um valor secundário. É apenas a vontade do legislador que ela expressa, e não é mais uma manifestação do direito natural nem da justiça. O direito afasta-se do campo da Ética para integrar-se apenas ao campo da Política. A força é exaltada, então, como a criatura do direito. "O direito da força supera a força do direito" é a mais acarinhada das sentenças dos cesariocratas. "Eu sou a lei", proclama o déspota. "O Estado sou Eu", exclama o César, ou então "A classe é a lei". E os interesses particulares predominam sobre os gerais, a vontade popular é anulada e subordina-se à da *krateria*. O barbarismo então domina soberanamente. A especulação culta no direito é ridicularizada. Que valem razões ante o império da força! A razão é enxovalhada, amesquinhada, infamada. A brutalidade organizada domina.

A FORÇA É A GARANTIA DO VALOR

Todos aqueles que conviveram com os povos africanos, que estudaram a sua vida e seus costumes, notaram e salientaram que os negros, na África, só reconhecem valor em quem emprega a força ou, pelo menos, que revela possuí-la e ter a capacidade de poder empregá-la quando necessário. Só respeitam aquele que manifestar esse poder. Não amam, temem. Obedecem, não pela convicção da necessidade de uma disciplina e de ordem, mas porque a voz que comanda vem do mais forte. Obedecem apenas a voz do mais forte. Este defeito constitucional do povo africano tem sido um entrave ao desenvolvimento de sua vida social, agora, quando a África desperta para a democracia e para a liberdade. Os malogros que se apresentam são terríveis. Muitos africanos cultos estão estarrecidos ante uma realidade que lhes parece impossível de vencer e modificar. A voz da liberdade culta não encontra ouvidos para ouvi-la, nem mentes suficientes para entendê-la. As boas intenções esbatem-se quase inutilmente ante obstáculos que parecem invencíveis. Muitos, abandonando as suas novas ideias, recaem no barbarismo, desesperados de poderem erguer seus povos aos níveis culturais europeus. Sentem que as condições históricas ainda não estavam maduras para a nova experiência. A liberdade, que despontava como uma grata esperança, torna-se uma amarga desilusão. Os frutos desmentem a teoria, a realidade vence o sonho. Alguns abandonam tudo, afastam-se da luta social. Outros tentam, quase desfalecidos, encontrar uma saída que os salve, e poucos ainda alimentam uma esperança. O que se vê hoje na África é desalentador. Não adiantam apenas palavras de esperança, nem promessas cheias de otimismo. A realidade é tremendamente decepcionante e a libertação esperada parece que está forjando algemas ainda mais terríveis. Há alguns que já propõem retornos ao colonialismo. Há quem peça que se volte atrás e se prepare melhor os povos. Se esse número não se torna legião, é porque os que ainda fingem acreditar em melhores possibilidades açulam-se em intensidade, mas com o intuito de vencer a sua derrota e criar uma fé que

não se constrói com gritos, nem com urros. Preferem crer até no impossível que aceitar o desespero. Atravessaremos decênios de terríveis experiências na África, de lutas sangrentas e infindáveis, de retornos ao tribalismo e ao barbarismo, que estarrecerão o mundo. Contudo, algo de melhor há de se obter. Mas esses resultados positivos, pelo seu volume mesquinho, não serão bastante para alimentar fortes esperanças. Só o tempo nos dirá bem a verdade do que acontecerá. As previsões aqui são perigosas. Mas alimentar esperanças exageradas será uma temeridade maior ainda.[5] O terrível, porém, é que esse barbarismo também nos invade e ameaça, e nos ronda em todas as esquinas da História. Procurai os sinais que os achareis.

A PROPAGANDA DESENFREADA E TENDENCIOSA

Os meios de vulgarização intelectual de nossa época, periodismo, rádio, televisão, o teatro e o livro estão infestados da mais desenfreada propaganda do inferior e do primitivo. Não há necessidade de longos comentários.

O espantoso é a supervalorização do crime violento. O crescente aumento da criminalidade não é algo que acompanhe aos índices do progresso humano, porque o verificável não aponta nenhum lanço superior, mas retornos à brutalidade e ao crime friamente premeditado como nunca conhecera a humanidade.

Há periódicos que se especializam na divulgação pormenorizada e até sádica dos crimes violentos. A figura do criminoso é acentuada de tal forma que se torna exemplar, e muitos desejam alcançar a notoriedade que tais criminosos conseguem. Abrem-se programas de rádio e de televisão para entrevistar criminosos, para ouvir confissões de mães e parentes, que relatam a vida de seus filhos que os preparou para o crime. Os grandes gestos, os atos nobres recebem espaço mínimo, quando não são silenciados. Toda criminalidade é acentuada com um critério de exaltação desmedida e desmerecida. O criminoso, que revela habilidade, é exaltado como

inteligente, e a astúcia é apresentada como virtude. A audácia desenfreada é índice de heroicidade.

O fraudulento é visto como um habilidoso intelectual do crime. O chantagista é um artista da malícia. O contraventor é um acrobata que se desvia com requintes das malhas da lei. O corrupto é um hábil defensor dos seus direitos à participação dos bens sociais. A falcatrua, a falsificação, o golpe são exemplos de acuidade mental. A delinquência é o limite que alcança o mais hábil. Os honestos são deprimidos e ridicularizados. A vítima desses criminosos é apresentada como um ingênuo indesculpável, que parece bem merecer a lesão sofrida, por deixar-se embair em sua boa-fé.

Os jornais sangram, são lavados em imundícies, malcheirosos, indignos. Mas invadem os lares, como os invadem revistas que só exploram o cediço sexualismo.

Sexualismo, semidelinquência, afrontas à moral, vida irregular são acentuadas com requintes publicitários. Os divórcios de artistas de cinema, de rádio e de televisão são apresentados como acontecimentos históricos de máxima importância. Um acontecimento de real valia recebe uma atenção mínima, e ao lado abrem-se colunas para contar a vida semidelinquente de um *playboy* imbecil e tolo, que realizou façanhas estúpidas, que qualquer débil mental é capaz de fazer e até superar. A vida de um jogador de futebol tem uma importância biográfica superior à de um Pasteur. Seus passos são examinados, seus gestos são descritos, seus gostos imbecis são acentuados, suas preferências ridiculamente tolas são apresentadas como expressões do mais elevado gosto, sua saúde faz trepidar de medo as multidões.

É preciso descrever mais o que é acentuado nos periódicos? Não é evidente a intenção de explorar o que há de mais baixo no homem? Não assistimos à mais desenfreada especulação nos baixos valores humanos para satisfazer a curiosidade e o interesse de multidões brutalizadas, barbarizadas por essa ação desintegradora?

Que é o exaltado, o merecido, o acentuado, senão tudo quanto aponta ao inferior, ao medíocre, ao horizontal?

A VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA MECÂNICA

Da memória tanto participa o homem como os animais. Ela parte do intelecto inferior, mas aponta para o superior. Sem dúvida que a memória é imprescindível para que a mente possa construir seus esquemas mais elevados, mas, por si só, não revela nenhuma superioridade. Há débeis mentais de memória prodigiosa. Há imbecis que sabem de cor toda *A Divina Comédia*. Conhecemos um analfabeto que sabia *Os Lusíadas* de cor. Havia pagado a uma pessoa para que lhe lesse os cânticos de Camões e os havia decorado. Pronunciava mal muitas palavras, sem dúvida, talvez devido a quem as lera, mas a verdade é que recitava o canto que se lhe pedissem. Tal homem poderia receber altos prêmios em programas pseudamente intelectuais, em que se apresentam pessoas que só sobressaem pela memória e são conhecedoras dos pormenores de uma vida, ou de uma disciplina qualquer que conhecem mecanicamente. E tudo isso é apresentado como índice de alta cultura.

A memória culta não é mecânica; é a eidética, é a das ideias. Não se pede a tais pessoas que desenvolvam ou discorram sobre uma ideia, mas que digam em que dia da semana nasceu João da Silva. O importante é saber quantos talheres havia na mesa de banquete oferecida ao pintor Reginaldo de Melo, ou por quanto vendeu o seu primeiro quadro, e em que dia da semana, em que hora, em que mês, em que ano, e a quem, e onde. Sobre a sua arte, nada. Sobre a linguagem de seus quadros, nada. Sobre o seu valor artístico real, nada.

E não digam que tal se dá apenas nos meios de comunicação que têm de se dirigir ao grande público, em regra ignorante, e que, portanto, precisam baixar o nível de seus programas para atendê-lo, e que necessitam de

redatores de mente proporcionada aos ouvintes, ou que saibam descer até o nível mental da maioria dos ouvintes. Não. Em um exame numa faculdade de Filosofia, foram aprovados ou reprovados os candidatos consoante sabiam dizer o ano, o dia da semana em que nascera um filósofo, em que data fora lançado o seu primeiro livro, em que jornal escreveu um artigo em defesa de sua obra, e perguntas semelhantes quase todas. E se a resposta não condizia com os fatos, as reprovações eram inevitáveis, e o foram em massa. Desse modo fechavam-se as portas a muitos desejosos de se dedicarem à filosofia. Mentes que poderiam amanhã contribuir para elevar o grau de cultura de um povo eram desde logo alijadas. Quem conhece psicologia sabe muito bem que estragos emocionais produzem essas reprovações injustas. Se nos mais fortes são capazes de impulsionar a romper a estupidez de tais mestres, e a projetar-se decididamente para frente, nos mais fracos sepultam todas as esperanças e todos os estímulos.

A valorização da memória mecânica tem levado a uma valorização também exagerada da cibernética, na qual se colocam esperanças desmedidas.

Ninguém pode negar que a cibernética poderá auxiliar extraordinariamente o homem de ciência, no referente à parte que corresponde à memória mecânica. Ela poderá suprir as deficiências nesse setor, já que é comum aos mais inteligentes serem desprovidos dos mais acentuados graus de memória mecânica. Mas jamais a cibernética superará a memória eidética, nem a criação de ideias, nem a dialética bem entendida. Ela é um auxiliar de grandes recursos, mas num âmbito determinado. Pretender que ela possa substituir totalmente o cérebro humano é a mais tola ideia que poderia surgir, e uma manifestação de barbarismo intelectual da pior espécie. Contudo, não são poucos os que pensam assim. Julgam que ao homem no futuro não será mais necessário pensar (aliás, pensar é tremendamente doloroso, difícil e cansativo para tais pessoas, que encontram resistências invencíveis em suas

deficiências mentais). A máquina substituirá o cérebro humano. Talvez as regras humanas sejam determinadas por um cérebro assim. Não são poucos os que sonham com um grande cérebro cibernético para dirigir a humanidade, como um César dos césares. É a exaltação da coisa na sua materialidade. Então a inteligência ridicularizada e oprimida será retirada para algum museu de antiguidades inúteis. Que belo sonho de bárbaro! Nenhum bárbaro, em nenhuma época, sonhou coisa tão extraordinária!

VALORIZAÇÃO DA HORDA, DO TRIBALISMO

As multidões desenfreadas nas ruas, que são o caminho para as grandes brutalidades e injustiças, manifestação do primitivismo, mais um exemplo da horda, movidas por paixões, sobretudo o medo, aguçadas pelos exploradores eternos de suas fraquezas, pelos demagogos mais sórdidos, passam a ser exemplos de superioridade humana.

Tais espetáculos apresentam-se aos olhos de muitos como o mais alto estágio da grandeza humana. São elogiados como manifestações de “consciência social”, da “vontade popular”, etc. Nada há aí de grandioso. Não que os homens não possam unir-se para manifestar o que desejam, o que temem, o que querem. Para isso há meios vários, cultos, ordenados, superiores para propagar o seu querer, o seu pensar e o seu desejo. Uma sociedade culta multiplica esses meios e não usará, senão em casos extremos, a horda, a enxurrada popular, o desenfreio.

A opinião pode organizar-se em órgãos cultos e civilizados, e ter meios também cultos e civilizados de manifestar-se. E são eles suficientemente poderosos e eficazes para atingir as metas desejadas. A horda deve ser a última coisa que se deva utilizar. No entanto, açulam-se as suas formações, como se esse caminho não fosse o mais apto para criar césares, em vez de organizar um movimento de profundidade culta. Esses movimentos só têm servido para apoiar tiranos e desenvolver a brutalidade organizada, porque o

desenfreio das massas nas ruas não pode ser permanente, e exige, desde logo, a imposição da ordem, o que favorece, então, o emprego desmedido da força e o abuso dela, com consequências graves e perniciosas até para aqueles que foram os mais ativos nessas manifestações bárbaras.

O renascer do *tribalismo* e dos seus preconceitos, que ressurgem nas multidões, é um dos sinais mais evidentes do desenvolvimento bárbaro. A tribo, por suas condições, exige uma coerência mais afetiva e emocional que racional. O membro da tribo, enquanto tal, é julgado por seus companheiros como possuidor de uma valia superior à de qualquer outro de outra tribo. Uma ofensa a um membro é como uma ofensa a toda a tribo. Vemos nascer o tribalismo nas castas, em que a ofensa a um membro, mesmo em questão meramente particular, é tomada como extensiva a toda a casta. Um médico, acusado de charlatanice, desperta em muitos médicos uma solidariedade irracional. Um militar, agredido por um civil, desperta em muitos militares o desejo de se vingarem de civis, e enquanto não retribuem a agressão parece-lhes que a honra da tribo não está lavada. O funcionário denunciado de malversação do dinheiro público recebe a solidariedade tribal de muitos de seus companheiros. O membro da corporação A, que ofendeu o membro da corporação B, ofendeu a honra tribal dessa. E não faltarão aqueles da corporação B, que resolvam vingar-se violentamente sobre alguns da corporação. Esse tribalismo é mais encontradiço do que se julga. Mas não deixa de ser uma das manifestações bárbaras mais inferiores que se conhece, e a sua presença, na sociedade, segundo o grau que apresenta, indica o grau de barbarismo que a domina.

A EXPLORAÇÃO SOBRE A SENSUALIDADE

Sob todos os aspectos, nas épocas de depressão ético-cultural, a sensualidade recebe um estímulo como em nenhuma outra. Mas o que caracteriza neste período de invasão vertical de bárbaros, que estamos

vivendo, é uma exploração sem freios da sensualidade, que tem a seu favor a concupiscência do homem, e tem a estimulá-la certas facilidades de ordem moral, certos costumes introduzidos, e uma publicidade que tenta alcançar os últimos limites, contida apenas pela ação das autoridades políticas e sociais, pois se lhe deixassem caminho livre, não teríamos apenas *strip-teases* nas TVs, mas até nas escolas, e seriam exibidos nos horários infantis filmes licenciosos, pejados de obscenidades extremas, com requintes de pormenores, que fariam o gozo e a glória de seus produtores, de seus intérpretes, de seus cenaristas, etc., com todos o nomes citados, inclusive até dos varredores do estúdio, numa autopromoção de *cartazismo*, que é a mais "eloquente" das formas de promoção social que se conhece neste momento.

Os livros pornográficos, vendidos hoje às ocultas, teriam as melhores colocações nas montras das livrarias, e anúncios retumbantes de páginas, em que se contariam "A vida de Ernest Taylor" ou de "Elizabeth Bordon", ou coisa parecida, em cujas obras as mais desregradas imaginações seriam mobilizadas para a sua confecção. Literatos que não conseguem realizar qualquer coisa de valor encontrariam nessa subliteratura seu campo de ação e mostrariam as suas imensas possibilidades, seus recursos inesgotáveis, sua capacidade criadora. E então suas obras seriam "mensagens da carne ao espírito", seriam "a revalorização da Vida ante a Morte", "o grito de liberdade dos instintos contidos cerberamente pela intelectualidade" e outras expressões como tais, que outros subliteratos usariam para justificar, se assim for preciso, que tais obras podem e devem ser incluídas em obras de arte, de genuína arte, e que a estética nada tem que ver com a ética (frase famosa, tirada apenas do poço da ignorância de muitos literatos, que nunca estudaram nem ética nem estética, das quais falam constantemente, num *charivari* de palavras ocas, que ocultam apenas a vacuidade das ideias, pois a ética preside todos os atos da dramaticidade humana, toda vida ativa e fática do homem, e não pode dela desligar-se).[6]

E assim como vemos hoje venderem-se drogas às portas de nossas escolas – embora os traficantes sejam perseguidos de modo benévolo, pois tais crimes são tratados com tolerância, numa época em que há manifesta condescendência em favor do criminoso – veríamos instalarem-se livrarias ambulantes para venderem livremente tais obras.

Não nos prolonguemos mais neste ponto, porque seria repetir o que todos sabem, mas concluir que, se não fosse a ação das autoridades políticas e sociais, o desenfreio seria total. Não cremos que nem as igrejas organizadas, sob as mais diversas crenças, nem pais e mestres honestos e decentes em ação, seriam capazes de evitar a multiplicação de tais negócios, que prosperariam, pois as más ideias, como as más práticas, como o vício, tendem a progredir com mais intensidade do que a virtude, porque é mais fácil ser vicioso do que virtuoso, e por ser grande parte da humanidade pusilânime e até covarde.

O que temos de salientar, como já o fizemos, é a publicidade da sensualidade nas revistas, jornais, rádios, televisões, no cinema e no teatro, cujo índice de progresso supera todos os índices de qualquer aspecto positivo.

Os instintos bárbaros dos homens ameaçam soltar-se totalmente e, quando soltos, a sua fúria leva à destruição total. A história já nos revelou momentos semelhantes, como se viu na ação dos bárbaros em suas invasões. Uma humanidade sem leis destruiria toda a cultura e, se não for contida, terminará por destruir a si mesma.

A exploração do sensualismo apresenta uma linha ascendente hoje, mas já está embotando a própria sensibilidade humana. Grande parte ou a quase totalidade dos que se desenfreiam na sensualidade já não dão um curso livre e natural às suas práticas. Necessitam de drogas que os estimulem, porque sentem embotar os sentidos, arrefecer as carnes, o cansaço ameaça-os devorar num tédio de morte, ponto final inevitável de todos esses desenfreios, porque a própria natureza se rebela com os excessos e cobra caríssimo pelas nossas

faltas. O número sempre crescente de desgraçados, de viciados, de drogados cresce desmedidamente e devora uma grande parte da juventude, envelhecida e inutilizada em seus primeiros anos. Contudo, enquanto não se atinge o desfecho final, novas levas de vítimas são trazidas, para aumentar o número dos derrotados.

A DISSEMINAÇÃO DO MAU GOSTO

Foi sempre a educação do gosto (do *bom gosto*) uma das grandes preocupações cultas da humanidade, já que o bom gosto implica, necessariamente, a capacidade de observar os valores, de apreciá-los debaixo de critérios justos e seguros de julgar. Ora, para alcançar tal capacidade é exigível cultura, conhecimento, distinção de aspectos, aptidão em separar o que é realmente valioso do que não é. Todos sabem o que significa alguém que tem gostos vulgares e o que o distingue do que tem gostos delicados e cultos. Mas a tendência para lutar contra o bom gosto toma as formas mais capciosas que se conhecem. Assim a etiqueta exagerada do cortesão é apresentada como o exemplo do que se chama bom gosto. Realmente nela há um bom gosto parcial, ao lado de excessos ridículos. Mas salientam-se apenas os excessos ridículos, caricaturizando-os. Nos dias da Revolução Francesa, a canalha das ruas vestia roupas de nobre, fazia gestos e mesuras de senhores, com o canhestrismo que lhes seria natural, mas acrescidos da caricaturização e, desse modo, fazia rir os tolos. Nos circos, nos teatros, em toda a parte, as boas maneiras eram ridicularizadas e cobertas de gargalhadas gostosas. Não havia saltimbanco, nem palhaço de circo vulgar, que não aproveitasse da mina de ouro para arrancar gargalhadas e fazer sucesso.

Mas essa luta aberta contra o maneirismo das cortes era justificada pelas condições sociais da época. Não queremos falar dessas caricaturizações comuns na história, como as dos bárbaros imitando gregos ou romanos, as de povos em guerra, imitando com palhaçadas os outros, porque tudo isso é

ainda resquício do bárbaro em nós, mas que tem uma ação limitada no tempo e de efeito relativamente pequeno. Não vamos deixar de compreender que poucos respeitam os adversários, reconhecem neles o valor que possuem e sabem avaliar o seu genuíno valor, porque isso exige humildade, e essa, que é das mais nobres virtudes cristãs, é, contudo, a menos difundida. O que queremos salientar é a propaganda do mau gosto que se verifica, por exemplo, nas modas. A compostura ática dos atenienses ou a beleza sóbria dos romanos das grandes épocas, ou a severidade culta da Idade Média europeia, teriam naturalmente de desaparecer nos períodos de invasão, como foram o Renascimento e o Barroco. O estilo é substituído apenas pelo gosto dominante, e esse nem sempre é de boa qualidade. É natural que as mais estapafúrdias maneiras de vestir fossem usadas, não, porém, com a intensidade e extensidade que verificamos em nossa época, em que não há espetáculo mais ridículo do que uma exposição atual de modas. As posturas mais sem gosto, os trejeitos mais tolos, as roupas desenhadas por costureiros mais imbecis, as maneiras mais estúpidas, ocultam a beleza feminina substituindo-a pelo insólito, pelo híbrido, pelo degenerado, pelo monstruoso, atingindo até ao medonho.

Às vezes surgem nas passarelas criaturas com gestos de boneco de engonço, que se não são bem recebidas como assombrações de algum além-mundo, de espantalhos, é porque grande parte da assistência, embotada em seu bom gosto, recebe o insólito, o inesperado com exclamações de surpresa e de satisfação animal.

Quem observa o desenvolvimento que tiveram nos cinemas os *thrillers*, esses filmes de sensação, os guinchos que explodem nas plateias ante as situações de perigo inesperadas, o arrepio prolongado em rugidos, que se ouvem nas salas de cinema ante os ridículos filmes de amedrontar; quem assiste a tudo isso vê quanto é preciso e de que modo é preciso violentar a sensibilidade das plateias barbarizadas.

No teatro exploram-se os temas mais mórbidos. Os estudos realizados pela psicologia em profundidade forneceram um copioso material para subinteligências criarem um teatro em que os heróis são desajustados, neuróticos, loucos morais, angustiados de todos os graus, temperamentos em frangalhos, personalidades em decomposição, pessoas de caráter equívoco e malformado, situações das mais insólitas, intrigas que só a mente de um louco poderia criar, pois esse teatro está mais próximo dos hospícios que do bom-senso, e tudo isso é apresentado como arte, como sublime arte. Essas peças equívocas em que personagens dizem asnices em alto tom e que uma plateia ignorante considera sentenças de “alta filosofia”, em que o diálogo é um amontoado de lugares comuns, que mais deveriam fazer rir do que pensar, tudo isso recebe o louvor de uma crítica de mente estropiada, e é exaltado ao máximo. E então, quando alguém de bom gosto, depois de sofrer a exibição desses mostrengos, assiste a uma peça de Shakespeare, tem, naturalmente, de sentir um alívio tremendo, porque uma coisa é tratar um neurótico como Hamlet por um Shakespeare, e outra de um doido moral por algum John ou Walter qualquer de prestígio equívoco e de sucesso passageiro, o mesmo sucesso dos competidores de Shakespeare, tão afagados por críticos de nomeada, como se fossem o ápice da arte dramática e da tragédia. Tudo isso se assiste, e até quando Shakespeare é representado daquele modo que conhecemos de causar verdadeiramente náuseas, ainda se vê a mão do gigante, e a grandeza da obra é de tal vulto que, apesar da interpretação, ela estarrece aos que ainda têm laivos de bom gosto intelectual.

Ora, todos nós sabemos que os meios publicitários vivem do maior número, e terão, naturalmente, de ceder às imposições dessa clientela. Mas daí a descer para procurar, nessa mesma clientela, os mais baixos padrões, e nada fazer para elevar o gosto dos clientes, é uma desídia imperdoável.

Tudo isso contribui para disseminar o mau gosto, o gosto mais vulgar. Uma literatura para atender esse gosto se multiplica. Livros que apenas falam

a esses sentimentos inferiores são apresentados como documentos humanos de alta valia. Explora-se a vida de um ladrão, que descreve em suas memórias como ascendeu na escala do crime. O que deveria ser entregue a estudiosos, sobretudo psiquiatras, psicólogos, juristas, moralistas e etólogos para estudos, é entregue ao público com as fanfarras da mais estrepitosa publicidade. Fazem-se tardes de autógrafos, publicidade excessiva, até "marquises" de propaganda, para lançar-se qualquer obra que relate a vida de alguma criatura infeliz, e até se exploram obras canhestras, que alguém escreve, para relatar uma vida de miséria, como se isso fosse um grande documento humano. E há até quem veja em tais coisas realizações de arte superior. Não faltam subliteratos para ajuntar palavras elogiosas e proclamar valores que só eles, privilegiados da inteligência, são capazes de captar.

A decadência aí é de tal forma avassalante, que se lançam mão até de *girls* para lançar livros, despidas ao excesso, para não citar os casos em que são conclamados desportistas, artistas de cinema, de tablado, etc.

Tudo serve para traumatizar as multidões de clientes, cujo gosto embotado exige esses traumatismos para serem despertas.

Sem dúvida que há os que se opõem a essas coisas e não cooperam com elas. Afastam-se silenciosos. Mas seu número, embora grande, por ser silencioso, não abafa o vozerio e as exclamações dos outros, que lançam mão de todos os recursos publicitários.

Uma empresa que pretende lançar um produto qualquer expõe uma mulher despida para expor o produto oferecido. É a mulher que atrai, não o produto, e graças a essa atração, venderá mais. Sabemos todos que tudo isso é assim e que as empresas se veem obrigadas a lançar mão desses recursos para venderem seus produtos. Mas é o mau gosto degenerado que domina, que exige essas "fórmulas eficazes".

Para ilustrar o que dizemos com um exemplo, vamos relatar um fato bastante expressivo.

Há pouco tempo, sucedeu um rumoroso caso, que preocupou seriamente os campos políticos de São Paulo. Um secretário de Estado sofrera graves acusações, que atingiram a sua honorabilidade. Apaixonando o público, como é natural, tal caso, um canal de televisão resolveu apresentar ao vivo um debate entre a acusadora, aliás uma deputada, e um líder político do partido que apoiava o acusado. Esse debate (na hora chamado de mesa-redonda, não sabemos por quê), foi dirigido por um conhecido radialista. Apresentando ao público as condições do debate, disse, entre outras coisas, o que segue: seguindo o costume do júri, deve caber em primeiro lugar a palavra à acusação, seguindo-se, então, a palavra à defesa. Ora, tal radialista é formado em Direito. O seu lapso de atribuir a palavra em primeiro lugar à acusação por ser um *costume* é de certo modo imperdoável. *Não se trata de costume, mas de ordem lógica.* Não é possível defender algo que não tenha sido previamente objeto da postulação de uma acusação. Pode-se defender previamente de acusações possíveis, não de acusações atuais.

Mas por que assinalamos esse fato? Para acusar o radialista apenas de um erro, quando todos nós erramos? Não. Tal atitude não teria nenhum mérito. Trata-se apenas de advertir para um sinal bem característico de nossa época, em que há um retrocesso merecedor de atenção. Observe-se bem: a diferença fundamental entre o bárbaro e o civilizado, como sentiam os gregos, entre o bárbaro e o heleno, não era o referente à raça ou ao estatuto político. Era, sobretudo, o referente à maneira de comportar-se em relação aos fatos. *O bárbaro é o que sabe sem saber o porquê do que sabe; o civilizado, o que sabe, sabendo o porquê do que sabe*. Só há ciência quando se sabem os porquês próximos e remotos de uma coisa, de suas causas, de suas razões. Saber-se que naquele campo há árvores colocadas de tal modo é apenas um saber bárbaro, mas saber por que foram elas plantadas, obedecendo a tal ordem, é um saber culto. Há muitas coisas julgadas por muitos como apenas costumes, pois já não sabem por que tais costumes foram instaurados entre os

homens. O perigo da pedagogia moderna, em seus aspectos negativos, consiste em julgar que basta apenas informar bem o educando para atingir o conhecimento, quando a verdadeira pedagogia consistiria em dar a este a capacidade de, por si mesmo, investigar as causas, as razões, os porquês das coisas. Eis aqui um tema de máxima importância e que merece de nós uma atenção mais cuidada: o problema pedagógico sob o aspecto da formação mental do homem. Não deve ser a primacial finalidade da pedagogia construir mentes capazes de investigarem os porquês, as causas e as razões das coisas, ou apenas formar mentes medíocres, eruditas de certo modo, mas sem saberem por si mesmas alcançar as causas das coisas?

OS CREDOS PRIMITIVOS

Outro aspecto que revela a barbarização é a floração crescente dos credos primitivos. As religiões dos ciclos culturais inferiores, a maneira primária de conceber a divindade, os rituais mais primitivos encontram campo livre, e apoio de multidões, e até de pessoas julgadas cultas.

Em nosso país, tais fatos se multiplicam, em uma mistura de cristianismo, espiritismo, feitiçaria, umbandismo, e apresentam as formas mais bizarras. Na multidão, uma ambivalência entre Nossa Senhora e divindades femininas pagãs é comum, quando se confundem e se identificam de tal modo que não se sabe mais se Nossa Senhora é Iemanjá ou Iemanjá é Nossa Senhora.

Um clero, em grande parte ignorante e indevidamente preparado, mal disposto para a ação pastoral, malogra a cada dia que passa. É preciso ter olhos de cego para não ver que o catolicismo, no Brasil, perde terreno numa progressão espantosa.

Em outros países mais cultos, onde tais fatos não deveriam surgir, eles também se apresentam, e com uma insistência e amplitude de espantar. Em toda a parte, há o surgimento das crenças primitivas, os credos mais bárbaros. Longe de nós querer menosprezar o que pertence à humanidade. Se ninguém

vai irritar-se porque a criança abrigue crenças absurdas, não é possível que se tolere que adultos voltem ao primitivismo e, *intramuros*, em plena cidade, em plena civilização. São esses sinais os mais graves que se podem apontar. A apologética das religiões superiores tem malogrado em seu intento de corresponder às massas. As igrejas se esvaziam enquanto se multiplicam os locais de crenças equívocas, embora com pomposos títulos de religião superior. Temos visitado esses “templos” em muitas cidades brasileiras, e é de estarrecer a ignorância de muitos falsos pastores, de pessoas do mais baixo primarismo, passarem por “guias espirituais” de multidões, onde se encontram homens que ostentam diplomas das mais pretensiosas faculdades do país. Os discursos que se ouvem são peças da mais baixa oratória, entremeadas de citações bíblicas. Não queremos negar as boas intenções que aí se dão. Contudo, não é bastante a boa intenção para justificar qualquer coisa. O melhor seria que houvesse mais humildade em muitos desses “guias espirituais” e que procurassem estudar para orientar-se melhor, a fim de não se tornarem mais instrumentos de incultura e de barbarismo do que de religiosidade sã. Sobretudo o que devem fazer é elevar os seus admiradores para que alcancem níveis mais altos e nunca descerem a satisfazer ímpetos primitivos e caírem em práticas irracionais, como se verificam em alguns “templos”, que afrontam até a dignidade humana.

Se fôssemos esquadrinhar o que se dá nesse setor, teríamos matéria para longas descrições, mas seria apenas amontoar fatos para justificar uma conclusão justa, que é fácil tirar. Nosso desejo é que esta obra possa servir para despertar algumas consciências, de modo que possa contribuir com sua atuação para que a repetição ou a proliferação de tais seitas não se processe e que as existentes melhorem seus métodos e suas práticas, de modo a impelir o sentimento de seus seguidores para o alto e nunca para baixo. Não basta fazerem-se citações bíblicas para despertar as almas e elevar os corações, se essas citações estão entremeadas de ideias falsas e de preconceitos primários,

que produzem efeitos contrários aos desejados, chegando, como em alguns casos em nosso país, à prática de atos hediondos, de torturas, de sacrifícios pessoais, de mutilações graves e de ações simplesmente criminosas.

É mister que as pessoas mais bem formadas contribuam numa fiscalização mais ampla dessas organizações, pois exigem até a intervenção das autoridades, porque chegam a excessos criminosos. Muito sangue já se derramou neste país, provocado por esses falsos profetas, como vimos surgir no nordeste e também no sul do Brasil (Canudos, Riacho de Sangue, os Muckers, no Rio Grande do Sul, revoltas em Goiás, etc.).[7] O despertar do primitivismo bárbaro sob a pseudomorfose[8] cristã é um dos aspectos mais terríveis em nossa terra, embora se registrem também exemplos espantosos em países cultos da Europa.

A ACENTUAÇÃO DA REPETIÇÃO À CUSTA DA CRIAÇÃO

Um dos aspectos que mais caracterizam as sociedades primitivas é a perduração constante de suas formas, de seus modos de vida, de sua técnica, de sua esquematização cultural. Sobre esse ponto se demoraram em analisá-los antropólogos, etnólogos, arqueólogos, sociólogos, etc.

As sociedades primitivas são estáveis e dominadas pela persistência da repetição. E a repetição (tão do agrado infantil), que estimula muito a sensibilidade no sentido apenas do sensório-motriz, acompanha também o homem culto e civilizado, pois é imprescindível que se dê. Contudo, como todo excesso é pernicioso, também o excesso da repetição em todos os setores impede maior desenvolvimento cultural. O que caracteriza propriamente a cultura é a sua capacidade criadora, dentro do esquematismo sistemático que a constitui. É uma autorrealização que promove o desenvolvimento das formas possíveis, contidas na essência da cultura, e que a faz erguer-se dos estágios mais baixos aos mais altos. Só há altas culturas

onde há criação constante e a criação exige inovações reais (não as falsas inovações, que são o repetir de formas já superadas).

O progresso é inevitável no sentido do desenvolvimento natural das atualizações das possibilidades superiores. Uma cultura, enquanto criadora, é uma cultura viva, em ascensão. Quando ela estanca, às vezes, em alguns patamares, é como tomadas de fôlego para uma marcha mais longa. Quando a cultura, porém, deixa de criar e se petrifica, abrem-se, então, as portas à invasão bárbara vertical, e a estimulação das disposições prévias corruptivas encontra campo aberto para seu desenvolvimento. Elas trabalham em parte paralelamente ao barbarismo, e em parte se entrosam com esse, de modo que uma perfeita simbiose se forma entre ambos, e ambos contribuem, acentuadamente, para levar o ciclo cultural à sua decadência e até a sua destruição.

Um dos sinais mais típicos da barbarização está no crescente desenvolvimento da repetição. As músicas, em que o ritmo é constantemente repetido, a repetição reiterada das mesmas situações, a repetição imitativa dos mesmos abstratismos, tudo isso encontra apoio e se desenvolve. Repetem-se os mesmos tipos de heróis, repete-se, pela imitação, a cópia dos mesmos originais. O imitativo substitui o criador. Não que a repetição deva ser impedida. Ela tem uma função que é importante. Queremos chamar a atenção, porém, para a repetição de formas primitivas, a acentuação constante da imitação do que é primário, que, a pouco e pouco, vai substituindo o criador, até que esse estanca. Mas a repetição também estanca, quando o abstratismo domina. A tendência a tomar, como arte, um valor constitutivo de uma concreção, como valor mais alto, de modo a torná-lo predominante de modo excessivo, e até, nos casos mais exagerados, único, leva ao estancamento, como aconteceu com o impressionismo ao acentuar determinados valores, o expressionismo ao deixar-se dominar pela *catarse,* o cubismo na acentuação exagerada do geométrico, o futurismo na

preocupação desmedida dos estágios do movimento, até cair no “tachismo” (ou manchismo) e nas formas mais violentas de abstratismo que terminam por cansar desde logo, mortas no nascedouro, tentativas frustradas, que não levarão a nenhum estágio mais alto, mas meras imitações incompletas e falsas do primitivismo, por serem equívocas. A arte dos Primitivos, é preciso nunca esquecer, é abstrata devido à falta de concreção, que exige mais amplidão cultural e visão universalista. A acentuação do especialismo, a valorização da especialidade, influiu nos artistas modernos de modo a caírem num logro, que os está consumindo, e também matando as melhores virtuosidades, pois muitos valores malgastam os seus recursos, preocupados, como estão, de apresentarem algo novo, algo inédito, que é um anseio, não de origem bárbara, mas burguesa.

Queremos apenas salientar a predominância da imitação sobre a criação, o que é típico do primitivo, já que o tema acima nos exige posteriores atenções. Não queremos, porém, defender falsas inovações, certo modismo, que também não é criador, e também é bárbaro. O que desejamos defender é a criação, e não a inovação realizada *à outrance*. Queremos defender a ascensão a estágios mais altos, e não apenas a reformulação de aspectos decadentes e primários, que, por serem desconhecidos por muitos, parecem ser novas conquistas, quando não passam de avatares de fórmulas já superadas e inferiores.

A RAZÃO E O CAOS

Um dos preconceitos românticos, mas que atua em sentido verdadeiramente bárbaro, consiste em afirmar que a Razão nos leva ao Caos, à desordem do pensamento, e que só a Intuição nos libertará desse final terrível. Esse aspecto se desenvolve em pseudomorfoses aparentemente cultas e será examinado na Segunda Parte desta obra: “O Barbarismo e a Intelectualidade”.

A VALORIZAÇÃO DO INFERIOR

Há uma valorização desenfreada que se faz na baixa dos valores. Não se trata apenas de uma desenfreada especulação no que é baixo (crime, delinquência, vício, sensualismo excessivo, acentuação das formas viciosas, baixa literatura, supervalorização do herói popular, afagado pelas multidões e recebendo as mais altas pagas, etc.), mas, sobretudo, pela inversão que se faz de tais valores, a ponto de se pretender estabelecer que o mais alto consiste em ser o mais baixo. Como essas práticas querem apresentá-las como maneiras elevadas de se considerarem os fatos e os homens, trataremos em pormenores desses exemplos, mais no campo das pseudomorfoses, já que muitas delas se apresentam com a roupagem culta. É como se um bárbaro viesse vestido de roupagens civilizadas...

Contudo, há exemplos de valorização do inferior, que são apenas bárbaros e não são apresentados travestidos de cultos.

Vejamos alguns exemplos. O que, devido à sua fraqueza e à sua ignorância, ou movido pela sua concupiscência, é capaz de realizar um ato de certo vulto passa a merecer um tratamento que eleva e dá a parecer que houve grandeza em sua ação. Por exemplo, a valorização da história de gângsteres, de criminosos vulgares e cruéis, como se isso representasse uma vitória sobre a fraqueza.

A valorização de um homem que enriqueceu à custa da malversação dos dinheiros públicos é apresentada como um exemplo de inteligência e capacidade. Chegamos, neste ponto, a tal estupidez, que há muitos que julgam que as funções públicas são apenas um caminho de enriquecimento, e julgam até justo o político torpe e corrupto, que nada mais faz do que aproveitar-se de uma situação. O embotamento, que se nota na sensibilidade moral de grande parte da população a tais fatos, é mero barbarismo. Os chamados “escândalos” já não escandalizam! Publicam-se nos jornais as notícias mais espantosas de atos de corrupção, e não há qualquer

estremecimento mesmo superficial da epiderme. Aceita-se tudo isso como algo natural e normal. Ladrões da pior espécie são elevados a altos postos, e muitos são reeleitos em campanhas memoráveis. Toda a vida pregressa desses indivíduos não faz enrubescer o rosto de milhares e até milhões de eleitores. Enquanto o inverso é o que se vê. Os políticos mais limpos e dignos veem ameaçadas as suas reeleições, e muitos entram no esquecimento porque seus nomes não estiveram em manchetes de jornais, nem sofreram acusações de crimes dessa espécie. A honestidade é vista como algo ridículo, e o homem crédulo, o homem de boa fé, o homem digno, é motivo para programas humorísticos. Grande parte dessas figuras é apresentada como sendo verdadeiros hipócritas, que, na hora precisa, lançam mão do alheio. A intenção é clara: pôr a dúvida sobre a decência, sobre a honestidade, sobre a honra (palavra quase inaudita, menos ouvida hoje do que nunca). Não se respeita mais a honorabilidade de ninguém. Há sempre quem ponha dúvida sobre a decência e, quando alguém pretende apresentar uma pessoa como exemplo de dignidade, o menos que se ouve à volta é: “Será? A gente não sabe...” e as reticências ocultam claras intenções. A dúvida é instaurada, e não demora muito que algum mais afoito já diga que ouviu dizer que... e conta, sem assumir responsabilidade, que dizem... “não sei se é verdade”.

É fácil levantar dúvidas, suspeitas. Os propagandistas da indecência sabem disso...

É mister que os jornais publiquem escândalos nas famílias, para que a família, que realiza escândalos, se veja corroborada e desculpada. O golpista torpe gosta que se contem casos de grandes golpes de afortunados larápios para justificar ante os filhos a sua vida viciosa. O homem de vida viciosa cita os vícios dos romanos e de todos os povos numa acentuada manifestação de “cultura histórica” e tem na ponta da língua longas descrições de fatos históricos. O lar, que está às portas de desfazer-se, encontra, nos exemplos dos lares que se desfazem, um apoio: “este não é o primeiro...”

Há leitores, espectadores, ouvintes para todos esses relatos, pois parece ajudar a acobertar as suas fraquezas. “A dor de muitos dói menos...”, “a desgraça de todos faz sofrer menos...” Há argumentos para tudo. Humoristas, pobres humoristas sem poder criador, apontam o casamento sempre como uma desgraça que cai sobre o homem, descrevem o sábio como um charlatão, o honesto como um hipócrita, a sogra como uma megera, o religioso como um tartufo, o ladrão, o malandro como exemplos de acuidade mental.

Programas de TV dos mais estúpidos “obtêm êxito”. Há valorizações que espantam. O “espírito de porco”, o “amigo da onça”, o “malandro” com a sua gíria, a sua linguagem, passam a ser heróis e glórias nacionais, *idealtypus* de uma pobreza desconsoladora, mas que são apresentados como criações geniais, como pitorescas, como inteligentes realizações do espírito. Tudo isso é admissível em parte, onde não há excesso. Mas a questão é que se excedem. O sucesso fácil que obtêm provoca repetidores, e por toda a parte a exploração dos mesmos veios não tem fim, até alcançar o cansaço, a fadiga total.[9]

É desnecessário multiplicar os exemplos. Cada um é capaz de apontar mais numerosos que os que acabamos de fazer. Bastará apenas que ponham um pouco da sua atenção e da consciência moral dirigida para o espetáculo a que assistimos, para que seja fácil perceber outros exemplos.

A INFLUÊNCIA DO NEGATIVO

A negatividade é própria de todo ser inteligente, que é, por isso, apto a dizer *não*, a tomar a posição contrária a outra. Em si, a negatividade não é um mal, salvo quando se refere à recusa ao que é realmente positivo e construtivo, quando apoia a negação do que tem valor pela ausência do mesmo valor. Ora, o que se observa nos períodos de decadência dos ciclos culturais é o aumento desmedido da negatividade em relação aos principais valores. Tende-se a negar tudo quanto de superior o ciclo admirou e realizou.

Há uma completa inversão da escala de valores e todos os setores são atingidos pela ação negativista. Os princípios religiosos, que constituem os fundamentos do ciclo, são abalados pelas doutrinas negativistas, que não se contentam apenas em pôr em dúvida, mas em negar peremptoriamente o que até então era aceito, admitido e venerado. Não para aí a ação negativista. Ela busca atingir, sobretudo, os costumes, negando a validez ética a determinados atos e modos de proceder, e estabelecendo que outros devem ser preferidos, o que invade o campo das relações humanas e põe em risco o que até então mais aproximava os homens. Não é de admirar que períodos decadentistas e de alheamento aos princípios morais sejam os períodos em que os homens mais se afastam uns dos outros, e que a atomização social aumenta a ponto de não haver mais possibilidade de compreensão entre dois seres humanos, que não podem mais "dialogar", e assistimos "aos diálogos de surdos", em que uns não entendem mais os outros. A barbarização revela-se aí, ameaçando abranger a totalidade da sociedade.

A propaganda do negativismo é feita por todos os meios imagináveis, e nisso se esmeram, sobretudo, os subliteratos, que buscam apossar-se de todos os meios de comunicação. Com raras exceções, contribuem nas mínimas notícias, até na propaganda negativista, na anulação dos valores. Não sabem, ou, então, se o sabem, o fazem por malícia, que uma simples notícia pode conter algumas palavras que animem ao bem ou estimulem ao mal. Quem escreve para os outros tem uma grande responsabilidade e deveria ter pelo menos uma formação psicológica e moral básica, suficiente para não ser apenas um veiculador de más notícias, de más informações e, sobretudo, de conselhos perniciosos. Quando, por exemplo, se leem esses correios íntimos, que se encontram nos jornais, em que pessoas desesperadas vêm solicitar o auxílio de um redator ou redatora, e leem-se as soluções que oferecem a casos sérios, que exigiriam, como têm exigido, longos e pacientes estudos de psicólogos, psiquiatras, etólogos e moralistas, as soluções precipitadas e

estandartizadas; as respostas que dão, com toda irresponsabilidade que cabe a quem trata de um assunto que exige maior cuidado e estudo, como se fosse um simples conselho para usar um vestido desta ou daquela cor, e aconselha-se fazer ou não fazer o que poderá marcar um rumo definitivo, bom ou mau a uma vida, tudo isso é simplesmente de estarrecer. E se acaso alguém viesse dizer que tais programas deveriam ser proibidos ou realizados por equipes de homens e mulheres competentes na matéria, levantar-se-ia o vozerio daqueles que falam em liberdade de expressão, em liberdade da palavra, como se a liberdade pactuasse com a falta de ética e com a irresponsabilidade.

Não somos defensores da censura, sobretudo quando essa caiba ao Estado, já que esse se deixa arrastar pelos interesses políticos e pode, naturalmente, empregá-la com outras intenções. Contudo, é mister que se compreenda que a liberdade de imprensa prestou grandes benefícios, mas também trouxe males pela liberdade concedida a certos autores, que difundiram seus erros e suas tolas maneiras de considerar e julgar, que muito auxiliaram a pôr a atual humanidade numa situação de verdadeira desordem intelectual e moral. A desenvoltura com que intelectuais despejaram sobre o mundo ideias e mais ideias sem a menor consistência, sem uma base sólida, precipitadas formações filosóficas de autores não devidamente preparados, foi uma verdadeira desgraça. Quando ante os atuais conhecimentos da física e da eletrônica se vê que tantas teorias, fundadas apenas na matéria corpórea sensível como a última realidade e fundamento de todas as coisas (teses que foram afagadas pelos materialistas, que pareciam ameaçar céu e terra com as suas teorias, cujos corifeus eram apresentados como gênios incomparáveis), não têm mais nenhuma procedência, quando até sábios soviéticos se atrevem a afirmar que há algo além e superior à matéria, sem receio dos anátemas de Engels, todas essas doutrinas só têm um destino: o lixo. E o lixo, sim, porque tais senhores foram tão desaforados, tão pretensiosos, fizeram afirmações tão altissonantes das suas teorias, buscaram ridicularizar sem dó as doutrinas

contrárias às suas, muito mais consistentes e muito mais bem construídas, por terem bases matemáticas e ontológicas seguras, que hoje não se pode, nem se deve lamentar a sua derrota. A ignorância moderna do que se realizou de grande durante a Idade Média, incluindo as grandes obras filosóficas do Renascimento até o século XVII, foi causa de muita doutrina mal fundada, que teve a seu favor o apoio dos ignaros, mas que não podia vencer o tempo, como venceram o pitagorismo, o platonismo, o aristotelismo, o tomismo, o escotismo, o suarezismo, etc. Essas são doutrinas seculares e até milenárias, e suas teses são corroboradas cada dia mais. Todo avanço da ciência nesses últimos cinco séculos não pôs abaixo nenhuma tese fundamental dessas filosofias e, no entanto, derruiu centenas de doutrinas surgidas nestes últimos três séculos e que foram saudadas como a última palavra do conhecimento.

Ora, esses simples fatos já deveriam ser suficientes para despertar alguma suspeita na mente de muitos, que julgam que certas baboseiras que se pregam na atualidade sejam *superações* ao que foi construído tão cuidadosamente e com tanto carinho no passado, quando homens de talento empregavam todas as suas forças para desenvolver o conhecimento humano sob bases seguras e sólidas. O desconhecimento desses trabalhos, exaustivas análises sobre os temas que propunha a filosofia grega e também as revelações do cristianismo, produziu um grande mal para a humanidade, porque, permanecendo apenas entregue a um grupo de estudiosos, e sem dúvida o de maior valor hoje, não puderam fecundar a juventude desses últimos séculos. Essa deficiência permitiu que surgissem mirabolantes ideias, que viriam solucionar todos os problemas, solver o tema da verdade definitivamente e até oferecer uma solução acabada para as grandes dificuldades sociais da humanidade. Eram promessas, e nada mais que promessas, porque não passaram do campo das possibilidades e nunca penetraram no campo das realizações efetivas e definitivas. Atrás de utopias e quimeras viveu a humanidade três séculos de profundas convulsões sociais, para afinal realizar apenas, de modo sólido, o

que já fora previsto pelos que se dedicavam ao exame sério e cuidadoso dos fatos sociais. Sem dúvida cabe a homens da Igreja Católica e da protestante de toda espécie a culpa dos tremendos desmazelos havidos, como a invasão do barbarismo no campo da religião e no da filosofia, bem como as suas manifestações primárias no campo das ideias sociais, onde as mais abstrusas soluções foram propostas e as práticas mais descabeladas foram realizadas. Não soube a maioria do clero manter em pé a grande herança recebida da escolástica, nem soube criar uma apologética que estivesse proporcionada à época que vivemos. A religião perdeu terreno por culpa maior do próprio clero, despreparado para o advento das formas modernas de vida social. Por outro lado, os adversários da Igreja iriam aproveitar-se com ênfase de tudo o que parecesse derruir em seus fundamentos a religião e carimbar para sempre como falsas as suas mais caras afirmações.

O clero não soube e não pôde lutar em benefício do povo e permitiu que se explorasse a concupiscência popular pela exageração das ausências e pelas afirmativas exageradas de injustiça social, muito embora fundadas em realidades insofismáveis. Por essa razão, a Igreja se desligou mais do que convinha das massas populares, abandonou-as às mãos dos demagogos e dos construtores de panaceias sociais.

Uma literatura precipitada e eivada de erros encarregou-se de fazer a inteligência humana descambar para as mais torpes ideias, que eram apresentadas como o que de mais alto havia alcançado o espírito humano, verdadeiras fulgurações da verdade imortal. Anunciou-se a morte de Deus com ênfase, o fim da religião como algo próximo. Mas, ao mesmo tempo, as mais espantosas conversões abalavam o mundo. No campo da ciência hoje não se conhece nenhum grande sábio, realmente grande, que seja ateu. Alguns podem ser bafejados pela publicidade. Aliás, essa está sempre pronta para incensar as mediocridades. Mas quem conhece e pode aquilatar os verdadeiros valores sabe perfeitamente que o campo do ateísmo perde

constantemente os melhores elementos, e só aumenta o número de mediocridades. Essas mesmas, ao despertarem para a luz, afastam-se do negativismo e do barbarismo das ideias primárias e vão buscar novos horizontes. Sem dúvida as igrejas pouco têm contribuído para tais fatos. Grande parte dos convertidos não foram guiados por mãos de sacerdotes, embora haja muitos que realizaram impressionantes conversões. A maior parte dos convertidos o foram espontaneamente, por sua própria ação, por se lhes ter um dia clareado a mente e compreendido que o ateísmo, o materialismo, o positivismo e doutrinas dessa espécie não se mantinham em pé quando passavam pelo crivo de uma crítica filosófica séria.

Contudo, o mundo foi invadido e inundado de obras malsãs, que em nome do princípio de liberdade de imprensa vieram a público e infestaram toda parte. Pessoas despreparadas começaram a ler livros que sob o nome sagrado de ciência propunham doutrinas sem a menor consistência. Julgava-se que ser científico é ser materialista e ateu. Chegou-se a criar a impressão de que ciência e filosofia não podiam trabalhar juntas, e que a religião e a ciência eram polos contrários, uma do erro e da crendice popular, e a outra, do saber epistêmico, culto, sólido.

No século XIX, então, as controvérsias entre religião e ciência atingiram o máximo. Parecia aos olhos dos inadvertidos que o ateísmo havia ganhado para todo o sempre a batalha. As conquistas da ciência haviam mostrado a improcedência de qualquer credo religioso. A religião era apenas o campo bárbaro do conhecimento, e a ciência, o campo culto e civilizado.

A ciência *in vitro* resolveria todos os problemas que haviam angustiado a mente dos filósofos. O laboratório daria a solução final. O grande dia estava próximo, e havia até filósofos que temiam dizer que o eram, e religiosos que já escondiam a manifestação de sua fé, porque o inteligente, o superior, era ser ateu, blasfemar contra Deus, fazer graças com as coisas santas e, sobretudo, desancar o porrete no clero, “casta ignominiosa e infame”. Que o

clero merecesse muito do que recebeu, sem dúvida é procedente, porque foi quem contribuiu para tais erros, como ainda contribui, apoiando sem habilidade certas doutrinas modernas que se propõem solucionar todos os problemas humanos.[10]

Não é possível que a Igreja Católica e os protestantes queiram fazer alguma coisa de mais sério se não preparam devidamente os seus homens. Não é possível fabricar padres como se fabricam salsichas. A vida pastoral não é tão simples como parece a muitos. E, ademais, ele não vai encontrar pela frente apenas pessoas que precisam do amparo religioso, mas que precisam também de um forte amparo moral e filosófico. O clero não pode deixar de reconhecer essa necessidade. Por isso não é de admirar que inúmeros padres, sobretudo na América Latina, escolhem o lado do comunismo para lutar, julgando que é o único caminho que ainda oferece uma solução para resolver os problemas sociais que surgem nesta parte do mundo, dos mais agudos que existem.

A ignorância do clero sobre matéria social é lamentável. Havendo doutrinas sociais democráticas, libertárias e totalitárias, preferem esses homens as duas últimas, as mais contrárias ao verdadeiro espírito cristão,[11] embora mais agradáveis ao espírito de sacerdotes cesariocratas, que julgam que irão abiscoitar a revolução social para o seu lado, imaginando que os comunistas vão ser tão ingênuos que, quando vitoriosos, se um dia tal desgraça acontecesse no mundo, iriam poupar a Igreja e admitir que o clero participasse também do poder.

Queremos mostrar, assim, como o negativismo atua na sociedade invadida pelo barbarismo. Em todos os setores a recusa à positividade e ao construtivo se instaura. Nega-se o valor real para exalçar-se o desvalor transvertido de roupagens que não as suas. Desbraga-se em elogios para o que é mesquinho, e esses são poupados para os de real valor. O silêncio deve cercar a obra dos realmente grandes, enquanto o elogio encomendado é propagado aos quatro

ventos. Há grupos que orientam essa propaganda, mas subordinados a outros maiores. Estamos aqui em face de uma das mais criminosas organizações de exploração humana, verdadeira conspiração internacional, organizada por homens da pior espécie, criminosos natos e maliciosos, que chefiam a mais hedionda organização de exploração em todos os setores, incluindo o dos estupefacientes,[12] dos narcóticos, do tráfico de brancas,[13] do crime, etc., verdadeira internacional, que se liga em todos os setores da atividade humana e domina quase todos os meios de publicidade, influindo, ainda, indiretamente, nos que não domina, mas o suficiente para orientá-los segundo os seus interesses, que consistem em derruir a ordem cristã e estabelecer, outra vez, a ordem do *dente por dente, olho por olho*, que é a ordem genuinamente bárbara.

A denúncia dessa monstruosa organização já tem sido feita, mas inutilmente. Seu poder faz calar quem se atreva a denunciá-la. Até hoje não vimos nenhum marxista ter coragem de atacá-la. Apenas apontam aspectos particulares, fazendo cair a culpa sobre partes que têm o papel menor, nunca sobre os verdadeiros culpados.

Atribuir ao capitalismo americano todos os males, como fazem, é um modo injusto e desonesto de apontar erros, porque eles sabem muito bem que o capitalismo explorador e imperialista não é americano, mas, sim, internacional. Eles sabem ou deveriam saber o que lhes ensinaram seus mestres Marx, Engels, Lênin, Zinoviev, Kamenev, etc., que o capitalismo dessa espécie não tem pátria, e sabem, sobretudo, que os grandes trustes internacionais não são compostos de americanos apenas, mas de ingleses, franceses, alemães, suíços, italianos, levantinos de toda espécie, russos também e até de alguns brasileiros de renome e apoio popular. Sabem que tais homens não têm pátria e lutam pela destruição da ordem cristã que os embaraça, e que têm ao seu lado a cumplicidade de muitos homens do clero. Sabem disso. E se sabem, por que não denunciam? E se não denunciam como

podem impedir que sejam acusados também de cúmplices, quando defendem as mesmas posições no campo da filosofia, e no campo da política lançam seus ataques com endereço errado, propositadamente, pois sabem muito bem como se dá o mecanismo da exploração humana, pois seus mestres já lhes ensinaram, e não é possível que esses maus discípulos tenham memória tão fraca. Se a têm, aqui estamos para reavivá-la e pedir-lhes que vão ler outra vez os seus mestres, pois lá encontrarão a história contada desse modo, e não do modo como atualmente fazem.

Essa propaganda encomendada e teleguiada por grupos secretos é um dos mais sérios e graves problemas que surgiram para a humanidade, porque obedece a intenções maliciosas e cruéis. O cristianismo, pela sua índole, não favorece a exploração do homem pelo homem.[14] É a única religião que não se funda numa raça, nem numa casta, nem numa classe, nem num povo. É uma religião que não depende de nenhum fundamento cultural, já que o cristão pode surgir em todos os estamentos e poderia surgir em qualquer época. Essa é a razão por que ele provoca em muitos setores uma antipatia feroz. Há grupos raciais que o odeiam. Por outro lado, os que gostam de escravizar os homens, os que sentem extremado prazer sádico em ver alguém sofrer ou ser explorado por outro, os que têm um gozo infindo em ganharem à custa do suor alheio, os que se vangloriam de haver arrebatado de seus semelhantes o que lhes pertencia para utilizarem-no em seu proveito; em suma, todos os exploradores e expropriadores do homem têm verdadeira ojeriza ao cristianismo, porque esse, em sua pureza moral e filosófica, não se compadece com tais práticas. É demasiado humano para agradar a desumanos. É demasiadamente ético para agradar a monstros morais, é demasiadamente nobre e digno para agradar a almas sujas e infames. Não se poderia esperar outra coisa que uma aversão organizada em grande escala. Por outro lado, todo ato de fraqueza que homens da Igreja possam realizar causa um gáudio imenso aos adversários. Nada mais agradável para os seus

inimigos que o mau clero, que o religioso hipócrita, que a defesa tola da sua doutrina, que a pregação ingênua e mal fundada. Tudo isso é recebido com prazer pelos bárbaros, que sentem que o cristianismo se fundamenta em bases culturalmente muito fortes, já que nenhuma criação da ciência e da filosofia não cristã conseguiu abalar qualquer das suas teses fundamentais. Pode, naturalmente, quem desconheça o que se tem realizado nesse setor acreditar no contrário, mas isso será devido apenas à sua ignorância. Se há algum leitor que aceita o contrário do que dizemos, que leia a obra dos grandes autores da Igreja, as quais certamente desconhece, e verá que o cristianismo filosoficamente está fundado nos mais sérios postulados, e que a ciência, em nenhum momento, no que ela tenha adquirido de certo e experimentado, abalou nenhum desses postulados, senão para os inadvertidos.

Contudo, a opinião de amplas camadas de literatos e intelectuais é contrária ao que dizemos. Julgam que se dá precisamente o inverso. Muitas vezes, ao discutirmos com homens que se dizem anticristãos, observamos que eles constroem uma visão falsa do cristianismo. Não encontramos até hoje um único ateu que tivesse uma ideia clara e justa de Deus. O "deus" que eles concebem é uma caricatura, deformada pela imaginação e produto de leituras precipitadas em autores mal intencionados, que é atribuída aos cristãos.

Chegamos até a conclusão de que não há ateísmo; há apenas uma má colocação do que seja o teísmo. Desde o momento que se esclareça devidamente a concepção de Deus, a única concepção justa, não eivada de contradições, que podemos construir, tudo muda de figura e o próprio ateu vacilará em sua descrença.

É mister que se note que a descrença também cansa. O ceticismo, o agnosticismo e o ateísmo cansam, fadigam. Cada um sente a impossibilidade de prosseguir sem a crença em algo superior. Há um momento em que a sua mente e o seu coração se dirigem, incontroladamente, para uma fé. Se há muitos que já não podem crer, há muitos mais que já não podem mais

descrer. Há uma fonte de fé e de esperança no mundo. Se o espetáculo atual parece contristador, uma boa análise revela que esse desespero já é um desesperar do desespero e anuncia muita positividade para atualizar. Há campo aberto para realizar obras extraordinárias, à espera de novos apóstolos, mas humildes apóstolos, que saibam reconhecer o seu próprio valor e não desmereçam o de seus adversários, como o exige a justa humildade cristã.

A propaganda negativa a que assistimos está chegando ao seu ápice. Já fadiga, já repugna. Há muita fé a desabrochar. E há muitas mentes prontas para as grandes afirmações. É mister que os que sentem a necessidade de realizar algo positivo e construtivo procurem seus companheiros e afins, e unam-se a eles para fazer alguma coisa. Se há esperanças que se abatem e provocam em nós o desabrochar de desalentos que nos parecem invencíveis, será um erro deixarmo-nos entregues ao desespero, sem aguardar que brilhe outra vez em nós uma luz de esperanças nos altos valores.

Foi precisamente nos momentos em que tudo parecia perdido que a humanidade encontrou uma vereda que a pôs a salvo. Quando parece terem-se derruído todas as possibilidades, eis que surgem novas promessas carregadas de efetivas realidades.

Vivemos um momento terrível da nossa história. A invasão vertical dos bárbaros, ao lado da ação corruptora dos que desejam destruir nosso ciclo cultural, atuam terrivelmente, quase sem peias. Mas elas levam dentro de si também as suas posições, prontas a irromperem exigentes, e nós ainda dispomos de inesgotáveis recursos para a resistência e para a recuperação do terreno perdido.

À ação negativista é preciso contrapor a ação positiva. É mister, contudo, que se tenha bem aguda a suspicácia necessária para perceber o que há de negativo e denunciá-lo. É mister que ponhamos nossa consciência alerta e prestemos atenção a tudo quanto se faz de destrutivo. É mister ainda que atentemos para o que se apresenta de novo no mercado das ideias, e com

acuidade captar o que traz de malicioso e negativo. E então ter coragem de apontar o dedo para a chaga e denunciá-la. Titubear aqui é trair. Contemporizar é covardia. Nesse momento preciso em que se esclarece para nós a verdadeira intenção, nada nos deve impedir de aceitar o repto e enristar também nossas lanças e aceitar o combate.

EXPLORAÇÃO VICIOSA DO ESPORTE

Em primeiro lugar convém observar que o esporte, pelos seus fundamentos e suas finalidades, merece a melhor das atenções.

O que, porém, é de lamentar nele são as formas viciosas que toma, graças à sua barbarização e, por sua vez, o seu aproveitamento para favorecer a campanha de corrupção da estrutura cristã.

O profissionalismo no esporte tem sido mais um mal que um bem. Justificado por algumas razões, produziu efeitos desastrosos, criando uma profissão, onde deveria haver apenas um ato gratuito, ou pelo menos cujo interesse nunca se reduzisse ao do sistematismo capitalista.

A característica da sistematização capitalista consiste no intuito de tornar tudo em bens para o mercado. O capitalista não entende nem aprecia nada, senão pelo seu significado em cifras. O valor não é mais o *axiós*, mas o *thymos*,[15] não o valor intrínseco da coisa, mas o extrínseco, o valor de troca, e não mais o de uso.

Marx chegou ao ápice do espírito capitalista em *O Capital*, mais completa obra de sistematização capitalista, porque o marxismo é apenas uma doutrina capitalista do Estado, a desprezar como secundário o valor de uso e a atentar apenas ao valor de troca, pois, como dizia ele, já que ninguém iria produzir o que não tenha utilidade, todos os bens econômicos têm valor de uso, mas o valor de troca é o que varia e o que interessa nas avaliações econômicas.

Essa posição doutrinária na economia é típica do capitalismo sistemático, porque esse também não vê nas coisas o valor de uso, mas apenas o valor de

troca e, sobretudo, o seu *preço*. Essa maneira errada de visualizar a realidade econômica levou Marx a afastar-se de Proudhon, cuja visão concreta do valor era mais justa e filosoficamente mais séria, e fazer, então, da sua doutrina, a mais acabada defesa da concepção capitalista.

Deste modo se vê que o capitalismo desinteressa-se pelo *axiós*[16] para acentuar o *thymos*,[17] valor de troca. As coisas são sobretudo avaliadas pelo seu preço, pelo que custam em troca para obtê-las, e não é de admirar que o gosto *requintado* do capitalista se dirija mais pelo que é mais *precioso* (de mais preço) do que propriamente para o que é de mais valor. Um quadro para ele valerá na proporção das cifras, também um vaso, e assim por diante. É natural que essa mentalidade, dominando o ambiente social, já que o capitalismo sistematiza a sociedade, segundo a sua maneira de conceber o mundo, não só o esporte, mas a arte e a literatura teriam de sofrer como sofrem dos preconceitos monetários.

O resultado é a degradação que se verifica nos esportes, onde as mais deslavadas combinações e maquinações secretas são levadas a cabo, no intuito apenas de aumentar rendas e obter maior resultado. O esporte pelo esporte vai desaparecendo; o amadorismo morre à míngua de interessados, porque o próprio público só se interessa pelo esporte capitalizado. Como evitar, portanto, que o esportista se torne um egoísta, que só vê os seus interesses? Quem tem o direito de apelar para patriotismo ou outros valores a esportistas que são manejados como objeto de comércio para trocas comerciais? Sem dúvida, há muito brio em esportistas que, apesar de tudo, não se deixam avassalar pelo vicioso e reagem contra tudo isso. Mas a sua reação é um quase nada na avalanche que o cerca, seu protesto não é ouvido, uma multidão de subliteratos do esporte exploram-no como grande fonte de renda e não lhes interessa a verdade, mas a mentira, e fundada nela conseguem construir a sua carreira e a sua fortuna.

A exploração dos baixos impulsos é evidente no esporte violento, como a luta livre, e ainda no boxe, apesar do abrandamento que já tem conseguido. Se não há hoje lutas de gladiadores, com combates até a morte, é porque as autoridades não permitem, mas há regiões onde se permite ao homem ganhar a vida arriscando-a em lutas sangrentas.

Esses exemplos não são exagerados! Representam a realidade de uma desenfreada exploração sádica que o homem faz ao próprio homem. A culpa cabe a um número muito maior do que se pensa. Não são somente os empresários os culpados, pois esses não criam os gostos populares; são as exigências dos espectadores que levam a tomar alguns esportes a forma mais violenta e bárbara. Se os empresários pudessem livremente atender ao gosto sádico do público, as lutas de gladiadores sem dúvida voltariam e outras coisas piores!

ACUSAÇÕES AO CRISTIANISMO

Fatos como esses são aproveitados pelos bárbaros e pelos corruptores culturais para acusar o cristianismo, como culpado do que acontece. Dizem que a religião cristã não tornou o homem melhor, pois também se mata e se assassina, explora-se e odeia-se, destrói-se e abrem-se campos de concentração e pelotões de fuzilamento, sem que o cristianismo tenha impedido nada disso. Não podem, porém, dizer que ele fomentou tudo isso. E aqueles que o tentaram fazer foram definitivamente desmentidos. Resta-lhes apenas afirmar que não foi capaz de conter o bárbaro em nós e que, portanto, não nos queixemos que o barbarismo se alce, quando os cristãos deram oportunidades para tal.

Na verdade, repetimos, o cristianismo não favoreceu o barbarismo. Mas sem dúvida os cristãos não souberam combatê-lo até as últimas consequências. Uma parte se deve à índole humana, ao componente sádico e ao masoquista que nos domina, aos ímpetos destrutivos e malevolentes, que

há em nós, mas por outra parte, e essa é importante, se deve à desídia dos cristãos, e por que não dizer à traição de muitos deles, enquanto uma terceira parte se deve aos erros de sua propagação.

Como temos três partes salientadas, devemos analisar uma por uma, dentro da sobriedade, que é exigida por este livro, pois, como percebe o leitor, as matérias aqui abordadas dão campo a muitíssimas obras especializadas. Esta é uma obra de síntese, e não de análise. Se tivermos forças suficientes (e que nos perdoem os que se escandalizam por sermos trabalhadores e produtivos) talvez façamos isso alguma vez.

A parte da componência sádica e masoquista, e dos impulsos malevolentes, que a psicologia em profundidade estuda hoje em dia, sem dúvida tem um papel importante em tudo isso. Mas os trabalhos e o interesse de psicólogos de valor são dirigidos para a solução desse defeito, que pode ser sublimado para realizações socialmente superiores e eticamente dignas.

Quanto à desídia dos cristãos, não há cristão honesto que não reconheça que muitos que assim se chamam e se proclamam são refinados egoístas, que usam a religião para esconder seus defeitos e acobertar seus erros, e que na hora da vantagem não querem saber de nenhum cristianismo.

São por sua vez também muitos dos seus traidores, porque o defendem mal por suas palavras (e às vezes até com segundas intenções) e o combatem, sobretudo, por seus atos, pois, como o fariseu egoísta, batem no peito o *mea culpa*, mas continuam realizando o seu rosário de infâmias e explorações.

Mas o principal, para nós, está no terceiro aspecto. A propaganda do cristianismo se cingiu, desde os primeiros dias, a tocar na sensibilidade e na afetividade humana, e a fundar a doutrina cristã mais no coração que na intelectualidade, embora aquele mais sujeito ao domínio das paixões e aos desvios da concupiscência. Os grandes cristãos não surgiram apenas por esse caminho, mas também pelos caminhos da inteligência. Desde o momento que vivemos uma época de disseminação da cultura, e que vastas massas

humanas têm acesso ao conhecimento científico e filosófico, o cristianismo, mais do que nunca, necessitaria de verdadeiros propagandistas que soubessem manejar mais as razões, que falassem mais ao entendimento que à afetividade. O caminho para Deus não é só o do coração, é também o da mente. Há um itinerário da mente para Deus. A escolástica quis realizar essa obra, e em parte a fez, mas o vulto do seu empreendimento impediu a sua popularização. As dificuldades tão grandes que surgiram fizeram desanimar a muitos, e a ação encetada nesse setor apenas atingiu grupos reduzidos e não ao maior número, como era de desejar. Tudo isso nos mostra que há necessidade de rever os métodos e as fórmulas, que é mister novos apologistas, novos estudos dialéticos, que nos dediquemos mais à controvérsia, à agonística, e nos preparemos para tais embates. Impõe-se organizar grupos capazes de levar o conhecimento mais longe e os centros de ação não podem apenas cingir-se à ação pastoral e à catequese. É mister centros de estudos, de debates sérios, de controvérsias e de propaganda inteligente. Sem dúvida que o que abordamos aqui é matéria que exige amplos estudos, mas esses urgem, pois essa ação está sendo exigida imediatamente e não há tempo a perder. Os bárbaros estão *intramuros* e os corruptores da cultura estão aguçando seus punhais para atacarem pelas costas...

OS BLASFEMADORES

Esses pululam em nosso ciclo cultural, como todos os outros, sempre prontos a solaparem o que há de mais respeitável nas crenças religiosas. Há um despudor sem peias e uma falta de respeito às crenças, porque até as mais primárias têm direito ao respeito. Não é possível que um cristão levante sua voz para ofender Buda ou Brahma, Maomé ou Tupã. É fundamental que respeitemos todas as crenças. Nenhuma delas adora Satã, salvo o satanismo. Todas pretendem alcançar o verdadeiro Deus. Se são incompletas, não são

falsas em sua totalidade. Há algo respeitoso em tudo isso. No entanto, os blasfemadores andam à solta. Assistem-se nas TVs, nos rádios, a humoristas imbecis que fazem piadas com temas religiosos e chegam até a representações infames. E não são raros esses casos: multiplicam-se até. Em pleno século XIX houve uma tentativa de se reconstruir Sodoma e Gomorra. Proclamou-se o direito de viver uma vida licenciosa às escâncaras e há hoje quem o faça. Houve capitalistas que adquiriram conventos abandonados e até mosteiros, para neles instaurarem *cabarets* ou casas para encontros irregulares. Houve, na França, e ainda há, quem organizasse, num ex-convento de freiras, um alcouce, onde as prostitutas vestem-se de freiras e recebem blasfemadores. Houve ateus que adquiriram mosteiros, e o seu primeiro ato foi irem à capela e lá praticarem todas as imundícies possíveis, a fim de blasfemar e realizar gozosamente o sacrilégio. Houve e há satânicos que fazem sopas de hóstias e depois dão-nas aos porcos. Outros se aproveitam da Sexta-feira Santa para comemorar, em grandes orgias, a sua satisfação pela crucificação de Cristo. Tudo isso e muito mais e pior, o que nos peja relatar, foi feito, faz-se e se ameaça fazer. E tudo aos olhos complacentes das autoridades, e tudo isso numa afronta ao que pertence à dignidade dos outros, e que merece respeito. Qual o judeu que gostaria que se blasfemasse contra o seu Jeová, ou o árabe que chamem de cão o seu Maomé, ou o budista que acusem de louco o seu Buda? Nenhum, é certo. E ninguém tem o direito de fazê-lo. Ao contrário, tem o dever de respeitá-los. Se não crê, respeite. Não é possível que alguém afronte a dignidade da Virgem Maria, porque não crê nela, ou que diga que Cristo era um invertido,[18] ou coisa semelhante. Essas estúpidas atitudes satânicas são a manifestação da indignidade humana. É mister ter decência até em sua descrença, é preciso ser nobre até no seu ateísmo. Podem não crer em Deus, mas respeitem a crença alheia. Essas práticas hediondas revelam o caráter dessas pessoas e são descritas em livros de autores que recebem Prêmio Nobel, proclamados

luminares da inteligência humana. Mas isso só pode agradar a pessoas embotadas de qualquer senso moral, a perfeitos loucos morais, cujo destino deverá ser o hospício de alienados, e não a praça pública, e muito menos os galarins da glória falsa. Não vamos citar esses autores, pois não queremos auxiliar a propagação de suas obras, porque não faltam loucos iguais, que, sabendo o endereço de seus afins, não os busquem para um contubérnio de indignidades.

Os bárbaros são blasfemadores contra os deuses de seus rivais. Foram eles que dirigiram os seus cavalos aos templos e transformaram altares em manjedouras. Foram eles que profanaram templos com orgias torpes, inundaram de imundícies os lugares santos para tantos crentes, não respeitaram a dignidade de pessoas que consagraram a sua vida a uma crença ou a uma missão e violentaram corpos com intuitos sacrílegos. Tudo isso houve, há e ameaça prolongar-se. A blasfêmia e o sacrilégio são uma ofensa à dignidade humana e revelam a baixeza da alma de quem os pratica. Esse barbarismo cresce. Na Rússia, fazem-se procissões satânicas para desrespeitar as crenças religiosas, e palhaços e loucos morais não trepidam em representar esses papéis torpes.

Isso tudo é barbarismo, mero barbarismo. Cultura e civilização exigem que se discuta com decência e raciocínios seguros, sobre a mesa das disputas honestas, a validez ou não de tais crenças. A afronta, a lama atirada, o berro desabrido, a imundície à solta não são argumentos senão de doidos morais, sem inteligência, nem finura intelectual.

O PROBLEMA ÉTICO

O que caracteriza a ética culta e civilizada é a sua fundamentação na prudência como hábito reiterado do saber (virtude é um hábito reiterado e bom), do conhecimento dos princípios, meios e fins, e inclui, subordinadamente, a sabedoria, a ciência, a filosofia, etc. Funda-se na

moderação, no manter-se equilibradamente entre os excessos contrários, pois o vício, como hábito continuado do que é mau, pode surgir, também, de uma virtude tomada em excesso.

A moderação é a temperança nas paixões, o evitar-se os excessos, o saber manter-se no meio-termo justo e bom. Por isso a moderação exige também a justiça, o reconhecimento do que é devido à natureza das coisas, o respeito aos seus direitos, a ausência da lesão ao direito alheio, o saber dar a cada um o que lhe cabe. E exige ainda coragem, ânimo forte, a capacidade para saber arrostar os riscos, que a prática do bem pode exigir, sem cair nos excessos da temeridade e da audácia. Vê-se, assim, que a prudência precisa dos freios da moderação, da iluminação, da justiça e da força, da coragem, como a moderação necessita o auxílio da prudência, os limites da justiça, a coragem que faz vencer os ímpetos exagerados, e a coragem o conhecimento da prudência, os freios da moderação, a visão clara da justiça. Todas essas virtudes cooperam entre si para dar os melhores resultados. Soltas, são incompletas; cooperando, são poderosas. O homem verdadeiramente culto sabe dosar seus atos. O bárbaro, não. Esse se deixa arrastar pelos excessos da coragem que o levam à temeridade, à audácia; pelos excessos da prudência, que o tornam astucioso, manhoso; pelos desvios da justiça, que o tornam cruel, inclemente; pelos desvios da moderação, que o levam à ira, à cólera, à destruição.

Que nos mostra o espetáculo de hoje? Não há exemplos viciosos que se repetem e se multiplicam? *Bárbaros intramuros*... É mister apontá-los, e apontá-los até dentro de nós, porque em nossos momentos de fraqueza e de desfalecimento somos bárbaros também. Que cada um faça seu exame de consciência e compreenda que não há nessas atitudes nenhuma grandeza, pois a temeridade e a audácia bárbaras não são manifestações de força, mas apenas de fraqueza na capacidade inibidora; revelam apenas que aquele que os sofre é um fraco em sua vontade e em sua inteligência. Por isso é presa

fácil de suas paixões e de sua concupiscência. Só os fortes, só os corajosos são moderados e prudentes, porque tais virtudes exigem mais inteligência e vontade do que deixar desencadear as forças primitivas.

Dizia Nietzsche, e nisto ele era bem cristão, que o homem de real valor não é aquele que levanta o gládio e desfecha o golpe, mas aquele que, sendo capaz de levantar o gládio, não fere e perdoa.

A ética do bárbaro é a ética do dente por dente, do olho por olho. É a ética da vingança, é a norma do que deseja apenas o castigo, do sádico que só se satisfaz ao ver o adversário morder o pó da derrota. Não é o que vence e dá a mão para levantar o vencido. Não é o que busca a solução que o tornará amigo de seus semelhantes. Não é o que ama, mas o que odeia.

O bárbaro ameaça a nossa ética. Invade todos os caminhos, penetra nos lares, nas escolas. Quer estabelecer a sua grandeza na sua miséria, proclama a sua força onde essa não está, aponta a sua exaltação, quando ela é depressão, e quando julga olhar a sua altura apenas está vendo o vale, em cujos pântanos ele perdura. Seus voos são apenas saltos de sapos, ou arrancos de fera, nunca o voo das aves que invadem o azul do céu e que são símbolos da grandeza e da inteligência humana.

O PROBLEMA DO NEGRO

À primeira vista pode parecer que tratar do problema do negro aqui é tentar colocar um tema totalmente deslocado, em lugar impróprio. Mas veremos que tal não se dá, e que o tema do negro é de capital importância para o exame desta época que caracterizamos como invasão vertical de bárbaros.

A África, sobretudo a negra, esteve desde um longo passado mergulhada no desconhecido para os europeus, e seus povos de cor alimentaram os campos de cativeiro, não só de europeus, que ali dominavam, como, sobretudo, dos próprios africanos, pois a escravidão negra não se pode

atribuir aos europeus, porém muito mais aos próprios africanos, visto que esse instituto é mais de origem bárbara que de origem culta.

Por outro lado, com exceção do Egito, com certeza, a África sempre esteve imersa no barbarismo, desde que a conhecemos. E a cultura egípcia não é propriamente de origem africana; ao contrário, é de origem europeia, como é matéria pacífica, hoje, entre os estudiosos de antropologia e arqueologia. Desse modo, a África, propriamente dita, ou seja, a raça negra, não construiu nenhuma alta cultura.[19]

Ora, o importante, ao tratar deste tema, é jamais desbordar-se de modo a cair na demagogia moderna, que aproveita as condições dos africanos e de seus descendentes para amplas explorações contra adversários políticos, acusando estes das condições de miséria em que deixaram os povos da África, e também os seus descendentes em outros países, sobretudo americanos. Ora, os que assim falam são filhos ou netos, ou descendentes de antigos escravagistas, que se afirmam amigos do negro (como chamaremos daqui em diante para simplificar) e que se apresentam agora como seus aliados e amigos sinceros, em cuja sinceridade há africanos que realmente acreditam, e alguns, mais astuciosos, simulam acreditar.

A verdade, porém, é que da mesma massa em que são feitos esses novos arautos da liberdade negra[20] eram feitos os seus antigos exploradores. Se a raça negra, por seus representantes, quiser procurar quais foram os seus amigos, não os encontrará nunca do lado dos grupos políticos de todos os tempos, porque os de hoje falam de amizade, de liberdade, de autodeterminação ou coisas parecidas, essas também eram as mesmas palavras dos antigos "amigos" que traziam, porém, às costas, algemas para prender os seus filhos, se não as escondiam nas costas de aliados negros, mais escravizadores que os escravocratas europeus.

Portanto, a verdade para o negro é a seguinte: os amigos brancos verdadeiros nunca foram os que fazem política na Europa e da parte dos

negros estavam os seus maiores carrascos, negros escravizadores de negros, negros capazes de caçar negros para vendê-los aos brancos, negros que caçavam negros para escravizá-los, e não os vendiam aos brancos, mas transformavam-nos em seus próprios escravos. Em suma, negros contra negros, negros escravizados ontem, escravizadores amanhã; negros escravos que só sonhavam em poder caçar negros para escravizar, negros que desejavam obter a liberdade e açulavam os seus irmãos a fazê-lo com a intenção de conseguir vendê-los, depois, como escravos, ou deles se apossar para seu proveito. Em suma, tanta miséria, tanta, que a repetição dos aspectos é a mesma, com variantes tão sórdidas, umas como as outras.

E assim sempre foi a África, sempre, e hoje também é assim. Hoje, também, há os que prometem libertar, mas querem escravizar.

Os negros não têm amigos:

1. entre os próprios negros;
2. entre os brancos;
3. os únicos amigos que os negros conheceram foram negros ou brancos animados por um ideal religioso, e só por um ideal religioso, e nada mais. Mesmo entre esses, houve os que falharam, houve hipócritas, houve traidores.

Ora, quem conhece a África sabe que a incorporação do negro na cultura e na civilização branca é um problema desafiador. São milênios de vida selvagem, de espírito tribal, de sectarismo, de exclusivismo, de lutas cruentas entre povos, grande parte ainda antropófagos e de uma ferocidade animal, populações inteiras primárias, de baixo nível cultural e técnico, que sempre viram naquele que tem uma fisionomia e um corpo parecido consigo, não o seu semelhante, e muito menos o seu próximo, mas, ao contrário, o seu inimigo atual ou potencial, alguém que deseja explorá-lo, escravizá-lo,

dominá-lo. Repetimos: quem viajou à África, quem estudou os povos africanos, sobretudo os negros (pois, aqui, queremos tratar apenas dos negros) sabe que é assim. Não estamos exagerando nada, estamos sóbrios, sobriíssimos, apenas mostrando o que é geral, o que é universal lá, sem salientar as formas excessivas que ultrapassam até as imagens num pesadelo de tigre. Não queremos nos referir a exceções, apenas à regra geral.

Os africanos conscientes, aqueles que já cursaram universidades europeias, que já receberam os ensinamentos religiosos (sobretudo esses) sentem estímulos (mais vagos ou mais sinceros) de serem diferentes. Notem bem, *sentem vagos e talvez sinceros estímulos de serem diferentes*. Não estamos ainda absolvendo-os, não estamos elogiando-os, senão dentro de certos limites; queremos crer em sua sinceridade, mas em termos, em limites, com dúvidas bem salientadas, e exigindo provas muito robustas e constantes de que essa sinceridade seja real.[21]

Os negros sabem disso. Eles não têm memória, como nós que também formamos um povo sem memória, mas sabem muito bem que sempre apareceram amigos, muitos negros e brancos chamaram-se, intitularam-se amigos. Mas os amigos de verdade, aqueles que lutaram por eles, foram aqueles missionários que penetraram pelas selvas, que arrostaram todos os perigos imaginários para levar-lhes um pouco de bem-estar, de instrução, de conhecimentos úteis, que os ergueram da miséria em que viviam, que lhes deram um pouco de apoio e de humanidade, mas que, para não malograrem em seus bons intentos, para não se encontrarem em face de tremendos malogros, viram-se forçados a adaptarem-se à esquemática africana, a tratar os negros com energia, mostrarem-se como superiores, porque, na África, digam o que quiserem os pseudoamigos dos africanos, só se respeita a autoridade que esteja investida de muita força, só se respeita aquele que é capaz de castigar. É preciso remover himalaias para conseguir despertar num africano o sentido do amor e da disciplina, o respeito ao semelhante e ao

superior, e nessa esquemática não se acresça a ameaça da violência e do castigo. Pode urrar, querendo contrariar-nos, quem o quiser, mas essa é a verdade dos fatos, e chamamos para isso o testemunho de todos os homens que lutaram realmente pelo bem dos negros, inclusive Schweitzer, para citar um contemporâneo de maior renome mundial, e o mesmo aconteceu com os jesuítas, que ainda hoje mantêm suas missões, e obras grandiosas na África. Lutaram sempre no bom sentido missionário, quiseram fundar igrejas, ou seja, assembleias de Deus, juntar homens de uma tribo ou de várias, numa visão humana e cristã da vida, que não mais se olhassem apenas como entes entre entes, mas como irmãos ante irmãos, e eles, todas as vezes que adocicaram ou abrandaram as suas atitudes, e não foram severos para com eles, exigindo-lhes com energia e disciplina, não conseguiram nada, nada, nada. Nem eles nem ninguém.

A verdade é que na África, tudo quanto se pretenda fazer com algumas palavras brandas, com expressões de afetividade, em que não se esconda ou se dê de leve a impressão que o transviado receberá a chicotada, nada se consegue de positivo.

O negro, na sua quase totalidade, não entende ainda outra voz. Schweitzer viu-se obrigado a ser enérgico. Se não chegou a usar o chicote, teve necessidade de fazer crer que era capaz de fazê-lo. Porque se ele sorrisse demais, passasse a mão brandamente pelas costas, fosse benevolente, toda a sua obra estaria perdida. Era preciso saber "morder e assoprar", como entre nós, aqui, para a maioria da população. É preciso saber pular de oito para oitenta, como se diz na nossa gíria, que é expressiva e prudente. E na verdade é assim que procedem nossos homens públicos, e assim têm de proceder porque benevolência demais leva ao abuso; severidade demais leva à apatia, ou ao terror, à fuga. Viver os extremos. Eis a grande tragédia do povo africano; eis também, em grau menor, a nossa tragédia. A grande desgraça de um povo está precisamente quando se vê nessa contingência.

Porque viver os extremos é o sinal da barbárie. Os bárbaros é que vivem os extremos. Os cultos e os civilizados vivem entre os extremos, sem tentar atingi-los, tudo fazendo para nunca atingi-los, para manter-se no termo médio, nada em excesso, e num grau superior, no termo médio bom e justo, como o dos pitagóricos. Ora, isso tem sido impossível de atingir de pronto, aqui, e muito menos na África. Não adianta se argumentar com exceções, pois o que nos interessa, em primeiro lugar, é a regra geral. A exceção é apenas a esperança de que há uma saída, pois onde podem surgir exceções, essas podem, pelo menos, multiplicar-se.

E precisamente nesta verdade da vida prática podemos nos fundar para fazer alguma coisa de melhor, e também nela devem fundar-se os que verdadeiramente querem o bem dos negros.

Há entre os negros exceções, pois que se multipliquem. Se apenas pensarmos na regra geral, ou se nela não pensarmos, cairemos em dois erros de graves consequências:

1. se pensarmos nessa regra, prosseguir-se-á fazendo o que sempre se fez;
2. se não se pensar nela, não cuidaremos das exceções, e nunca se fará nada em benefício do negro.

Não se pense, nem de leve, que seja possível uma redenção coletiva imediata da raça africana. Quem crê nisso é ingênuo ou malicioso. Quem pregue isso, como uma verdade, engana com boas ou más intenções, mas engana.

A elevação da África será a mais tremenda tarefa do fim do século XX e do século vindouro. Muito sangue derramarão os africanos, muita faca africana atravessará o corpo daqueles que parecem seus semelhantes, muito punhal africano se afundará em costas de pele preta, muita corda suspenderá

do pescoço seres parecidos com seus algozes, muito crânio africano servirá para banquete de africanos, e muita carne africana alimentará corpos africanos. Muita miséria humana, muita, muita desgraça humana, muita promessa não cumprida, muita maldade, muita infâmia, muita demagogia, muita falsa amizade, muita mentira, himalaias e himalaias de mentira, himalaias e himalaias de traição o mundo verá, o mundo sofrerá, até estarrecer-se, esgotado do próprio pavor.

Mas, também, muita vitória, a princípio claudicante, muito africano aprenderá a ver no homem de cor preta algo que, além de parecido, é semelhante, que, além de semelhante, é próximo, que, além de próximo, é amigo, que, além de amigo, é irmão. Muitos estenderão também as mãos aos outros, muitos deixarão de ver no homem de cor preta o explorável e sentirão por ele amor, e sentirão, afinal, amor pelo bem de quem ama, compreenderão a caridade, saberão o que é, na verdade, caridade; libertar-se-ão dos milênios e milênios de opressão e da esquemática da polaridade senhor-e-escravo, que é uma polaridade que a África viveu sempre. Pensarão em libertar, mas para libertar sabem que não é apenas isentar-se de umas algemas e preparar-se para adquirir outras. A libertação exigirá a vitória sobre a ignorância, as paixões e os preconceitos. Muita coisa grandiosa também haverá, e talvez a exceção torne-se a regra geral, e então a luz que dominará a África não será mais o sol causticante e cruel, mas a luz do amor acrisolado, da vontade livre e purificada, do entendimento esclarecido e forte. E então Cristo, o maior símbolo humano de todos os tempos, o exemplo dessas três capacidades máximas a que atinge a mente humana e a que pode atingir qualquer ser inteligente, reinará nos corações africanos, e os braços brancos e negros se encontrarão, não mais para destruir, mas para o abraço fraternal que ainda não veio.

E não veio, porque a culpa não é dos negros apenas, mas nossa sobretudo, de nós, os brancos, os cultos e os civilizados. Se as condições deles não

foram favoráveis, as nossas intenções não foram honestas, quase nunca.

Nós não vimos a África também, de outro modo, senão como este:

1. uma terra de gente bárbara e cruel, estúpida e infeliz, de homens lobos do próprio homem, de homens tigres do próprio homem, hienas, chacais de cor preta e de feições parecidas às nossas, mais animais que homens, talvez uma raça que tenha provindo de espécies inferiores, cujo parentesco conosco é longínquo.
2. portanto, que devemos fazer deles senão escravos, já que não compreendem o trabalho livre, já que se negam disciplinar-se para viver cultamente, já que se obstinam em conservar os costumes bárbaros e vivê-los com intensidade sempre a mesma, imutavelmente. Ademais, a escravidão, que lhes oferecemos, sempre será melhor que a oferecida por seus sobas. O escravo, tratado por nós, recebe melhor passadio e assistência do que recebe de seus senhores de cor preta. Nisto há uma profunda verdade que os jovens românticos abolicionistas escamotearam e quase todos os defensores dos negros têm esquecido.

Ora, tais maneiras esquemáticas de considerar os negros é uma decorrência fiel da maneira dos negros considerarem-se a si mesmos. Trataram-nos como os negros trataram uns aos outros. Houve uma equivalência de atitudes, e apenas uma divergência quanto aos beneficiários de tudo isso.

Estamos exagerando? Todos os africanistas ilustres, todos os que foram à África e viram-na com olhos observadores e justos sabem que não exageramos. Podem afirmar que falamos num tom muito alto e veemente, mas neste momento em que verdadeira e tremenda nova exploração do negro se faz à custa do negro, é preciso veemência, e dizer as coisas que devem ser ditas, embora não agradem aos brancos que ocultam novas algemas, e aos

negros cúmplices de brancos, que se escondem atrás das costas pretas, e aos negros que desejam pô-las em outros negros para seu único benefício. Esses não gostarão do que dizemos, esses dirão que mentimos, esses dirão que exageramos. Não os que sabem como as coisas se dão, não os que não desejam que as mesmas coisas se repitam, não os que se demoraram a estudar a realidade africana que é de estarrecer.

Quando se examinam tais fatos é mister, como agora, tomar um pouco de fôlego, porque tudo isso saiu de um jato, num misto de indignação e de ira.

É de ira, porque sabemos que é árduo, que é tremendamente difícil conseguir o inverso, fazer o contrário de tudo isso, de que se dispõe de parcos elementos, e africanos raros para um trabalho decente e realmente proveitoso. Para fazer demagogia, para agitar, para pôr armas nas mãos dos negros para que matem negros e brancos indiscriminados, para açular ódios, para fazer crescer preconceitos, para assombrar consciências, para enegrecer de trevas as mentes, há milhares e milhares prontos para esse trabalho, dispostos até a morrer para levar avante o mesmo que se fez sempre na África.

Mas o trabalho de missioneiros, indo aos africanos como verdadeiros amigos, por amor do Deus de bondade, para ajudá-los realmente a lutar contra as dificuldades, e realmente semear o bem, é ainda diminuto, restrito. E é natural que seja assim. Sabemos que entre as coisas mais belas do homem está, sem dúvida, a heroicidade, sobretudo quando ela é sábia e santa, mas sabemos, também, que é ela rara.

Não se improvisam desses heróis, e é difícil buscá-los entre os brancos.

O que é encontradiço nos brancos são os falsos amigos, aqueles que falam em sua integração na sociedade moderna e nada fazem de realmente útil para arrancar os negros de uma esquemática que ainda os domina. É verdade que o negro americano, o afro-americano, descendente dos que nasceram na África, já apresenta caracteres novos, e surgem nele figuras exemplares e nobres, capazes de muito fazer em benefício dos irmãos de raça, que ainda vivem na

África. Mas há ainda muito que fazer aqui, até que os afro-americanos possam levar aos africanos um auxílio poderoso. Muitos negros daqui, que foram à África, cheios de boa vontade, voltaram decepcionados, e muitos desesperados. Falai com eles, e eles vos dirão a verdade. Talvez muitos prefiram calar, magoados com a sua decepção. Mas outros dirão o que viram, o que sentiram, e o estado de alma que vivem hoje. É difícil, e quase impossível, despertar-lhes outra vez a esperança. Lá na África também há muitos africanos cultos, os quais foram movidos de entusiasmo e da fé de que seriam capazes de fazer alguma coisa de grande a favor de outros negros, e hoje, desolados, ou se deixam cair na apatia, ou no desespero, quando, o que é pior, não retornam à barbárie e tratam barbaramente os seus irmãos.

Não vamos prolongar mais esta parte. O que queremos salientar é que a maneira errada como entendemos o negro e o que fazemos aqui em relação a ele nada aproveita à sua culturalização, nem conserva a nossa. Ao contrário, lutamos pela barbarização deles e pela nossa. Não adianta que tomemos da sua música e a popularizemos entre nós, julgando que, com isso, faremos uma melhor aproximação; não adianta que facilitemos o seu ingresso em nossa sociedade, se não lhes damos os meios para evitar os malogros. Que adianta, como se têm feito, dizer que ao negro são dadas as mesmas oportunidades, se isso é apenas teórico e não prático?

Que nos adianta dizer que os negros devem elevar-se até os mais altos postos, se grande parte deles nem sequer pensa em votar em negro, mas só em branco? Que adianta lutar por eles, quando os auxiliamos a que creiam que é mais importante abrir escolas de samba do que abrir escolas para ensinar os filhos? Que adianta lutar por eles, quando os açulamos para que, nos batuques, nas congadas, nas escolas de samba, nos terreiros, no carnaval, na aguardente, malgastem os seus mais poderosos esforços?

Há atrás dessa mentirosa benevolência do branco uma intenção terrível. Se ela não é de todos, é dos que movem nos bastidores as nossas ações. Na

verdade, enquanto houver apenas samba e mais samba, escolas de samba e carnaval à vontade, o negro continuará sendo o negro que sempre foi. Enquanto na África se afirmar que queremos libertá-lo, atirando-o na vida econômica para a qual não tem esquemas, para concorrer nos mercados sem mecanismo de defesa, substitui-se a escravidão política pela econômica, sob o nome de autodeterminação dos povos. Muitas das nações livres da África encontram-se hoje em situação pior do que estavam quando eram colônias. E para ocultar a verdade do malogro, diz-se que é natural que seja assim. A liberdade cobra muito caro no início, mas, depois, ela paga com bons juros (à brasileira?). Mas isso é mentira, porque a derrocada que se observa na África não é preço da liberdade, é preço da incapacidade de ser livre. É preciso preparar os africanos para a liberdade, e isso ninguém fez e muito menos os próprios africanos. É mister que não mintamos mais. O problema africano desafia a mente dos homens honestos e afastados da política, que realmente possuem boas intenções. É preciso que em todo o mundo se reúnam os que pretendem cristãmente o bem dos negros para que trabalhem, para que estudem e promovam providências que realmente possam beneficiá-los. Não cremos em ações organizadas por Estados políticos. Esses sempre servirão a interesses inconfessáveis.

Não cremos em nações amigas que estendem os braços a outras nações. Os Estados foram sempre egoístas, ontem, hoje e o serão amanhã. Acreditamos, sim, em homens, em grupos de homens, que abrigam em suas intenções o que é honesto, mas que não basta crer em suas intenções, nem confiar nelas, que ajuntem também o estudo sério sobre o problema, e que se reúnam a alguns negros que têm alma não de escravo, nem de escravagista, mas alma de homens livres e cristãos, e trabalhemos com eles para fazer alguma coisa em benefício deles, mas cujo caminho será em despertar, acima de tudo, neles, a convicção que há de ser por eles e através deles, libertando-se de tudo quanto há neles de cruel, de bárbaro, que irão lutar pelo bem dos seus semelhantes.

Do contrário deixai-os continuar batucando, gingando os corpos em suas escolas de samba, fazendo trejeitos frenéticos e histéricos nas ruas das cidades para gáudio dos brancos. Deixai-os, porque então eles escolheram o seu destino e são responsáveis do que fazem, porque sabem muito bem o que fazem...

O SECTARISMO E O EXCLUSIVISMO

Este tópico deverá preceder o anterior. No entanto, deixamo-lo para depois, porque evitamos assim a repetição de muitos aspectos importantes, pois já estão de certo modo contidos no que se examinou até agora.

Quando um grupo de homens afins, que aceitam uma determinada doutrina ou crença, fecham-se sistematicamente em grupos, considerando-se absolutamente senhores da verdade do que afirmam, e negam-se a participar mais intimamente com outros grupos semelhantes, e não toleram o diálogo amigo com os opositores, organizando-se, ainda, de modo fechado e autoritário, reagindo com energia aos que lhes fazem até mínimas restrições, esse grupo se secciona, se separa, cria um abismo entre ele e o restante, forma uma seita. A seita é tribalismo nas ideias. Os mesmos defeitos do tribalismo são transferidos para ela. Não é o sangue nem a raça o que os aproxima, mas a crença, a doutrina; às vezes a mera opinião. A seita é um resquício bárbaro, que ainda sobrevive em nós, pois o culto e o civilizado palestra, mantém contato, discute, é humilde. É sobretudo humilde. Sabe aquilatar o seu verdadeiro valor e sabe também aquilatar, reconhecer e proclamar o valor alheio, justamente considerado. Não basta aquilatar, é preciso reconhecer e proclamar, porque muitos reconhecem os valores dos outros, mas calam-se, silenciam-se a respeito deles, porque lhes convém, pelo silêncio que fazem, também silenciar o que lhes faz alguma sombra. Tudo isso é barbarismo.

E esse barbarismo dominou os séculos e os milênios, e perde-se nas brumas da proto-história. Sempre houve, sempre há, e talvez sempre haverá,

em graus maiores ou menores, seitas e, sobretudo, o espírito sectário. Esse é ainda o mais importante, porque consiste naqueles que, embora não pertençam a qualquer seita organizada, têm o espírito de seita e não concebem que suas ideias possam ser discutidas. Opõem-se a tudo quanto ponha em desmerecimento, ou fira, mesmo de leve, que levemente roce, o que consideram a sua verdade.

Ora, se se trata de matéria especulativa, a demonstração será a autoridade única que resolve a validez ou não de uma tese, se é em matéria prática, há outros meios para avaliar-se a justeza e a retidão de uma tese. Mas para o sectário, nada disso. Ele tapa o sol com os dedos, pondo-os sobre os olhos. O sectário é um cego intelectual, ou pelo menos um míope. Barbarismo, ainda. Do sectarismo ao exclusivismo é só um passo, pois quase todos os sectários são exclusivistas ("só nós temos a verdade") e desprezam todos os outros. Mas se forem obrigados a provar a sua verdade, em geral não sabem fazê-lo e não encontram demonstrações suficientemente apodíticas. Ora, em matéria de filosofia especulativa a única autoridade é a demonstração; e essa, segundo as rigorosas regras da lógica e da boa dialética. No terreno prático, como estamos entre coisas contingentes, a demonstração vale para a parte especulativa que se pode extrair dela; quanto à parte prático-prática, ela exige outros rigores, mas nunca serão válidos para garantir o que sucederá senão probabilisticamente.

A distinção entre a filosofia especulativa e a filosofia prática é importantíssima. É verdade que autores modernos não a estudam bem e por isso é natural que façam confusões entre uma e outra. Ou melhor, façam confusão entre o especulativo e o prático. Por isso aceitam como praticamente certo o que alcançam especulativamente e vice-versa, e é essa a razão por que, depois, os fatos os desmentem categoricamente. A filosofia especulativa dirige-se apenas para a verdade e para afastar a falsidade; a filosofia prática tende para o certo e para evitar o errado, para o conveniente.

Mas muita coisa certa pode ser falsa especulativamente. E disso não sabem os que julgam haver ultrapassado esses temas, como há o que é especulativamente certo e, na prática, não tem o mesmo rigor.

Com exemplos tudo se esclarece, pois a matéria é vasta e dela tratamos em outros trabalhos nossos. No triângulo, especulativamente, a soma de seus ângulos internos será necessariamente igual a dois ângulos retos, mas o triângulo, que traçamos ou podemos idealmente estabelecer entre aquela estrela, o Sol e a Terra, jamais terá esse número de modo perfeito. O ser humano, tomado especulativamente, é um animal racional, mas se, praticamente, é assim, o é com graus de heterogeneidade. Em suma, a filosofia prática, como tem por objeto a vida prática humana, ativa e fática (técnica, arte), trata do que é contingente, do que acontece contingentemente. A filosofia especulativa, como se cinge ao estudo dos conceitos, ideias, esquemas imutáveis e eternos, caracteriza-se pela precisão absoluta de suas teses e resultados. Desconhecer essa diferença é desconhecer, desde logo, a filosofia, e se até os que a conhecem cometem erros aqui, confundindo uma com outra, muitos maiores têm de realizar os que nem sequer admitem essas distinções. Assim, há mais de dois milênios, filósofos (que realmente o eram) sabiam o que depois se diria na concepção da relatividade generalizada e já estava exposto em seus trabalhos. Sabiam que a matemática é especulativa, mas que, na prática, não atinge as perfeições que atinge naquela. Mas sabiam que as impressões da prática, em muitos casos, como no da matemática, eram de menor importância e podiam ser desprezadas, como tecnicamente o são.

Há, assim, um saber:

especulativo – especulativo (ou teórico)
especulativo – prático
prático – especulativo
prático – prático

Não é difícil, aos que tiverem boa vontade, distingui-los. Como não tratamos de matéria filosófica *ex professo*, mas apenas acidentalmente, não é mister aprofundar o tema, bastando apenas apontá-lo e, sobretudo, mostrar que a confusão entre o saber especulativo (teórico) e o prático é *uma característica fundamentalmente bárbara*, que revela o grau de barbarismo a que atingiu a filosofia moderna, porque filósofos práticos querem com dados práticos estabelecer conclusões especulativas, o que, naturalmente, não conseguem, como se vê entre existencialistas modernos, e outros, que provêm como formas viciosas do kantismo.[22]

Em suma, outro dos mais terríveis aspectos do barbarismo é este, cujas consequências atiram-nos cada vez na barbarização, como sucede, por exemplo, com filósofos modernos, que não passam senão de bárbaros da mais elementar espécie.

A VALORIZAÇÃO DO CRIMINOSO

Para finalizar esta primeira parte, na qual examinamos, sobretudo, os desvios bárbaros que têm as suas maiores raízes e fundamentos na sensibilidade e na afetividade, pois os que se encontram no entendimento passarão a ser tema na parte segunda, vamos encerrar com o exame da valorização do criminoso que se observa em nossos dias.

Para o bárbaro, o criminoso é visualizado duplicemente: segundo o seu crime atinja a tribo ou alguém da tribo, ou se atinge quem não é da tribo ou se além disso é inimigo. No primeiro caso, há crime pleno; no segundo, atenua-se e, no terceiro, anula-se. O crime não é concebido enquanto em si mesmo, ou em relação à coletividade, mas apenas em relação ao objeto da lesão criminosa, a vítima.

O mesmo ato lesivo pode ser considerado infame ou nobre, tudo dependendo de quem ou do que sofre.

Em geral, é o criminoso punido pela lei do dente por dente, do olho por olho, no primeiro caso, e só.

Verifica-se, no Ocidente, depois do que sucedeu em épocas passadas, que voltamos, agora, principalmente, os olhos para o criminoso. A lesão em si torna-se secundária, e o objeto da lesão também. Uma benevolência crescente vai cercando o criminoso, e há tendência para considerá-lo apenas como um doente mental. Como a ideia de liberdade foi falsificada, como os que falam nela pouco dela entendem e menos ainda entendem os que a combatem, como a confusão é reinante neste setor, como se tende a transformar o homem apenas num feixe de reflexos, numa coisa que reage a outras coisas, e não num ser que dispõe de inteligência e de vontade, essas últimas, reduzidas até a meros reflexos e nada mais, a benevolência quanto ao criminoso cresceu além dos limites justos, porque, realmente, havia, em nossos antepassados, uma visão exagerada em relação ao criminoso, a ponto de as penas serem desproporcionadas à lesão real do crime.

Ora, nem tanto à terra nem tanto ao mar. Se uma acentuada benevolência, dentro de limites justos, se impunha, não havia necessidade de se cair de um excesso a outro excesso. Hoje há uma tendência viciosa para tornar o criminoso mais numa vítima do que num responsável. E isso só tem servido para estimular o crime. O crime multiplicou-se e atingiu índices apavorantes. Já há quem pergunte se a sociedade humana, dentro de alguns decênios, não contará só com delinquentes e loucos, cujo número cresce em proporções avassaladoras. O número dos que se salvam diminui assustadoramente, apesar da repressão policial e de toda a propaganda dos amigos dos criminosos, dos que postulam penas cada vez mais suaves, se não terminarem alguns por pedir estátuas aos criminosos, como já se tentou erguer a um criminoso, que habilmente abalou muitas consciências.

Não se pense que defendemos excessos. Queremos sempre permanecer no meio justo e bom, conforme a grande máxima pitagórica. E bom aqui é o

justo, o conveniente, visto com prudência e moderação, porque deve haver até moderação na benevolência. A magnanimidade e a clemência pertencem à moderação, sim, mas exigem a justiça, a prudência e a coragem, para que não se tornem viciosas. A magnanimidade e a clemência têm de se manifestar contidas na justiça, de modo a nunca ofendê-la.

Impõe-se abandonar a demagogia com os criminosos. Eles precisam de nosso auxílio, sem dúvida, mas o que é mister, do lado da sociedade, é que não estimulemos a sua multiplicação. Que adiantaria lutar para salvarmos os que sofrem de uma determinada doença, se nos afanarmos ainda em propagá-la? Salvaremos ou melhoraremos os indivíduos, mas prepararemos o terreno para que os criminosos não se multipliquem.

E há ainda barbarismo aqui. O barbarismo está na benevolência exagerada. Nós procedemos para com os criminosos como os bárbaros, que julgam que o crime cometido contra outros, tribalmente estranhos, é lesão de menor importância. Os que sofrem as lesões são nossos irmãos, e os que ainda poderão sofrer também o são. Como impedir a proliferação do crime, que ameaça tragar esta sociedade, se essa se polariza, hoje, na mais estúpida das polarizações *polícia x bandido*, e não prossiga avante, desenvolva-se, avassale?

PARTE II

O Barbarismo e a Intelectualidade

Chama-se, na cristalografia, de *pseudomorfoses* as formas de alguns cristais que não lhes são peculiares, mas esses, por serem produzidos por gases que escapam por aberturas na rocha de configuração determinada, acabam por adotar a forma desta. São assim pseudoformações (*pseudos* = falsos e *morphósis* = formações), pois essas formações não correspondem essencialmente ao que o cristal teria num desenvolvimento normal.

Assim há, na sociedade humana, muitas formações aparentemente cultas e civilizadas, mas cujo conteúdo, na verdade, é bárbaro, e bárbara também a sua causa eficiente. São assim bárbaros em sua causa eficiente, em sua causa material e em sua causa final, mas apresentam formas distintas. Essas formas, porém, não são substâncias, como se estuda na filosofia, mas apenas acidentes, dando, contudo, a impressão de que sejam realizações que decorram normalmente de uma origem culta. São por isso *pseudomorfoses*.

Já tratamos de diversos aspectos que aparecem cultos na sociedade, mas que têm uma origem bárbara. Veremos agora mais diretamente as manifestações dessa espécie, que são as que estão mais ligadas à parte intelectual ou têm a presença do entendimento mais acentuada.

DESVALORIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA

Não há dúvida de que certas maneiras excessivas de considerar as possibilidades da nossa inteligência, sem considerar os limites que lhe são opostos, limites, contudo, que ela pode apenas intencionalmente ultrapassar com esquemas do entendimento superior, levaram muitos à posição contrária, que consiste em negar essas possibilidades e reduzir a nossa inteligência às condições meramente materiais corpóreas, uns explicando-a pela fisiologia, como os behavioristas e reflexologistas modernos, outros pela mecânica dos sentidos, como os sensualistas, etc. Todas essas soluções que degradam a inteligência não têm qualquer consistência filosófica e só podem ser defendidas por pseudofilósofos, e alguns cientistas de alguma capacidade no campo da ciência, mas de completa incapacidade filosófica. Como se tem entendido por filosofia a confusão das ideias modernas, suspensas no ar, fundadas em assertivas várias e precipitadas, não é de admirar que alguns dos defensores de tais ideias riam-se de dizermos que lhes falta base filosófica, pois, para eles, base filosófica nada mais seria que pôr as cabeças acima das nuvens, já que os filósofos seriam apenas sonhadores e nada mais. Essa concepção da filosofia decorre dos desmandos que filósofos modernos realizaram, pois, embora sejam homens inteligentes, são despreparados para filosofar e julgam que, para realizar-se alguma coisa de notável na filosofia, basta deixar o pensamento divagar e fazer asserções de toda espécie, cabendo a estas apoiar-se em alguns argumentos, como se fossem suficientes apenas argumentos para dar força a uma ideia, quando se pode argumentar para apoiar até erros. O que é exigível no verdadeiro filosofar é a demonstração apodítica, aquela que não admite a possibilidade de erros, pois os juízos são universalmente válidos, não que todos os aceitem, mas que, tendo um nexo de necessidade entre o juízo e o predicado, não pode ser distinto do que é, o que facilita alcançar a verdade lógica e até ontológica, segundo o caso. Ora,

nenhuma dessas filosofias que conhecemos, e que estrepitosamente foram saudadas como grandes realizações do espírito humano, conseguem ser reduzidas a postulados apodíticos. Podem apresentar coerência, como algumas delas o mostram, mas os postulados, que são princípios do seu filosofar, são falsos e não resistem a uma análise. Essa a razão por que tais filosofias, mais dia menos dia, entram em colapso e desaparecem do cenário do filosofar, onde outrora brilhavam estrepitosamente com o mesmo desencanto dos fogos de artifício, quando subitamente se apagam.

Por essa razão, muitos cientistas olham com desconfiança para a filosofia porque, ante a grande publicidade que recebem algumas obras medíocres, julgam que tais autores são o suprassumo da inteligência filosófica e sentem, depois, ojeriza pelo que não conhecem, pois pensam que o mais alto no filosofar é o que tais autores realizaram.

O bárbaro, por suas condições, tem verdadeira ojeriza da inteligência. Sua inteligência permanece quase totalmente dentro do campo da esfera cogitativa, que é um grau primário daquela. Sua esquemática é fundada nos sentidos, e seu pensamento situa-se apenas nos dados da memória e no material oferecido pela fantasia, pela imaginação, sobre os quais ele trabalha, construindo esquemas de primeiro grau de abstração, já que os esquemas de segundo e de terceiro graus exigem maiores esforços, aos quais, em geral, não os alcança em seu conteúdo noemático, mas apenas *nominaliter*. Usa as palavras correspondentes, sem que haja precisão na representação. O resultado é a dificuldade que tem em compreender tais esquemas e, como a raposa ante a uva, toma a atitude de desprezo. Procura esconder a sua insuficiência, negando valor ao que o suplanta. A luta contra os altos voos da inteligência então se processa. O que assistimos, com todo o irracionalismo que aparece em todos os ciclos culturais, e em todos os tempos, é um exemplo. O romantismo já apresentou aspectos sem dúvida elevados, mas estava entremeado de manifestações bárbaras. Era uma verdadeira

pseudomorfose culta, pois abrigava em seu conteúdo os elementos fundamentais de que falamos acima, eminentemente bárbaros. Em parte é o romantismo um dos maiores favorecedores da barbarização a que assistimos hoje, pois é agora que estamos colhendo os frutos da seara romântica, sobretudo no campo da filosofia.[23]

A valorização da intuição foi um dos cavalos de batalha desse movimento. Mas que resultados ela nos ofereceu? Acaso a intuição resolveu qualquer uma das grandes aporias filosóficas? Ora, o valor de uma doutrina filosófica pode ser medido pelo grande número de aporias, de dificuldades teóricas que ela oferece. Quanto menor número de aporias, maior valor terá essa doutrina. Acontece que tudo quanto a filosofia moderna ofereceu para substituir o genuíno pensamento pitagórico, platônico e aristotélico, que usufruíram de grandes contribuições pelos medievais, em vez de diminuir as aporias, que se apresentavam naquelas posições, além de conservá-las intactas, sem oferecer soluções plausíveis, ainda acrescentaram inúmeras outras, criando uma selva aporética, na qual o homem se entranhou, e não encontra a vereda para a sua salvação.

É certo que esse tema não pode ser examinado aqui analiticamente, porque a finalidade desta obra é mostrar o panorama geral da invasão vertical dos bárbaros, a que assistimos hoje. Apenas nos cabe dizer que a aporética, considerada como se deveria, nos mostraria que hoje, no filosofar que não segue as linhas mestras dos gregos, estamos em plena aporia, imersos no maior caos aporético que conhecemos, à semelhança do que ocorreu na Grécia, nos séculos finais da decadência.

O que queremos esclarecer, corroborando o que dissemos na parte anterior, é que a desvalorização da inteligência, a dúvida descabida que lhe emprestam, tem levado os intelectuais modernos a tenderem para a mecanização do saber, para o protocolário, para o cibernético, etc., com graves prejuízos para o melhor desenvolvimento da capacidade intelectual do

homem. Passaremos a mostrar as principais promoções e providências para a barbarização da inteligência, que é uma das mais constantes práticas que hoje se observam, sob o estímulo, apoio e cumplicidade daqueles que deveriam estar à frente do conhecimento, e vigilantes deveriam velar pela purificação da nossa inteligência e não permitir que ela se degrade a ponto de prostituir-se na mão dos maliciosos.

A DESVALORIZAÇÃO DA VONTADE

Assim como a filosofia especulativa é uma realização suprema do entendimento (da intelectualidade), a ciência prática é uma realização da vontade. No especulativo, tende-se a buscar a verdade e a afastar-se da falsidade. Os esquemas são rígidos, as ideias imutáveis, e sua realização exige apenas a sequência regular da intelectualidade. Mas, na vida prática, onde a vontade do homem impera, em que a sua vida ativa e fática traz sempre a marca direta da sua vontade, aquelas são dirigidas, não propriamente para a *verdade*, mas para o bem, para o que é benéfico, para o que é conveniente, para o que é certo, afastando o errado.

A vontade é uma *oréxis* do bem, é um ímpeto que *pede* (*ad petere*) o bem, que parte para o bem; contudo, é uma *oréxis* já intelectualizada. A vontade do homem não é o mero apetite do animal, é essa *oréxis*, que já distingue o bem próximo e os remotos, e tende, necessariamente, sempre para o bem, até o bem máximo, final, último, o bem supremo. Confundir a vontade com o desejo, com a volição, o querer usado na linguagem popular, foi um dos graves erros que muitos cometeram, e é uma posição verdadeiramente bárbara ante essa faculdade de nossa mente confundi-lo com o ímpeto meramente animal.

A vontade é uma deliberação intelectual, e não um impulso cego. O bárbaro não compreende assim, porque a sua vontade ainda não desabrochou a ponto de alcançar a liberdade. Para o bárbaro, liberdade é apenas a isenção de vínculos, e não a capacidade de escolher entre futuros contingentes, capacidade que cabe à vontade assistida pelo intelecto. Desse modo, quando certos psicólogos e “filósofos” querem reduzir a vontade ao ímpeto meramente animal, estão barbarizando a sua concepção e trabalhando, assim, para maior barbarização da psicologia como ciência e do homem como ser racional.

RIDICULARIZAÇÃO DO INTELIGENTE

Não é por consequência de admirar que em certos filmes vejamos a glorificação do estudante que apenas se interessa pelo atletismo, pelos esportes, e a caricaturização do que realmente estuda, que se dedica ao conhecimento. Quase sempre esse é apresentado como um indivíduo excessivamente desajeitado, mal conformado, de cabeça grande, óculos imensos, queixo fino, cara de fuinha, que evita os divertimentos, que apenas se interessa por livros e, quando fala, é enfadonho, porque só trata de temas culturais.

Ou, então, o sábio é um pobre louco, que constrói um invento, o qual põe em risco a humanidade, e o herói, de grande musculatura e agilidade, vence e domina com facilidade. Hoje, em suma, caricaturiza-se o sábio, do mesmo modo que os senhores da nobreza, outrora, caricaturizavam o homem de negócios, o mercador, o banqueiro, o industrial de origem plebeia.

É que, embora muitos não creiam nisso, o sábio formará, com o tempo, uma casta, incluindo nela, também, os técnicos, e formarão uma espécie de aristocracia de amanhã, que não demorará muito para tomar o poder econômico, depois aspirará ao poder político, e terminará por obtê-lo. Então os tecnocratas e sofocratas de amanhã passarão a fazer peças de teatro, como os burgueses faziam criticando e caricaturizando os nobres, mas, desta vez, caricaturizando os burgueses, que passarão a ser mostrados com trejeitos, com gestos e atitudes desmesurados e anormais, capazes de provocar gostosas gargalhadas dos espectadores.

Mas o perigo que há em nossa época é que essa desvalorização da vontade, como devidamente deve ser compreendida, e também da inteligência, pode levar à barbarização da ciência e da técnica.

BARBARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

Consequências que podem surgir do que acima dissemos, porque ao se desligar, como se fez, o cientista da filosofia perene,[24] o sábio, graças a esse desvinculamento, pensando que filosofia é essa mixórdia que se apresenta por aí, despreza-a totalmente e, entregue apenas à aridez da sua especialidade, desligado da universalidade, poderá tornar-se um monstro que vê tudo segundo a cor da sua proveta, e dentro do campo estreito que lhe permite ver a sua viseira. E então será ele um candidato nato ao barbarismo. Imaginai todo o poder da ciência e da técnica atual em mãos de bárbaros. Não é preciso muito esforço para conceber o que de terrível se passaria sobre o mundo. Não é exigível uma imaginação fértil demais para conceber o que seria de nós se dependêssemos de meros especialistas, que nada entendem do que estiver fora da sua especialidade e que nem sequer conhecem os princípios da sua especialidade, pois só a filosofia pode tratar desses princípios e, por isso mesmo, *nem a sua especialidade* conhecem bem. Todos esses seres, estranhos e desconhecidos, ignotos, incomunicáveis uns aos outros, servindo a algum césar que deles surja, e que será forçosamente bárbaro, nos transformariam em cobaias, em tubos de experiência, em coisas numeradas e protocoladas. Que mundo terrível esse! E esse mundo vem aí, senhores, esse mundo se aproxima a passos de gigante. Não é para séculos, é para decênios. E tudo isso não se soube evitar. Nada se fez de útil para humanizar esses sábios, que pouco ou nada têm de sabedoria, porque esta é uma virtude prática, que nos liga às virtudes dianoéticas, mas que tem como objeto o conhecimento dos primeiros princípios.

E o estudo dos primeiros princípios está desterrado da maioria das escolas. O ceticismo e o agnosticismo produziram seus frutos. Há legiões de professores céticos e agnósticos, que dizem que nada podemos saber dos primeiros princípios. Que eles não possam saber, não duvidamos, e aceitamos

como verdade. Mas que ninguém possa saber, é mentira. Não têm esses senhores o direito de levar a sua petulância e temeridade a ponto de julgar que os outros todos são como eles. Não lhes cabe o direito de fazer afirmações tão categóricas em matéria que, de antemão, eles reconhecem que nada sabem.

Onde está a prova de que estudaram o assunto? Não conhecemos nenhuma, nem ninguém conhece nenhum que tenha dedicado o seu tempo a estudar aqueles que realmente trataram dos primeiros princípios, e também dos últimos. São eles ignorantes sobre as obras mestras que se dedicaram a essa matéria. Nem por ouvir dizer eles as conhecem. Ignoram até os nomes dos principais autores. Nunca se debruçaram a analisá-las, nem cremos que seriam capazes de fazê-lo devido à fraca mente filosófica de que dispõem, o que não lhes favoreceria nenhum progresso. Seria mister que começassem desde o princípio, ao bê-á-bá da filosofia, pois desconhecem a lógica formal, a material, a demonstrativa, a dialética no bom sentido, a matese, a ontologia, etc. Nada estudaram de crítica, porque se tivessem estudado não defenderiam ideias falsas já ultrapassadas por milênios, refutadas totalmente, que se reavivam em suas mãos.

Esses homens não aceitam o debate com os que lhes poderiam pôr à mostra a sua ignorância palmar. E, se o aceitam, fogem pelas portas falsas da piada ou das desculpas ridículas, deplorando a fraqueza da mente humana para entender o mais elevado, razão pela qual é melhor suspender os juízos, porque nós nada podemos saber, por nos estar vedado para sempre o conhecimento dos primeiros princípios, cujas leis regem todas as esferas da realidade.

O que esses senhores fazem é simplesmente isto: mentem com toda língua, com todas as cordas vocais, com todos os dentes naturais ou postiços, com as gengivas, com o sopro, com os gestos, com tudo. Mentem e provam que nada conhecem do assunto. Mas como ocupam postos, que dão a presunção de que

são realmente sábios, podem, então, aproveitando-se da ignorância natural e desculpável da juventude, instilar o seu veneno cético ou agnóstico. Pretendem, assim, fechar para sempre as portas por onde os jovens, que serão os cientistas e técnicos de amanhã, poderiam enveredar e encontrar apoio sólido para os seus estudos, e também encontrar a linguagem universal que os uniria aos companheiros, evitando que, ao tornarem-se especialistas, não contenham o necessário grau de universalidade, que lhes permita ser um afim daqueles que seguem caminhos outros. Nesse caso, os sábios se entenderiam. Mas que sucederia se cientistas e técnicos se entendessem?

Aqui é o ponto crucial. Os cesariocratas de nossa época sabem muito bem que esse perigo é terrível. É o que desenvolveremos nos tópicos a seguir.

A LUTA CONTRA A UNIVERSALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Os cesariocratas de nossa época (bárbaros sem dúvida), senhores do *kratos* político, são suficientemente astuciosos (astúcia é da inteligência animal também) para saberem que os cientistas e técnicos são os próximos candidatos ao *kratos* político, e não os servidores (proletariado), pois esses nunca na história se apossaram de tal *kratos*, nem têm possibilidades de fazê-lo, pelo menos enquanto proletários, apesar de o sr. Karl Marx ter "previsto" essa possibilidade.

Sabem os cesariocratas que a única forma de imperar é dividindo. É uma velha máxima da vida prática, que eles aprenderam e usam. Enquanto permanecem os cientistas e técnicos apenas na especialidade, esses continuarão sendo apenas servidores dos césares. Se entre eles houver uma linguagem, de modo que se entendam, o perigo tornar-se-á próximo, porque, entendendo-se nas ideias, entender-se-ão, mais dia menos dia, numa ideia social, que não será mais aquela oferecida pelos césares, que pode agora ser aceita como válida, porque eles não têm capacidade crítica para analisá-la, mas que, amanhã, lhes irá aparecer como realmente é: um amontoado de incongruências, que só servem para justificar o cesarismo, o domínio arbitrário de mediocridade, que usam da brutalidade organizada para brutalizar a maioria desorganizada.

Desse modo, qualquer universalização do conhecimento, uma disciplina que lhes dê uma visão universalista, que una os cumes das montanhas e permita que cientistas e técnicos se entendam no que se refere aos primeiros princípios, eis que a vantagem obtida desaparecerá.

Portanto exclamam os césares: "Para a frente, professores céticos e agnósticos, nossos bons cães de fila, nossos fiéis servidores, nossos criados obedientes e competentes. Continuem firmes na vossa tarefa de dividir, para que nosso reino seja eterno!"

Só desejamos que nossas palavras possam permitir a certos olhos que vislumbrem alguma luz que lhes permita sair das trevas em que se encontram. Seria remexer numa ferida dolorosa se continuássemos a dizer tudo o que poderíamos dizer sobre este tema. Mas o leitor suprirá o que falta.

O importante é que se compreenda que a valorização desenfreada da especialidade é a arma mais hábil empregada.

A VALORIZAÇÃO DO ESPECIALISMO

A argumentação em favor do especialismo é inegavelmente vasta, e parece que prova a seu favor, mas, na verdade, não prova. Vamos examinar os principais argumentos e respondê-los.

PRIMEIRO ARGUMENTO

Se compararmos o conhecimento que tínhamos no século XIX, só na astronomia, com o que temos hoje, bastaria dizer que com o número de planetas, astros, constelações, etc. que conhecíamos, se quiséssemos com eles fazer um mapa, caberiam todos num retângulo mais ou menos de 1 metro por 1 metro, salvante mais ou menos as proporções. Se hoje tal quiséssemos fazer, o mapa teria o tamanho da Lua ou maior. Desde logo se vê que quem desejar estudar astronomia, hoje, tem não só de dedicar a vida inteira, mas especializar-se nas diversas e inúmeras divisões que os estudos astronômicos hoje exigem.

Esse argumento é improcedente pelo seguinte: se um astrônomo quisesse conhecer tudo, apenas do nosso sistema solar, sua vida seria pouca. Mas que se entende por esse *tudo*? Nele se incluem todas as coisas que podem ser objeto de conhecimento. Mas será preciso que saibamos *tudo* sobre a Terra para sabermos que é ela um planeta? Será necessário que saibamos *tudo* sobre esse ser que está à nossa frente para sabermos que ele é João?

Será que as leis cosmológicas não atuam no campo astronômico? Se conhecermos cosmologia não estaremos aptos a saber o que é essencial da astronomia, e não nos basta ter alguns conhecimentos mais específicos para que nos coloquemos com certa segurança nessa matéria, de modo que possamos entender o que de mais particular o nosso amigo astrônomo pode oferecer ao conhecimento dos astros? Será que as leis ontológicas não regem também a astronomia?

Ora, negar-se tudo isso é desconhecer o que já foi feito. Um astrônomo que desconheça a cosmologia científica, a cosmologia especulativa, a ontologia e ainda a matese conhecerá a astronomia, em seus princípios, menos do que um filósofo. E se conhecer tudo isso poderá dialogar com o filósofo, e com bastante segurança. E também poderá dialogar com o físico, porque, conhecendo tais matérias, também conhecerá os princípios da física, e poderá dialogar com um botânico, com um mineralogista, com um zoólogo, com um antropólogo, com todos os cientistas, em suma, que também conhecerem os mesmos princípios.

Naturalmente que na sua especialidade há conhecimentos acidentais, particulares, que os outros desconheçam. Mas esses não são os mais importantes nem imprescindíveis para que nos encontremos no campo da ciência, e não apenas no campo do futebol.

Muitos se admiram que certos autores possam tratar de muitas e variadas matérias, como aconteceu com Aristóteles, Pitágoras, Aristarco de Samos, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Duns Scot, Suárez, Benedito Pereira, Pedro da Fonseca, Baltazar Álvares, Santo Alberto, Ramón Llull e tantos outros. Mas observe-se que tais autores trataram das matérias incluídas na universalidade de seu conhecimento porque eram filósofos. Se se especializaram em algum assunto, fizeram-no sem perder o fundamento na universalidade, que é a filosofia. As matérias de que trataram fizeram-no do ângulo filosófico. Não foram meros observadores a catalogarem fatos, a juntar fichas, a acrescentar dados. Foram homens que pensaram sobre alguns dados para tirarem conclusões seguras. Para o filósofo, não há necessidade de fazer longas experiências para tirar uma conclusão segura. Um simples fato da experiência, se o filósofo for realmente filósofo, lhe permitirá com facilidade classificar antepredicamentalmente os termos do juízo que formule. Desde logo verá se é um juízo de contingência ou de necessidade, segundo o modo de haver-se do predicado em relação ao sujeito. Ele logo

saberá classificar se o atributo é um gênero, é uma espécie, é uma diferença específica, é uma propriedade ou é um acidente. E ele não errará, porque ele sabe como proceder com absoluta segurança. Ele concluirá com absoluta segurança que tal atributo pertence ao gênero, à espécie ou será uma propriedade genérica ou específica, ou será um mero acidente relativo ou, então, um absoluto. Ele sabe como fazer. Ele não precisa amontoar fichas e fichas de conhecimentos para chegar a conclusões seguras. E tanto é verdade que, quando devidamente conduzidas, a ciência posteriormente só veio confirmar as grandes conclusões alcançadas pelos filósofos anteriormente citados. As que foram derruídas, uma minoria ínfima, se bem examinadas, revelaram estar mal construídas. Das cerca de cinquenta mil sentenças que esses filósofos lançaram, apenas umas cem ainda admitem controvérsias, por falta de dados suficientes.

Parece estarmos a ver o rosto de dúvida, ou o gesto agressivo de muitos, que dirão que nossa afirmativa não tem fundamento. Pois os que duvidam que se dediquem, como nós nos dedicamos, a tais estudos. Que diminuam suas horas de passeio e de conversas inúteis, que assistam menos à televisão e percam menos tempo em leituras nocivas e inúteis, e se dediquem às obras dos autores que citamos. Nós também, em certa época, sofremos do vírus bárbaro da ignorância petulante. Também riríamos se nos dissessem tais coisas. Por isso perdoamos aos que riem hoje. Mas, um dia, o destino nos fez cair nas mãos obras monumentais, e um mundo novo se descortinou. Felizmente isso foi bem cedo em nossa vida, porque tivemos jesuítas alemães a guiar nossos primeiros passos na filosofia, que sabiam da matéria e desde logo nos apontaram as obras que deveriam ser lidas. Não as lemos logo, mas aguardávamos que um dia elas caíssem em nossas mãos. E esse dia chegou. Então compreendemos como era ridícula toda essa atitude de pseudofilósofos. Da noite para o dia nos libertamos da tolice de perder tempo em ler baboseiras.

Portanto, o que nos cabe dizer é que o filósofo, que realmente o é, está devidamente capacitado para tratar universalmente de diversas matérias, não o está o especialista, que não tiver a vinculação necessária.

SEGUNDO ARGUMENTO

O *segundo argumento importante* consiste em afirmar que o especialista não tem mais tempo para esses estudos. Sim, se realmente ele os pretender fazer em *extensidade*, admitimos que não o terá, mas se os fizer apenas em *intensidade*, poderá tê-lo. Não é necessário que vá ler a obra de todos os grandes autores que citamos, pois corresponderiam a muitos milhares de volumes, já que seria mister ler outras obras, paralelas a essas, de autores não citados, e de valor inestimável, e que não podem ser relegados a segundo plano. Mas poderá, por exemplo, dedicar-se ao estudo da filosofia concreta, [25] como a propomos, que lhe dará as bases fundamentais de um conhecimento concreto da universalidade e que o guiará para que possa, com cuidado, invadir outros setores. O bom estudo da lógica pode ser feito, como o da cosmologia, o da ontologia, o da matese. Com essas bases, incluindo a crítica, ou seja, a teoria do conhecimento, e um pouco de dialética sólida, poderá perfeitamente encontrar os meios para esse fundamento que lhe faz falta, e isso não lhe ocupará mais que uma ou duas horas por dia.[26]

É comum afirmar-se que há falta de tempo precisamente dos que têm tempo, mas que não sabem usá-lo. Há sempre tempo para estudar. Conhecemos pessoas que trabalham catorze horas por dia e ainda estudam. Sabem aproveitar o seu tempo, todo ele, para o bom conhecimento e só procuram cercar-se daqueles que lhes ministram conhecimentos, e não trevas nem confusões.

Desse modo se vê que a mania especialista de nossa época tem uma função desastrosa e prejudicial para o que se especializa, como para a humanidade.

Nós lutamos para oferecer aos especialistas uma sequência de obras que os oriente no caminho da universalidade, apesar da irritação que isso possa causar a certos despeitados, que não nos perdoam sermos trabalhadores e produtivos.

DESVIRTUAMENTO DA UNIVERSIDADE

É desnecessário fazer aqui um histórico da formação da universidade. Ao aceitá-la, Inocêncio III pediu que fosse ela sempre um foco de ideias sãs, e não a propulsora de erros, que dariam resultados maléficos. Se assim fosse, a universidade não só falsearia as boas intenções, como se tornaria mais maléfica do que benéfica.

Ora, os grandes erros filosóficos e toda a confusão posterior, que solapou o pensamento sólido dos medievais, foram propagados pelas universidades. Essas perseguiram muitas grandes personalidades da filosofia. Fizeram silêncio em torno das maiores obras e exaltaram as mediocridades mais completas. Basta que se faça uma lista do que aconteceu e se verá, então, que todos os espíritos, que em sua época foram incensados pelas universidades em detrimento de outros, foram afinal os pigmeus, enquanto os preteridos foram os gigantes.

Foi assim e quem quiser estudar história, com isenção de ânimo, verá que essa foi a regra geral. Não se argumente com exceções. Essas são raras e muitas vezes não passam de equívocos.

Se desejássemos relatar as peripécias, sobretudo da Universidade de Paris, teríamos uma colheita imensa de fatos, inclusive em nossos dias, quando os estudantes daquela casa vaiavam e pediam a cabeça de Pasteur, impediam que Einstein desse conferências lá, faziam grupos à frente para obstar que Freud expusesse as suas ideias. Isso para não citar o que aconteceu com Alexandre de Hales, com São Boaventura, com Santo Alberto, com Santo Tomás, com Duns Scot, com Wading, com todos que foram até preteridos por mediocridades.

Ora, a universidade não pode servir ao barbarismo. Se ela se coloca do lado das teses bárbaras luta contra a cultura. Se prega o especialismo *à outrance* e nega a possibilidade da base universalista, ela deixa de cumprir a

sua verdadeira missão e trabalhará, assim, para o aumento da barbarização, o que temos de evitar, se queremos que nossa cultura permaneça.

SILÊNCIO SOBRE OS QUE SABEM PENSAR

Como complemento do que dissemos anteriormente, queremos frisar que, em todos os tempos, os grandes criadores, os que souberam pensar, os que ergueram o pensamento humano mais alto, sofreram sempre do que se chama a "conspiração do silêncio". As mediocridades colocadas nos altos postos, e esses quase sempre foram ocupados por mediocridades, tiveram o máximo cuidado, em sua defesa, de fazer o silêncio sobre todos os criadores que pudessem fazer-lhes sombra. Foi sempre assim... Encheríamos páginas de exemplos, se quiséssemos citar o que aconteceu com Dante, Camões, Cervantes e ainda com os grandes filósofos, etc. Remetemos o leitor para as páginas da história. Verá que só no fim da vida, e nas vezes mais favoráveis, quando a avalanche de fatos era tanta que não podiam mais ocultar um grande valor, e sobretudo quando surgiam novas gerações, é que esses reais valores foram compreendidos, em parte, sem dúvida, e mereceram, nem todos, porém, o reconhecimento dos seus contemporâneos. A maioria só postumamente foi entendida, e alguns esperaram séculos para sair do silêncio. Mas as suas sombras agora ocultam totalmente aquelas mediocridades de então, que só têm algum renome porque se opuseram aos grandes, e só estão nas páginas da história, alguns com o estigma da indignidade, e nada mais, e outros apenas porque atiraram pedras nos altos valores.

E muitos ainda continuam após séculos e séculos e há até valores ainda não reconhecidos, senão por raros, que já contam séculos de silêncio.

Sabemos que reconhecer os grandes valores contemporâneos é difícil. Os escolásticos, por princípio, não citavam em suas obras autores vivos. Esperavam que o tempo indicasse o valor deles. Se citavam algum contemporâneo era apenas nas polêmicas, e quase sempre para salientar algum erro grave que ameaçava fazer adeptos. O critério não é mau, embora

não seja o melhor. O ideal seria a humanidade ser capaz de reconhecer seus gênios, mas, como dizia Nietzsche, “só uma humanidade de gênios seria capaz de reconhecê-los”. Nós ainda pomos nossas dúvidas, porque o despeito e a inveja não surgem apenas nos peitos dos medíocres. Houve muito gênio injusto para com os seus contemporâneos.

Contudo, o que é transparente é que a conspiração do silêncio é ainda uma obra bárbara. O bárbaro é incapaz da humildade cristã, mas só da humilhação bárbara. Ele pode ajoelhar-se aos pés do vencedor, mas é incapaz de reconhecer o seu verdadeiro valor, saber aquilatá-lo e sobretudo saber avaliar o dos outros. Em regra geral, é um injusto e sua injustiça não tem limites.

A TENDÊNCIA EM SEPARAR A RELIGIÃO DA FILOSOFIA E ESTA DA CIÊNCIA

Essa tendência é observável, nos ciclos culturais, à proporção que o período sacerdotal é substituído pelo aristocrático[27] e, sobretudo, no período de domínio político e crítico do empresário utilitário.[28] Mas nesse processo de barbarização têm ela uma função cooperadora importantíssima. Sem necessidade de nos prolongarmos em grandes análises históricas, será suficiente que mostremos o mecanismo dessa barbarização, cooperante da corrupção do ciclo cultural.

É comum entender-se que a religião é coisa apenas do sentimento humano e sua origem vai encontrar-se na afetividade, e não propriamente na sensibilidade. Afirma-se, ainda, que a religião nada tem que ver com a razão humana. Mas o erro consiste em não se compreender que, onde há o homem, não há, em seus atos e em sua vida psíquica, um estado que não tenha a presença psíquica, ainda que subconsciente; sempre há, por seu turno, a presença do entendimento, mesmo nos momentos em que não há consciência do que se passa.

Se a religião não estivesse a estruturar a ação do entendimento e fosse, como pretendem alguns autores, uma obra apenas dos sentimentos, os animais também seriam capazes de criar religiões, o que não se dá.

Na verdade, na religião, oculta-se uma especulação em torno dos grandes temas humanos, muito embora essa especulação não seja comum a todos os seus seguidores, que aceitam por uma simpatia, de caráter afetivo, quando exposta, mas que lhes permite, embora vagamente, tanger e sentir o que foi produto de especulação, realizada por mentes mais poderosas.

Se tomamos como exemplo a crença religiosa dos nossos indígenas, vê-se que alcançam eles a concepção de um Ser Supremo, todo poderoso, onissapiente, bondoso, que criou o mundo e dispôs todas as coisas, segundo uma ordem e leis. Ora, tal pensamento não é possível alcançar-se pelos

sentimentos apenas. Eles exigem já especulações, que alguns realizaram ou receberam de outros, mas que *entendem*, e não apenas *sentem*.

Seja de que forma for, a religião, mesmo nas culturas ditas inferiores, implica uma especulação mais completa do que é julgado comumente, a cujos pontos não conseguem alcançar muitos civilizados e que se dizem cultos.

Uma ingenuidade, que fez capitular muita inteligência no Ocidente, consiste em julgar que a religião é apenas produto de uma inteligência ainda primária, como se os homens primitivos não tivessem conhecido entre eles mentes de alto poder, capazes de penetrar onde só o apurado estudo analítico posterior dos grandes ciclos culturais é apto a fornecer.

O desligamento total da religião e da filosofia é uma violação de ambas, porque se a filosofia pode até certo ponto processar-se sem penetrar no campo religioso, e a religião permanecer no campo litúrgico, ritualístico e ético, com certa independência da filosofia, inevitavelmente ambas se encontram em terreno comum, quando penetram na análise mais profunda de sua temática, pois tanto uma como outra terá de lançar mão do que é peculiar a cada uma. A religião vai encontrar na filosofia argumentos a favor de suas sentenças. Por outro lado, a filosofia, na realidade, não se afasta da ciência, porque esta, permanecendo no campo do particular, necessita da contribuição da filosofia, que, trabalhando com o universal, é a única capaz de penetrar nos princípios daquela. Assim, quando na física se procuram encontrar os princípios dos fatos físicos, inevitavelmente se é obrigado a filosofar. Pode a ciência permanecer apenas no protocolário, como é o ideal de alguns cientistas pobres de mente, inapta a conquistar terrenos mais distantes. Podem satisfazer-se apenas em protocolar os fatos, anotá-los, fichá-los, sem tentar qualquer interpretação ou penetração mais além do que eles relatam. Ora, uma ciência dessa espécie é proveitosa para ministrar dados para os autores mais férteis, nunca, porém, poderia permanecer sendo um ideal de

ciência, pois é um ideal meramente arquivista, pois tal ciência permaneceria estéril para todo o tempo e encerraria o campo das possibilidades criadoras do homem nesse setor. Dessa forma, o protocolário pode satisfazer aqueles cientistas de parcos recursos que se sentem impotentes para alçar algum voo e desejam permanecer seguros com os pés plantados no solo. Nunca, porém, poderá ser ideal para criadores. A humanidade não avança um passo sem esses criadores.

A ciência, por suas condições, não pode ultrapassar o campo da propriedade e até das propriedades de grau menor. Só a filosofia pode penetrar pelas propriedades de maior grau e pelas espécies e gêneros alcançar os transcendentais e preparar-se para atingir os *arkhai*, os *logoi arkhai* dos pitagóricos, que são o objeto de estudo da *Mathesis Megiste* (A Suprema Instrução). A ciência necessita, assim, da filosofia para tornar-se criadora. A ciência, porém, como apenas um meio aliado à técnica para o domínio das coisas pelo homem, pode prescindir da criação, mas apenas enquanto instrumento para dirigir, nunca, porém, enquanto caminho para criar. Se há muitos homens que fazem ciência, não devemos nunca confundir os pobres protocolários da ciência, meros proletários do saber científico, com os mestres, que são os criadores, os que podem alçar os grandes voos, porque têm asas para voar, olhos para ver, mentes para entender. O cientista de parcos recursos deve permanecer apenas na investigação. Nada melhor lhe cabe. Não deve tentar fazer o que não pode, sob pena de lermos, depois, esses amontoados de insensatez tão frequentemente ditos por cientistas, que nada entendem de filosofia, querem depois filosofar e filosofam como um menino de escola.

A filosofia, como é entendida hoje pela maioria dos que se dizem seus cultores, é em parte culpada do estado de desinteresse pelo seu estudo mais sério. As mentes obtusas, incapazes de distinção mais aguda, dizem que tais distinções são “meras curiosidades acadêmicas”. Ignorantes do que já se

realizou, julgam que qualquer proposta feita por algum pensador improvisado, mas que traga consigo algum título altissonante, é uma verdade nova, que “ultrapassa” tudo quanto já se realizou no passado. É fácil, depois, dar a impressão de que alguns dos que hoje fazem filosofia representam o ápice da inteligência humana. Tudo isso é sinal de barbarismo. A filosofia se barbariza, como também a religião, pretendendo descer às multidões, e a própria ciência ao ceder aos ímpetos primitivos.

A maioria, que hoje domina as posições, em qualquer dos setores dessas três grandes realizações da inteligência humana, é composta de bárbaros, que desentranham velharias relegadas do passado, como se fossem novidades inauditas, retornam a velhos erros já refutados, como se fossem verdades retumbantes, buscam formas ritualísticas e litúrgicas primitivas, como se fossem elas o mais alto gesto simbólico do homem em penetrar no transcendental. E na ciência domina uma concepção meramente técnica. O bárbaro guarda a maneira técnica de confeccionar um instrumento, mas não sabe por que deve fazer assim. Se se lhe perguntar o porquê de tal curva, de tal aresta, de tal aspecto figurativo, nem sempre saberá explicar. Apenas responderá que assim faziam seus pais, seus avós, seus antepassados e assim fará ele, e farão seus filhos e netos. A busca dos porquês pouco lhe interessa. Basta-lhe apenas fazer o que sempre fizeram os seus e nada mais. O cientista que julga que a ciência é apenas um amontoar de dados, e um dispor regular de processos técnicos e utilitários, é um bárbaro incrustado e obstrutor do desenvolvimento do novo ciclo cultural, perturbado hoje quase de modo definitivo pela ação corruptora dos que desejam destruí-lo com a cumplicidade dos bárbaros que proliferam em todos os setores.

A religião, a filosofia e a ciência têm novamente de entrosar-se. O que precisamos são de homens que façam essa tarefa e não daqueles que se excluem num especialismo vesgo e deformador. O que precisamos são de

mentes fortes, de mentes poderosas, capazes de realizar tais coisas, e não meros repetidores, porque essa repetição é característica do bárbaro.

A LUTA CONTRA O CRIADOR

Uma das outras terríveis características de nossa época é a luta contra o criador. Desconfia-se, nega-se, anatematiza-se o criador. O que vale é a falsa criação. E esta se caracteriza apenas por tomar abstratamente um valor, que é integrante de uma totalidade, e exagerá-lo de tal modo que se julgue que isso é criador. É o que se faz na arte. Salienta-se a composição, e acima de tudo a composição, salienta-se a construção, e acima de tudo a construção, salienta-se o geométrico, e acima de tudo o geométrico, etc. Desse modo, temos uma arte monstruosa, porque ela toma o que é natural e desmesura-o exageradamente. É o que se faz hoje, pensando-se "descobrir um novo veio", "realizar uma obra autêntica", "trazer uma mensagem" e expressões semelhantes, capazes de embasbacar beócios. Na verdade, tudo isso realiza a frustração da criação. E os pobres ingênuos artistas que seguem esse caminho, insatisfeitos e derrotados, terminam apavorados por verificar que nada fizeram, que foram apenas iludidos por promessas vãs. E muitos valores são destruídos, assim, caindo, desesperançados numa repetição cansativa e monótona, quando não na esterilidade mais completa. Tudo isso ainda é barbarismo.

Diz-se que, certa ocasião, Beethoven, quando jovem, procurou Mozart para que lhe ministrasse aulas de piano. Esse o recebeu, executou ao piano uma frase musical e disse-lhe: "Improvise!" E Beethoven pôs-se a improvisar. Mozart retirou-se para uma sala ao lado, onde estavam alguns amigos e, chamando-lhes a atenção para os sons que saíam do piano, disse-lhes: "A música deste menino ainda revolucionará o mundo!".

Citamos isso de memória, porque a validez histórica não é o que importa aqui, mas a significação do fato. Hoje, um aluno que pretendesse procurar um mestre, este lhe diria: "Vá ao piano e execute um estudo de Chopin!". Para ele o que importa não é o criador, mas o repetidor, e repetir, repetir ritmos,

repetir sempre é próprio do bárbaro, é a satisfação mais completa do bárbaro. Hoje não se desejam mais os criadores, mas os repetidores. Quereis ver elevado à sétima cólera a maioria dos mestres? Basta algum aluno tentar uma ideia própria. Mas, Senhor dos desgraçados, acaso um jovem não tem direito de também tentar acertar? Se erra, que importa, se o erro surgiu de um ímpeto de afirmação? O papel do mestre é corrigir, ensinar, apoiar, estimular a criar e não frustrar, criar obstáculos à criação, fomentar a desconfiança nas próprias forças, promover a incapacidade. Não é, sem dúvida, a sua verdadeira missão culta; mas a missão bárbara é impedir a criação.

Entre os bárbaros, os inovadores são olhados como criminosos, são castigados e expulsos até da tribo. Quem proponha um pensamento novo, estranho ao aceito pela tribo, através das gerações, é um perigoso inovador, um perturbador, um corruptor, porque a coerência da tribo está ameaçada. Mas a cultura é uma conquista constante de estágios cada vez mais altos. O que esta deseja é erguer o homem aos degraus mais elevados e não fazê-lo estacionar em patamares.

Pois observe-se hoje o que se faz nas universidades. Não é o que dizemos? Não se coage com energia o aluno para que não tente provar alguma coisa nova, expor criticamente um pensamento, ensaiar uma nova maneira de ver as coisas?

Quão distantes estamos nós daquela Idade Média (que os tolos querem chamar de época de trevas), em que se exigia, para o estudante de Filosofia, que comentasse as Sentenças de Pedro Lombardo com argumentos próprios, e só se dava valor ao trabalho que apresentasse alguma originalidade, novos argumentos, e respondesse com mais firmeza aos argumentos falsos, trouxesse novas demonstrações; em suma, que fosse criador! Hoje, um aluno que tente fazer isso, peca contra a pureza do barbarismo, ofende essa nova e falsa sacralidade que se prega. O aluno é apenas um repetidor, e é objeto de mofa dos mestres quando tenta criar, e logo vem a apóstrofe: “Quem é você

para pretender lançar novos pensamentos?”. Que inominável crime. Só tem direito de lançar novos pensamentos aqueles autores consagrados, que são dados como exemplares para o aluno e que na maioria das vezes foram apenas propositores de rançosos erros ou de fatuidades imensas, que provocam delíquios de prazer estético em alguns pobres professores de mente retardada.

A luta contra a criação é uma das mais lamentáveis práticas empregadas hoje para estancar a capacidade criadora. O que o bárbaro quer é a horizontalidade tribal, a homogeneidade plana, o vale, o pântano, onde há lugar para todos os sapos e vermes.

A LUTA CONTRA A CRIAÇÃO

A luta contra a criação não vem de hoje. Já se instaurou há mais de dois séculos. E tem dado seus frutos: *a esterilidade de nossa época*. Vejamos por partes. O medo de criar levou à seguinte situação: nestes dois séculos, os autodidatas criaram mais que os homens de escolaridade. Não é de admirar que, numa pesquisa realizada por um grande jornal americano, se chegasse à conclusão de que a humanidade mais deve aos autodidatas que aos homens de escolaridade rígida. E isso se deve ao simples fato de aquele não ter à sua frente o "mestre" que constantemente o está alertando contra a temeridade de criar. Como na matéria a que se dedica é senhor da sua vontade, é senhor da sua criação, não há óbices à sua atividade. Não lhe custa experimentar, tentar, errar e até acertar. Mas ante o "mestre", o pseudomestre, ele tem logo pela frente ou o sorriso irônico, quando tenta criar ("quem é você para...") ou até a expressão de ridículo ou de afronta ("deixe disso, seu tolo...") e então não é de admirar que seja por autodidatas que o mundo avança. São os "charlatães" Pasteur, Antônio Soro, Koch, Montgomery, Bates, Mach, Steinmetz, Edison, Piaget, Freud, Einstein, Fleming e centenas de outros que, fora da sua escolaridade, foram realizar o que de grande obteve a humanidade moderna, homens que foram grandes onde eram autodidatas, e não no que constitui a sua escolaridade (anotação para marxistas: Marx foi grande na economia, onde era autodidata, e não na filosofia, onde tinha escolaridade, e Engels, que tinha escolaridade na economia, fez mais filosofia, e que filosofia, senhor Deus dos Desgraçados!).

O que espanta hoje é a esterilidade. Quando na música volvem-se os olhos para um Lassus, com suas milhares de obras, e encaminhamo-nos para a época moderna, chegamos a Telemann e Bach, com mais de um milhar de obras, depois Haydn quase tanto, Mozart, pouco menos, Beethoven, ainda menos, para, finalmente, passando pelos românticos, já pouco produtivos,

chegarmos aos modernos, que já estão esgotados na sua primeira obra, algo nos estarrece. Quando um autor escreve uma centena de livros de filosofia, isso causa espanto, apesar de ter havido, em outras épocas, autores que escreveram matéria que ocuparia, não centenas, mas até milhares de volumes nas dimensões dos que costumamos publicar hoje. A esterilidade é espantosa e, quando há alguma multiplicação, é repetição, como se vê em certos pintores modernos. Ora, o bárbaro é estéril. O barbarismo é o contrário da criação. Temos, pois, uma semelhança espantosa hoje: o homem, cada dia que passa, diminui em sua capacidade de criar. As exceções, quase todos autodidatas, já não são suficientes para levar avante a criação cultural. Não é, pois, de admirar que haja autores que falem na nossa esterilidade como constitutiva do período cultural que vivemos, como decorrente da própria cultura, que esgotou as suas veias. Não é verdade, porém.

Nossa cultura não esgotou ainda todas as suas possibilidades. Podem homens de prestígio afirmar que secaram todas as fontes, mas eles se enganam. Podem afirmar que nada mais temos que fazer do que viver a civilização, porque a cultura está anquilosada e morta; que só nos resta aproveitar a técnica e usufruir dos bens criados. Não é verdade. Há ainda muitos mananciais e há muitas promessas. É natural que aqueles que só têm os olhos voltados para o que é degenerescência, abandono, esterilidade, aqueles que só dirigem os seus olhos para os espécimes, que representam o deserto cultural, pensem assim. Mas se eles quisessem procurar no campo da filosofia, da própria ciência, os que estão abrindo novos horizontes, apesar da resistência tremenda que lhes fazem os despeitados e estéreis, compreenderão que há ainda muitas auroras para luzir. É esse, realmente, um tema de máxima importância e serviu para maiores análises em obras nossas,[29] onde estudamos a possibilidade de criação em nosso ciclo cultural, opondo-nos à visão pessimista de Spengler, Toynbee e muitos outros, que nos julgam

estéreis, sem esperanças, senão vagas, e muito condicionais, sobre novos veios de criação, por estarem envoltos pela barbárie que nos ameaça.

O CONCEITO DE DEUS

Toda vez que encontramos pela frente um ateu, basta que lhe perguntemos qual o seu conceito de Deus para, desde logo, percebermos ao que se reduz o seu ateísmo. Sempre dissemos que na filosofia não há questões insolúveis; há, sim, questões mal colocadas. E poderíamos ampliar ainda essa afirmativa para levá-la ao campo das ciências particulares. Todo ateísta sempre colocou mal a ideia de Deus. Era-lhe fácil, depois, apresentar razões para combatê-la. Mas o que combatia era a caricatura construída. Não conhecemos nenhum ateísta que se tenha realmente dedicado ao estudo da teologia. Os que conhecemos, terminaram por tornar-se crentes e converteram-se. Conhecemos, sim, um número imenso de pessoas que falam sobre o que não entendem. Esse número é sobretudo o mais arrogante, o mais petulante, o mais pretensioso.

O bárbaro é religioso também. Mas a sua religião caracteriza-se pela visão mais deformada possível da divindade. Quando ele assume todas as funções de barbarizador, de promotor da barbarização universal, é quando nada entende em profundidade do que seja a divindade. Há primitivos que têm um pensamento correto, mas ao lado desse, geralmente ocultado, quando não desvirtuado, o que permanece é o fetichismo tão comum, que hoje invade as grandes camadas do mundo civilizado. Esses retrocessos são encontradiços também entre os primitivos, que, depois de haverem alcançado um pensamento elevado e correto, decaem em formas primárias, sobretudo quando neles desperta a sanha da barbarização, como assistimos, hoje, em nosso ciclo cultural.

O pensamento mágico caracteriza-se, sobretudo, pela crença de haver uma desproporção entre causa e efeito, entre princípio e principiado. O pensamento mágico perde a sua força à proporção que a mente humana alcança a compreensão de que o menos não pode gerar o mais, que a causa

não pode ter menos que o efeito, nem este mais que aquela. Compreendida a proporção entre princípio e principiado, entre causa e efeito, o pensamento humano começa a colocar-se dentro do âmbito da razão. Ora, o fetichismo é um processo sensitivo-afetivo e intelectual em menor grau, que decorre do próprio magismo, pois consiste em admitir que há, no menos, o mais, que há essas desproporcionalidades. Toda vez que o capitalismo acredita em possibilidades infinitas da moeda é fetichista (e aqui Marx tem razão), toda vez que alguém acredita que uma classe pode ser o Messias da humanidade é fetichista (e neste ponto Marx não tinha razão, mas, sim, os seus objetores). O fetichismo consiste, precisamente, em julgar que determinada coisa possui poderes que lhe são desproporcionados. Quando o cibernetista acredita que é possível criar uma máquina de pensar superior a ele, nada a duvidar, mas superior a toda e qualquer outra pessoa, é fetichismo. Quando julga que é ela capaz de escrever, amanhã, obras que superem a tudo quanto já se fez, é fetichismo. Quando julga que é capaz de lhe dar até consciência, é fetichismo, e bem infantil! Poderíamos multiplicar os exemplos, mas o leitor é inteligente e os dispensa.

O FETICHISMO

Há, no pensamento moderno, uma série de retornos à esquemática infantil, que são genuinamente fetichistas. Vamos a alguns exemplos: a criança dos dois aos três anos costuma dar nomes às coisas. Seu pensamento é meramente nominalista. Quando o filodoxo moderno que pretende fazer filosofia defende o nominalismo, volve ele a uma esquemática infantil e bem fetichista. Quando o materialista admite que a matéria bruta pode ser a fonte de todas as perfeições posteriores, é fetichista. Quando o evolucionista afirma que o mais vem do menos, admitindo que haja perfeições posteriores, não contidas no que antecede, é fetichista. Aquele médico que julga que a saúde pública é tudo, e que com ela se resolvem todos os problemas sociais, é fetichista, e fetichistas são os que julgam que para tal basta o voto secreto, outros a alfabetização, outros apenas a técnica, outros apenas a ciência, e assim por diante. Todos são fetichistas e, portanto, bárbaros; padecem de um preconceito bárbaro, porque abstraem, separam, quando o culto consiste em unir, entrosar, conexionar,[30] concretizar.

Há homens que dizem que só creem no que os sentidos podem captar. Como *doxa*, está certo, pode-se admitir que alguém pense assim, pois há possibilidades inauditas no homem para pensar as coisas mais abstrusas. Mas quando ele quer transformar o conhecimento sensível como o fundamento de todo conhecer, e que fora dele nada pode haver, está desbordando os limites, extraindo das suas premissas consequências que estão além delas, que as ultrapassam. Isso é fetichismo!

Quando o pobre alienado mental afirma que nada há, que tudo é ilusão, que a verdade é apenas uma quimera, que Deus é a mentira e que Satã é a verdade, que a verdade é a ausência de realidade, esse pobre tolo é apenas um fetichista, e dos mais completos, pois admite que a ordem seja criada pela desordem, o mais pelo menos, o regular pelo irregular, o verdadeiro pelo

falso. É a inversão da ordem lógica e regular e a única possível, por que como podem esses mágicos loucos extrair algo de onde não há coisa alguma, como conseguem eles encontrar, cegos como são, o gato preto no quarto escuro onde o gato não está? São geniais sem dúvida, são até maiores que Deus, como disse um deles na sua insânia. Que o menos venha do mais é o escandaloso, dizia um pobre diabo de barbichas numa conferência, porque o certo é o menos produzir o mais, o nada fazer alguma coisa, retirar de zero muitas unidades. Isso está certo, isso é o verdadeiro. Mas o pobre diabo não se continha em seu assanhamento, verberava os que acreditavam no inverso (como se aqui houvesse apenas matéria de crença, de opinião), rangia os dentes, fazia brilhar sinistramente seus olhinhos demoníacos. E exclamava: o escandaloso é que as coisas obedecem a leis, ou procedem segundo leis. A ciência é um escândalo. Ela está nos querendo impingir que a realidade obedece a regras. Não é possível. O cosmos é impossível. O possível é apenas o caos.

Mas o caos era apenas ele, caos no sentido da vacuidade pretensiosa e petulante, caos no sentido da idiotia arrogante, que deseja tornar verdade a sua moeda falsa da pior espécie.

Isso já é o suprassumo do fetichismo. É o fetichismo loucura plena. E o que pasma é que tais idiotas encontram seguidores, outros pobres doidos.

A INCOMPREENSÃO SOBRE A DIFERENÇA ENTRE A ÉTICA E A MORAL

A incompreensão sobre a diferença entre a ética e a moral tem levado, como já vimos ao analisar os aspectos anteriores, às mais tremendas confusões de nossa época e também a uma perigosa saída que está levando o homem moderno a situação insustentável.

Não é possível uma vida social sem ética e sem moral e, no entanto, há muitos que julgam que isso é possível, e que basta apenas a ação repressiva da polícia para resolver o problema ou, então, os códigos de leis...

Quando uma sociedade humana chega a esse ponto, algo de muito grave está ameaçando-nos de vez, porque é impossível admitir-se que a vida social possa dar-se normalmente onde os seres humanos olham uns para os outros apenas como entes parecidos, sem qualquer semelhança, nem muito menos proximidade. Os que desejam corromper os ciclos culturais, em todos os tempos, usaram essa tática: atacar as bases da ética e da moral de modo a convencer, sobretudo à juventude, que as exigências nesse setor são falsas e injustas. Assim, dando ampla vazão aos seus impostos concupiscentes, fácil será manejar a juventude para os destinos que pretendem. A primeira providência é afirmar o relativismo da moral, a segunda é que nos cabe satisfazer os nossos desejos, a terceira é que não há, além deste mundo, nenhum prêmio, nenhum castigo, tudo se acaba, quando nós acabamos.

Para a defesa do relativismo, alega as variâncias das normas que são empregadas nos diversos países, o que, para eles, prova, de modo definitivo, que a moral não tem qualquer outro fundamento, que não seja apenas o *consensus*. Como desconhecem toda e qualquer investigação mais séria sobre os fundamentos da ética, é fácil manejar com o acidental para atacar o substancial, depois é fácil açular as paixões, como se essas, desenfreadas, não encontrassem no próprio prazer o tédio, o cansaço, o desgaste e o sofrimento. Nossos sentidos têm uma capacidade para sofrer graus intensistas relativos e

limitados. Só a nossa inteligência é capaz de receber os mais intensos graus do conhecimento e, em vez de embotar-se, como aqueles, ao contrário ela é estimulada para experiências mais elevadas.

O relativismo e o hedonismo (a posição que na ética afirma que devemos apenas satisfazer os nossos desejos) são posições falsas e bárbaras, porque o bárbaro julga que só as normas da sua horda ou da sua tribo são válidas, e que as dos outros não merecem nenhum respeito. Só o bárbaro pode julgar que somos apenas anelantes de desejos sensuais, e que não anima o homem nenhuma *oréxis* superior. Quanto à aceitação de um prêmio ou de um castigo, basta apenas dizer que esta mesma vida nos oferece soluções. Os que se embrenham numa vida de prazeres vivem ainda mais infelizes e aumentam a amargura do cálice de sua vida. Basta olhar o espetáculo de hoje de tantos transviados, entregues aos narcóticos, a todos os estupefacientes, embotados em sua capacidade, falhos de impulsos, coisas que se movem ao sabor das exigências ambientais, entregues às mais torturantes neuroses, aos conflitos interiores mais horríveis, semiloucos, frequentando os consultórios de psiquiatras, quando não estão já internados em casas especializadas e manicômios, ou no desfecho de mortes prematuras.

Esta situação nos leva ao exame do problema da juventude transviada de nossos dias.

A JUVENTUDE TRANSVIADA

Em todas as épocas humanas houve uma juventude extraviada. Mas o que preocupa sobretudo a nossa época não é o fato de haver jovens transviados, afastados de todos os princípios morais tradicionais, mas, sim, o fato de seu número avolumar-se de modo a criar uma situação que parece já aos olhos de muitos como insuplantável, visto paralelamente se darem correntes corruptivas, que promovem a progressão e a amplitude em termos de calamidade humana.

O problema tornou-se universal, pois essa juventude abunda também na Rússia, e não é apenas apanágio dos países capitalistas, e o pseudossocialismo nada conseguiu para minorar esse problema, apesar da punição excessiva que oferece, muito mais intensa que a dos países democráticos.

É uma degenerescência da sociedade? É a consequência do aumento do retardamento cerebral? É o produto da progressão dos idiotas, débeis mentais e imbecis, que crescem assustadoramente? É produto da impossibilidade do homem viver em sociedade? Surge da deficiência da educação religiosa e da perda da força que as religiões vêm sentindo ultimamente? É produto das ideias filosóficas ou pseudamente filosóficas, mais estéticas, travestidas de filosofia, que invadem, heterogeneamente, todos os setores? É um ato de rebeldia contra uma moral extemporânea? É uma promessa para uma grande e profunda revolução que reverterá tudo quanto até agora havia sido considerado firme e duradouro?

Diversos fatores se congregaram para auxiliar a eclosão deste problema universal. Se em alguns países, onde a condescendência (e por que não dizer a covardia) é a regra, seu número aumenta assustadoramente, como acontece entre nós. Em outros, a violência, a repressão, a não condescendência em nenhum caso, têm minorado o seu desenvolvimento, impedido a sua

proliferação. Mas todas essas providências ainda não são solucionadoras, enquanto a matéria não merecer melhores estudos. Ora, tais estudos estão sendo feitos, e são alinhadas muitas causas que geraram essa situação em que vivemos. Entre essas, está o aumento corruptivo da moral em muitas partes do mundo, a confusão no campo das ideias, a insegurança quanto ao destino da humanidade e, avultando a todas, os defeitos pedagógicos, dos quais não se podem eximir nem pais nem mestres, sobretudo aqueles que julgaram que os jovens devem viver hoje o que eles não puderam viver e que não tiveram, na formação destes, o cuidado de lhes ministrar uma educação que lhes desenvolvesse melhor a inteligência e a vontade, dando-lhes o exemplo salutar.

Entre nós, por exemplo, uma criança já aos três anos de idade conhece o que jovens de catorze e quinze anos, em gerações passadas, não conheciam. Mas queremos nos referir ao malicioso, e não à cultura. Espanta-nos hoje ver crianças que saem a uma calçada, e que convivem com outras, trazerem para casa notícias de certos conhecimentos que apavoram. Não é possível que crianças dessa idade já soubessem de tais coisas. Na verdade, há pais que se preocupam em dar uma “educação moderna” aos filhos, ensinando-lhes desde logo o que a curiosidade infantil ainda não interrogou. Uma das mais sérias normas pedagógicas é a de nunca superestimar o desejo de saber da criança, ministrando-lhe conhecimentos sobre coisas antes do tempo em que elas precisam conhecê-las. Não se trata de enganá-las, nem tampouco é mister dizer-lhes tudo, porque não desejam elas *saber tudo*. A resposta deve ser contida dentro dos limites da pergunta, já que o ser humano se contenta em saber apenas (tratamos aqui dos temas, sobretudo sexuais) o que está no âmbito da sua pergunta e da sua curiosidade. Por que ir além, ministrando o conhecimento ainda não desejado?

Dedicar-se à pedagogia construtiva, positiva e concreta, alheia às normas precipitadas de certos pedagogos, que pouco conhecem a alma infantil, é uma

exigência inapelável.

Cada um dos temas abordados nesta obra, pela sua imensidão e alcance, exigiria uma obra especial e alguns, uma obra bem volumosa. Nossa intenção não consiste senão em despertar a consciência do homem moderno para a *barbarização* que o ameaça. Não pretendemos, por ora, senão isso. E já será muito se conseguirmos despertar essa consciência, criar em nosso leitor uma suspicácia para o que é bárbaro e preparar uma atitude defensiva e de alerta, que impeça a muitos cooperadores desse processo prosseguirem ameaçando fundamentalmente a nossa cultura.

DIÁLOGO DE SURDOS

Muitos observam que estamos numa época de incompreensão, pois pessoas que aceitam posições distintas não conseguem mais compreender-se mutuamente. E por quê? – perguntam. Às vezes as ideias são as mesmas, se bem examinadas. Por que razão não se entendem? Por que se dá tanta incompreensão no mundo? Será tão difícil observar e entender um tema, de modo que não há mais ninguém que possa manter relações intelectuais com os que defendem ideias diferentes? Ora, realmente tais fatos se dão. E dão-se porque as ideias não estão clareadas. Os termos referem-se a conteúdos noemáticos (semânticos) distintos. O que um quer dizer com o termo *a* não é o mesmo que o outro quer dizer. As intencionalidades são diversas, os conteúdos são vários. E quando tal se dá (e já Lao Tsé anotava essa calamidade) ninguém mais se entende, porque não há mais firmeza nos conteúdos noemáticos dos termos. O que foi um ideal (e ideal justo e bem fundado) dos antigos passou a ser desprezado pelos modernos, amantes das novidades inconsequentes e dos conteúdos vários, do tipo dos hipoliteratos (que abundam hoje mais do que nunca), que se julgam no *direito* de dar aos termos verbais os conteúdos que bem entendem. Então o diálogo entre pessoas de posições distintas é um verdadeiro diálogo de surdos. São na verdade cegos que buscam entender as cores, para as quais não possuem imagens com as quais possam representá-las.

E o pior não é isso! Há os satânicos que tudo fazem para que seja assim. Há intelectuais comprometidos com essa manobra, que buscam aumentar ainda mais a confusão. Tudo isso faz parte de um plano secreto, cujo intuito fundamental é criar um estado de confusões, de trevas, para nelas abismarem os inadvertidos, de modo que a juventude confusa, por entre ideias confusas, se transforme em massa de manobras dos interessados em subverter a nossa cultura e instaurar a época do novo escravagismo, do homem-número, do

homem-máquina, do homem-instrumento, do homem-troço, do homem automatizado, do homem cibernético, do homem que renuncia a sua inteligência e a sua criação para tornar-se uma coisa entre coisas, uma peça de um jogo trágico ao sabor dos interesses dos novos cesariocratas que pretendem dominar o mundo.

NOMINALISMO E REALISMO

Há ainda hoje os que afirmam que o nominalismo, de uma vez por todas, derrotou o realismo das ideias. Tais afirmativas enchem de gozo beatífico alguns filósofos, que permanecem satisfeitos e felizes com a notícia de tão grande vitória. Em primeiro lugar, os que pensam assim metem num mesmo saco toda espécie de realismo. Não fazem a distinção entre *realismo moderado* e *realismo dogmático*. Se para o realismo exagerado as ideias são entendidas de *per si* subsistentes, para o realismo moderado não o são. O que apenas se afirma de real aos universais é que têm eles fundamento nas coisas, às quais se referem. Não são entidade de *per si* subsistentes, mas apenas esquemas noéticos-eidéticos que construímos, mas que se *fundam realmente nas coisas como nós as conhecemos, segundo a realidade que damos a essas coisas.* Tal não quer dizer que as coisas sejam, em sua onticidade, apenas o que delas conhecemos. No nosso conhecimento não existe a realidade das coisas tomadas em si mesmas, nosso conhecimento capta-as como um todo; não, porém, totalmente como elas são; ou seja, é um conhecimento *totum et non totaliter*, como o afirmavam todos os grandes escolásticos e não precisava que Kant nem seus seguidores viessem fazer tamanha tempestade num copo d’água para afirmar o que já se conhecia, mas que também se solucionava, o de que não são capazes de fazer tais confusionistas do pensamento marginal. Atribuem eles à filosofia positiva e concreta afirmativas que são falsas e, depois, do alto da sua ignorância atrevida, em trabalhos e palestras, fazem afirmações sem fundamento algum. Não é de admirar que não saibam bem do que falam, porque, na verdade, não estudaram tais assuntos. Desconhecem o que se fez nesse terreno; portanto, podem dizer o que dizem. Mas também, se estudassem, não garantimos que entendessem bem a matéria...

Quem conhece a história da filosofia, não aquela que salta de Aristóteles para Descartes, como é comum apresentar-se, mas aquela que inclui o que de imenso se realizou nos quinze séculos que antecedem o crepúsculo cartesiano, sabem que o nominalismo foi totalmente derrotado através da longa e extraordinária polêmica dos universais. No entanto, os “revenants” do nominalismo, os “chicharros” vindos de além-túmulo, passam agora a apresentá-lo como a última palavra criadora da filosofia moderna. Seria isso para dar gostosas gargalhadas, se não fosse tudo isso eminentemente trágico. Trágico, sim, porque é doloroso ver a juventude que tanto anseia dar um passo à frente, e a quem cabe levar o facho do conhecimento para adiante, servir de matéria para receber informações falsas sobre erros já superados.

É preciso alertar a juventude contra os estragos intelectuais que a ameaçam, pelo abuso da sua boa-fé da confiança indevida que devotam a pessoas que não a merecem. Contudo, com alguns comentários simples que serão elementares, sem dúvida, mas bastante esclarecedores, podemos dar uma nítida compreensão do que seja *nominalismo, conceptualismo, realismo moderado* e *realismo exagerado* no tocante aos conceitos universais.

Se tomamos o termo verbal Volkswagen, esse em sua silabação é apenas um sopro, um *flatus vocis*. Mas que se pretende dizer com tal *flatus vocis*? Tende-se, com tal termo, apontar aos automóveis que levam a marca Volkswagen. Nesse caso há uma intencionalidade nesse termo: designar os automóveis Volkswagen todos. Tal termo tem, pois, uma *universalidade de significação*. Chamemos a isso estágio *A*. Mas que são esses automóveis Volkswagen? Coisas totalmente heterogêneas? Não; são automóveis que têm em comum inúmeras semelhanças que neles se repetem. São produzidos segundo normas preestabelecidas, repetindo todos os mesmos caracteres técnicos, mecânicos, etc. Qualquer pessoa pode compreender isso. Portanto, o termo Volkswagen capta junto (*com-capta*) um conjunto de notas que constituem o Volkswagen. Não são, porém, quaisquer notas. Pouco importa

que seja verde ou amarelo, etc. Há alguma coisa de imprescindível (de que não se pode prescindir) para dizer que tal automóvel é Volkswagen. Pois tudo isso que intencionalmente nossa mente diz que é imprescindível para que um automóvel seja Volkswagen é o que constitui, em suas linhas gerais, o que foi com-captado, que, do latim *cum-capto*, dá *cum-ceptum*, conceito. Então o termo Volkswagen, que aponta aos automóveis, segundo o estágio *A* é agora uma universalidade de conceituação, ou seja, significa também um universal (conceito). Chamemos a isso estágio *B*. Mas que fundamento real tem esse conceito? Em que realidade se funda? Funda-se na realidade dos automóveis Volkswagen, que lhes dá o fundamento real, que é o estágio *C*. Mas a ideia do Volkswagen é uma realidade subsistente por si mesma, independente da mente humana? Se se afirma que sim, temos o estágio *D*.

Pois bem, o nominalista afirma apenas a realidade do estágio *A*, o conceptualista afirma, além dessa realidade, a do estágio *B*, o realista moderado, além dessas realidades, a do estágio *C*, e o realista exagerado, além de todas, a do estágio *D*.

Em linhas elementares e até vulgares, eis o que é o nominalismo, o conceptualismo, o realismo moderado e o realismo exagerado.

PALAVRAS ESVAZIADAS

Uma das mais tristes características de nossa época, e que já se vem processando há três séculos, e cada vez com mais acentuada insistência, é o *esvaziamento das palavras* dos seus verdadeiros conteúdos etimológicos e intencionais, para, desse modo, ser possível mais eficientemente perturbar as consciências humanas e fazer com que a confusão, no campo das ideias, avassale todos os setores, a fim de favorecer ideias que servem a interesses inconfessáveis. Deve compreender o pedagogo moderno o grave perigo que oferece essa prática tão deletéria, pois hoje são poucas as pessoas que dão o mesmo conteúdo a termos como *eidética, belo, pátria, nação, amor,* etc. A invasão da gíria, as divergências ideológicas, tão próprias do período histórico que vivemos, favorece essa distorção crescente do sentido dos termos, que muitas vezes alcançam acepções totalmente opostas às primitivas, como se verificou, também, na decadência romana e no baixo latim, com grave prejuízo para o patrimônio cultural da humanidade. Onde não há termos com acepções unívocas, mas equívocas, não pode haver ciência segura, saber sólido, conhecimento e comunicação entre as mentes, mas, sim, divórcio de ideias, falsas contraposições, polêmicas apenas de palavras, em suma, confusão e recuo de um grau de superioridade intelectual para estágios inferiores e bárbaros, como se verifica hoje entre nós, apesar do imenso progresso técnico adquirido. O homem moderno assemelha-se a um bárbaro tecnizado, a um bárbaro que, subitamente, se viu de posse de uma técnica superior, que ele nem sempre sabe bem como deve empregá-la, e que destino melhor poderá dar-lhe. Ao educador moderno cabe um imenso papel: o de pugnar para que a terminologia tenha sempre um conteúdo seguro e certo, e ensinar aos que precisam de auxílio, como devem proceder para que as palavras tenham conteúdos seguros e não se afastem do seu verdadeiro sentido, para que a comunicação e o entendimento entre os homens seja o

mais eficiente possível, porque toda pedagogia deve ter como supremo ideal ajudar a construir homens de mentalidade sã, capazes de conviver fraternalmente com seus semelhantes.

PRECONCEITOS PREJUDICIAIS

Do mesmo modo que o moderno não pode ser aceito apenas porque é moderno, também não pode ser desprezado pelo simples fato de ser moderno. Aqueles aferrados ao *antigo*, que repelem tudo quanto é moderno, incriminando-o de falso, cometem o mesmo erro que aqueles que julgam que tudo que é moderno é uma superação do antigo. É evidente que ambas as posições pecam por extremos. Contudo, é também evidente que a maioria dos intelectuais comporta-se assim, filiando-se ora a um lado, ora a outro. Os excessivamente *moderni* apenas aceitam do passado o passado próximo ou, então, o mais recuado possível, porque se opondo ao passado que renegam, buscam o passado já renegado pelos que são objeto de seu combate. Por sua vez, os *antiqui* rejeitam o presente moderno, valorizando o passado que aceitam e negando o mais remoto que suas ideias repelem.

Todos afinal esquecem o mais importante: a humanidade é herdeira de si mesma e o patrimônio cultural da humanidade não é propriedade de ninguém, mas de todos. Ademais, não se justifica que renunciemos a uma herança que nos cabe de justo direito, porque temos uma visão deformada da realidade cultural do homem.

Saibamos apreciar o que vale, independentemente do tempo, porque há conquistas humanas que são eternamente atuais e não se classificam pela cronologia, porque ultrapassam a limitação do tempo exterior, que mede as coisas na sua sucessão. Vencer esse preconceito é uma das primeiras tarefas que devem interessar ao homem de intelecto são. Aprendamos a apreciar o que tem valor. Mas como iremos conseguir alcançar esse estágio se, como bárbaros, não nos ligamos senão miticamente ao passado e misticamente ao futuro? Que nossos olhos perpassem pelos estágios da história cultural do homem, como participantes do que o homem criou de mais alto. Dispamo-nos dos preconceitos primários de uma superioridade que não se tem. O que

há de positivo e concreto realizado pelos homens pertence ao patrimônio da humanidade, independentemente de ciclos culturais, eras, séculos, raças, o que seja. Que patrimônio tem valor se não for constituído de positividades? Quimeras, sonhos, ilusões não constituem nenhum patrimônio, e menos ainda preconceitos ingênuos. Queremos que estas colunas sejam repositório do que há de grande. Pelo menos, aqui, desejamos traçar rumos que levem as mentes sãs a respeitar tudo quanto de grande o homem realizou e que incorporemos ao acervo de nossa cultura o que merece ser conservado.

Quando combatemos erros modernos, falsas descobertas, novidades já envelhecidas, não é porque são modernas, mas porque são erros. Lutamos para que o lixo intelectual, as excrescências do passado, sejam apresentados agora com embalagens de matéria plástica e fitas coloridas, como se contivessem tesouros inesperados, “insuspeitados”, como alguns gostam de chamar, mas que não passam de velhas moedas falsas, que não valem nem como moeda nem tampouco por sua novidade, como não valem pela sua ancianidade também. Sabemos que vamos provocar repulsa de muitos que não gostam de ver apeadas de seus pedestais personalidades equívocas da atualidade, que recebem os incensos dos inadvertidos. Nós queremos denunciar esses falsos ídolos. Devemos ser os novos iconoclastas das falsas divindades que nos querem impingir.

A DESUMANIZAÇÃO DO HOMEM

Não é a primeira vez que surge na história a tendência a colocar o homem numa situação secundária, a hipovalorizá-lo, a virtualizar a sua significação, ao mesmo tempo que se valorizam as coisas. O que assistimos hoje não é algo sem paralelo na história. Assim aconteceu muitas vezes, e provocou as mesmas ênfases opositivas e as mesmas reviravoltas na maneira de o homem apreciar a si mesmo.

Desde o Renascimento nota-se que, ao lado de uma humanização pretendida na cultura, deu-se uma constante desumanização do homem, à proporção que a economia feudal passava a ser superada pela economia mercantil, industrial e financeira, em que as cifras passaram a ser o sinal timológico principal e que os valores monetários móveis passaram a significar a posse do *kratos* social mais elevado.[31] Desde então a quantidade começou a predominar sobre a qualidade, o quantitativo passou a superar o qualitativo. A maquinaria, o desenvolvimento técnico, a perda de significação econômica do artesanato, o proletariado industrial, as grandes empresas, as unidades econômicas poderosas e monopolizadoras, a perda da significação humana acompanham paralelamente, provocando as naturais reações, porque a história humana é sempre o campo de uma luta antinômica entre o positivo e o negativo, entre o quantitativo e o qualitativo, entre o sagrado e o profano, entre, em suma, os valores positivos e os opositivos, com as sedimentações viciosas intercalares entre eles. Não se quer dizer que tais acontecimentos avassalem totalmente o âmbito social, mas apenas que eles se tornam predominantes numa camada atuante da sociedade, a quem cabe um papel de orientá-la também. É inegável que as mais altas personalidades, as cerebrações mais enérgicas não pactuam com essa desumanização. Sem dúvida que os apóstolos da desumanidade são sempre os mais deficientes, mas, também, de uma atividade perigosíssima e capazes

de dominar vastos setores sociais, encontrando sempre adeptos dóceis aos seus ensinamentos.

A ênfase que se deu em nossos dias aos estudos axiológicos é um sinal da reação à excessiva desumanização do homem no século dos grandes desumanizadores: Lênin, Stálin, Hitler, Mussolini e outras figuras menores, e uma sequela de intelectuais equívocos, que contribuem com o ludíbrio da sua inteligência fantasmagórica para trabalhar em favor dessa desumanização, que a técnica poderosa, a desintegração atômica, as conquistas científicas, a megatérica construção de um poderio econômico e militar, que é um Moloc a devorar vidas e a ameaçar a destruição final, cooperam para que essa desumanização cresça.

O artista, que é quase sempre um brincalhão com coisas sérias, também contribui ludicamente para a desumanização na arte, que se torna quantitativista, e também uma plêiade de pseudossábios, de mentes de inteligência postiça põem-se a cooperar pelo cibernetismo da inteligência, a ponto de se convencerem de que o homem já não precisa do homem, e pode ser um troço vivo, capaz de gozar dos estupefacientes deliciosos, que o seu falso progresso oferece.

Eis um campo bem vasto para investigar na história de todos os povos e nos dias que correm, que é algo que nos aponta sinistros sinais de um niilismo avassalador. Todos anunciam o naufrágio, esses são-joões-batistas da catástrofe... É mister denunciá-los e combatê-los.

OS NEGATIVISTAS

Todo ciclo cultural, como o foi o hindu, o egípcio, o chinês, o greco-romano, o muçulmano e o cristão, para exemplificar, funda-se numa religião, que oferece uma concepção religiosa do mundo e funda-se também numa filosofia positiva, que parte da afirmação do ser.

Essa concepção do mundo dá a forma cultural ao ciclo, impregna-o da sua significação e traça-lhe um destino. Universalmente aceito, seguido, apoiado, defendido e propagado, contudo não é de universalidade total, pois há sempre os que, opondo-se a ele, terçam razões, argumentos, oferecem novos esquemas, propõem dúvidas, mobilizam oposições; em suma, que ameaçam pôr em risco tudo quanto é fundamental nessa concepção do mundo. Esses se empenham então em atacar todos os aspectos que sejam fundamentais dessa concepção. Em todos os ciclos sempre houve desses opositores: são outras passagens, mas a ação é sempre a mesma, a tática é a mesma, a maneira de conduzir-se também o é. Em nosso ciclo, os mesmos, sempre os mesmos, com as mesmas técnicas, com as mesmas práticas, com os mesmos processos e, ainda, com os mesmos argumentos, atuam para corromper a nossa cosmovisão.

Não vamos seguir um itinerário cronológico para descrever a sua maneira de agir e os argumentos, sempre os mesmos, que mesmissimamente usam. Vamos, apenas, apontar alguns dos lanços do mesmo caminho, alguns instantes do mesmo roteiro, algumas peripécias da mesma triste aventura.

Uma das primeiras atitudes consiste em afirmar que essa crença religiosa não tem nenhum fundamento. É mera ficção, alheia às regras e normas da razão. E quando os seguidores da religião demonstram que tem ela fundamentos racionais, afirmam que a razão é falha, é canhota, é claudicante. E põem-se a defender o irracional, apenas a intuicional afetiva.

Quando os pensadores positivos demonstram que dentro do intuitivo há fundamentos rigorosos a favor da sua crença, passam, então, a afirmar que nossos conhecimentos fundamentais, baseados na experiência sensível, não têm valor, porque nossos sentidos deformam a realidade, e essa não nos é captável, oculta-se para nós. Quando os outros mostram que se algo se oculta é algo que ultrapassa nossos meios cognoscitivos, e que podemos, contudo, investigar pelo pensamento, então passam a negar valor ao pensamento, e tudo quanto tem valor é apenas o *pragma*, o que é conveniente à nossa natureza, e a nossa verdade é apenas pragmática, a que é útil aos nossos interesses.

E quando os pensadores positivos mostram que, fundando-se ainda nesse critério de verdade, fundamentamos solidamente também a crença em bases racionais, porque esse critério é ainda positivo, e demonstram que há uma obediência a uma norma vital, os adversários negam fundamento à própria pragmática.

Podemos fazer, assim, um paralelo, onde poremos, dum lado e doutro, as razões terçadas, entre tais adversários.

ARGUMENTOS DOS NEGATIVISTAS	CRÍTICA DOS POSITIVOS-CONCRETOS
Na natureza não há uma vontade livre. Tudo obedece a leis.	Há leis, sim, que ordenam o universo, o que prova uma inteligência ordenadora.
Então,	
não há leis. As leis são apenas fórmulas cômodas. Tudo segue uma sequência de causa e efeito.	Nossas leis, por nós descobertas, são cômodas aproximações da realidade, que obedece ao princípio de causalidade, estabelecido desde todo sempre.
Então,	

causa e efeito são conceitos nossos, não se referem à realidade. Não há na natureza propriamente separação absoluta entre causa e efeito.	Sim, realmente, causa e efeito são conceitos lógicos, entes de razão; na verdade, o efeito é ainda suas causas, pelo menos parte delas.
Então,	
causa e efeito são conceitos sem qualquer realidade. Tudo obedece a uma evolução. As coisas fluem e tomam novas formas, tendem para uma perfeição cada vez maior.	Sim, há uma evolução, tudo tende para um fim. Toda ação tende para algo, do contrário não existiria. Tudo tende para um termo. É uma lei universal.
Então,	
só a razão é que nos permite conhecer seguramente. Todos os outros meios são sem valor.	Sem dúvida, por captar os nexos ideais, a razão permite compreender os nexos reais.
Então,	
mas a verdadeira realidade é a ideal. O mundo é um reflexo das nossas ideias. As coisas da nossa experiência só valem como reflexos dessas ideias.	Sim, o mundo das nossas ideias, quando claramente construídas, corresponde à realidade que em nada as contradiz. Também podemos partir da realidade das ideias para compreender a realidade do que está fora da nossa mente.
Então,	
só vale a realidade que experimentamos, o que é por nós captado pelos sentidos, cujas leis descobrimos.	Sim, a experiência é o ponto de partida de nosso conhecimento, pois é refletindo sobre ela que podemos alcançar as razões e os nexos que as conexionam.[32]
Então,	
tudo é matéria e nada mais. Esta é ativa e passiva, e capaz de evoluir, atingindo todas as mutações possíveis.	Sim, a matéria é passiva, mas atualiza-se deste ou daquele modo por um poder ativo. Esse poder é outro que o passivo, e distinto daquele, o que leva a postular que a matéria seria composta e não simples, uma só.

Então,

---

bem, não sabemos o que seja a matéria em si mesma, mas de qualquer forma é ela algo que não é espiritual.

Se há nela algo ativo, que é outro que o passivo, é algo que pode realizar, criar, é um poder que não é passivo, enquanto é ativo. E esse poder de criar, que é ativo, e que escolhe o que cria que é ativo, e que escolhe o que cria (intelecto) é não matéria, enquanto mera passividade.

Então,

---

bem, na verdade, não se sabe se o que se sabe é verdadeiro ou falso. Há coisas que estão além do nosso conhecimento.

Sim, mas ao menos sabemos que há coisas que estão além do nosso conhecimento, e esse saber já é saber de alguma coisa; saber que se sabe que há algo do qual não se sabe bem o que é.

Então,

---

na verdade, pensando bem, o evolucionismo não tem fundamento. Depois não há finalidade alguma nas coisas. Tudo flui sem sentido.

O fluir é o fluir de alguma coisa que flui, que passa por estágios de ser; isto é, deixar de ser isto para ser aquilo. Mas há sempre um tender dinâmico para um termo outro que não é a coisa.

Então,

---

não há dinamismo algum. Tudo é estático. Há apenas uma ilusão nossa de que a realidade é fluente. O fluir é apenas uma ilusão nossa.

Sim, mas se não há o fluir nas coisas, há pelo menos em nós que fluímos, e vivemos o fluir. Algo flui pelo menos, porque do contrário nem a ilusão do fluir poderia dar-se, e essa ilusão já demonstra que algo flui.

Então,

---

nós somos uma ilusão. Não somos, na verdade; pensamos que somos. O nosso mundo é formado apenas de ilusórios esquemas que mentamos. Nossas palavras constroem o mundo, mas vale este tanto

Se somos uma ilusão e tudo o que construímos é ilusório, tudo isso é alguma coisa e não apenas nada, pois a ilusão de

como valem os sons ou gestos, ou garatujas que fazemos.	nossas palavras e nossos esquemas fundamenta-se em alguma realidade.

Então,

(chega ao gesto definitivo): nada há, tudo é nada. O nada é tudo.	Se nada há e o nada é tudo, o nada é alguma coisa, porque essa postulação do nada é ainda uma afirmação, é um testemunho de realidade. Apenas a palavra “nada” é pronunciada; mas oculta a realidade que não podemos escamotear.

Então,

resta o apelo final, supremo, definitivo: Satã, por todos os diabos, me ajuda, porque não posso mais!	E o outro, com comiseração, ante a alma danada, só pode pedir ao Ser Supremo que a ilumine, se é possível iluminar os abismos esconsos de tal mente.

E assim foi, é e talvez será, sempre os mesmos, os mesmíssimos, com as mesmíssimas argumentações, desmentindo, depois, o que antes afirmaram, negando-se sempre, e negando sempre, negativos obstinados, até abismarem-se na última das negações.

É fácil achá-los. Estão em toda a parte, fuçando todo o lixo do pensamento humano, à procura de novos argumentos que lhes faltam.

OS ISMOS

No decorrer de sua passagem pela vida, o ser humano vai, aos poucos, adquirindo uma série de notícias sobre os fatos e com eles constrói um saber. Mas esse saber, de início, é apenas o que lhe é dado pela sua experiência, pela sua empiria.

A esse saber chamavam os gregos de *doxa*, palavra que significa *opinião* e que pretende indicar o saber comum, que todo ser humano tem adquirido através da sua experiência, do seu contato com as coisas do seu mundo, das suas peripécias na vida.

Mas, desde o momento que os homens se põem a entrosar os fatos uns com os outros, à proporção que descobrem os nexos que os ligam uns aos outros, à proporção que descobrem o que lhes infunde o ser, que são as suas causas, correlacionando-os de modo a perceber a subordinação e a subalternação de uns aos outros, e obtendo assim um conhecimento coerente pelas causas (que jamais se deve esquecer são elas as que infundem realmente ser aos seus efeitos, ser que de certo modo flui nos próprios efeitos), os seres humanos vão adquirindo um saber conexionado, um saber *teórico*.

Este termo, vindo do grego, significa *visão*, indicando, assim, que é um saber que *vê*, que correlaciona, entrosa, conexiona. *Teoria* significa também as longas filas de fiéis que seguiam para os templos gregos, os quais se ligavam por festões de flores, de tal forma que o termo passou para a filosofia com as seguintes notas: visão – conexão-entrosamento-subordinação-subalternação.

Graças a essas notas pôde, finalmente, significar o saber dessa espécie, que é um saber conquistado através de comparações, de sopesamento, de correlacionamentos, um saber, em suma, especulativo, de *speculum*, que, em latim, significa espelho, porque é um saber que espelha, que reproduz a imagem de modo imitativo, e o que diz corresponde, com maior fidelidade, à

realidade da própria coisa, que é obtido através de especulações, de espelhamentos, de um discorrer da mente daqui para ali, através de comparações, constatações, cujo dis-correr deu o nome de discurso: daí chamar-se a tal saber de *saber discursivo*.

O saber teórico, especulativo, é o saber fundamental da ciência, da *epistéme* para os gregos, do saber culto, do saber cultivado. Desse modo, no termo *epistéme*, reuniam os gregos todo saber teórico, distinguindo-o da *doxa*, que era o saber meramente prático, que apenas sabe que tal se dá, sem saber por que se dá. O desenvolvimento do saber epistêmico ter-se-ia de se fundar, como se fundou, nos dados que a empiria ofertava. Mas permanecer apenas nela seria estacionar, e a mente humana, por suas propriedades intelectuais, tendia, como tende, a avançar no conhecimento. A curiosidade ante o que nos espanta leva o homem a perguntar, o que já se manifesta visível e extraordinariamente na criança, curiosidade e espanto que são os elementos primordiais que preparam a atividade mental para a construção do *saber culto,* do *saber teórico,* da *epistéme*.

Mas o ser humano não é apenas mente, não é apenas intelectualidade, é também sensibilidade e afetividade. Há um saber dos sentidos, um saber que captamos através dos nossos sentidos, como o temor, que é a apreensão de um mal possível (futuro ou imediato) ao organismo, ou afetivo, através de nossos estados simpatéticos e antipatéticos e, finalmente, o racional.

Por tais razões, não era de admirar que, no conhecimento humano, estivessem englobados, amalgamados, muitas vezes, intuições de caráter sensível, ao lado de intuições afetivas e outras intelectuais. Mas a tendência normal e justa do ser humano é, aos poucos, a de elevar o seu conhecimento ao campo mais perfectivo, e a maior perfeição do homem está na sua intelectualidade, porque é por ela que o homem se distingue dos outros animais.

Se se observa o desenvolvimento da ciência, que é o conhecimento teórico, o conhecimento que entrosa, que sabe pelas causas, observar-se-á, com facilidade, que o progresso e as curvas mais altas do conhecimento são proporcionais à racionalização do mesmo.

À proporção que o conhecimento se intelectualiza, eleva-se ele até alcançar os pontos altos que já alcançou. Inegavelmente, porém, o que é afetivo está presente em grande parte da vida humana. Poder-se-ia mesmo estabelecer a seguinte relação, sem que os números que oferecemos queiram indicar aspectos quantitativos exatos, mas apenas para dar uma ideia da realidade humana sob o ângulo do saber: somos 70% sensíveis, 25% afetivos e apenas 5% racionais. Ou seja, em nossa vida, no tempo em que ela decorre, vivemos sensivelmente muito mais do que afetivamente e, desse modo, mais que racionalmente.

A humanidade é ainda uma longa conquista do homem, porque ainda em nós predomina o animal, porque onde o homem é mais humano é na sua afetividade e, sobretudo, na sua racionalidade. Se se observa o desenvolvimento da ciência, no sentido que modernamente se toma, vê-se, desde logo, que ela se ocupa com os fatos sensíveis para tratar deles o mais racionalmente possível, evitando, tanto quanto é capaz de evitar, a influência da afetividade, que é a fonte, sem dúvida, da maioria dos nossos valores, das nossas apreciações axiológicas.[33] Não se pode negar que o axioantropológico influi no saber culto. Há ainda predominância do axioantropológico nas ciências que pertencem à filosofia prática, como a ética, a história, a moral, a economia, a política, etc.

Se se admitir que há dois tipos de ciências, as *culturais* e as *naturais*, as primeiras interessadas em estudar os diversos aspectos formais, onde a atividade humana se exerce, ou sobre as coisas que trazem a marca desse espírito, que são coisas criadas pela intencionalidade humana, e *naturais*, as que estudam os fatos da natureza (de *natura*, particípio passado do verbo

nascor, que significa, portanto, *o que é nascido*), das coisas que nascem, que são artefatos do homem, verificar-se-á com facilidade que a constante, que predomina nos estudos humanos, consiste em afastar tanto quanto possível o axioantropológico para a ciência tornar-se meramente especulativa, pois a filosofia especulativa distingue-se da prática, sobretudo pela ausência, naquela, do axioantropológico. A ciência natural, hoje, põe de lado os valores de origem afetiva. A botânica não vai examinar esta ou aquela planta por ser mais útil ou menos útil ao homem, por ser mais bela ou menos bela. A tendência da ciência natural é o afastamento do axioantropológico.

Ora, como os temperamentos humanos são diversos, como a afetividade é naturalmente heterogênea, é natural que os valores humanos sejam distintos ante uns e outros, e que o grau de intensidade que possuam possa variar, segundo a apreciação de uns e de outros. *Enquanto se permanece no campo do axioantropológico, haverá, inevitavelmente, divergências totais entre os homens. E tais divergências não surgem da observação ou da experimentação vária, mas da maneira vária de apreciar os valores, que o homem capta nas coisas, ou que lhes empresta.*

Portanto, a ciência humana será cada vez mais culta, mais teórica, à proporção que se torne mais especulativa[34] e se afaste, tanto quanto possível, do axioantropológico, que perturba o sábio em suas observações.

Por que hoje não se pode mais falar numa botânica chinesa, ou hindu, ou japonesa, ou árabe e, sim, na botânica que é universal? O mesmo com a física em maior escala, com a anatomia, com a fisiologia, com a matemática.

Não são tais disciplinas, hoje, universalizadas? Pertencem elas acaso a um país, a um povo? São propriedades de alguém? Sim, mas do *homem*, do homem no seu grau mais alto de desenvolvimento mental.

À proporção que a ciência se torna mais especulativa, ela se torna universal, é entendida por todos, é admitida por todos, ela se torna de todos.

Ela vence as fronteiras, ultrapassa as diferenças mesquinhas que os homens estabeleceram para dividir a humanidade, desdenha dos marcos políticos, das ideologias, das opiniões, das crenças.

A ciência liberta o homem no homem, porque o torna não apenas o membro desta ou daquela ideologia, deste ou daquele modo particular de ver as coisas, mas da humanidade.

A ciência especulativa é, assim, uma libertadora da humanidade.

Ela nos libertará dos *ismos*, que são excrescências de um saber primário e das pretensiosas posições adversas, que tanto mal nos têm feito.

Ela nos preparará o caminho para que nos entendamos e para que se possa estabelecer um plano de transformação da sociedade, não sob o ângulo afetivo e apaixonado dos *ismos,* que são axioantropológicos e modos abstratos e particulares de ver os fatos e de considerar o homem, fantasmas de um período de deficiência, que o saber especulativo não mais tolera nem admite, senão como exemplos de debilidade humana, e não de grandeza.

PROLETÁRIO, TEMA DE EXPLORAÇÃO IDEOLÓGICA

Em todas as épocas da humanidade os que apenas são prestadores de serviço foram sempre vítimas de exploradores astuciosos. Assim sempre foi, e assim ainda é.

O homem, que outra renda não tem que a do seu trabalho, e cuja única riqueza que possui são seus filhos, foi chamado de *proletário*, porque só a sua prole é o bem que lhe resta, a renda que lhe permitem ter é a que lhe podem dar seus filhos.

Como a sua vida é feita de necessidades, como a sua mesa é quase vazia, como as suas necessidades mais elementares são tantas e exigentes, é natural que esse homem, que esse tipo de homem, *tenha exigências imediatas*, careça de bens imediatos para satisfazer as suas justas necessidades.

Seus problemas são sempre de urgente solução, porque não pode esperar, porque não espera seu estômago, que pede alimentos; seu corpo, que pede vestes.

Por outro lado, todo homem deseja prestigiar-se ante os seus semelhantes. Todos querem ser ou, pelo menos, parecer que são superiores em alguma coisa. Sempre houve, sempre há e sempre haverá os que desejam impor-se aos outros com alguma superioridade. Um quer ser mais simpático, outro mais forte, outro mais hábil, outro mais rico.

Dos que não podem sobressair por nenhum daqueles caminhos, há muitos que buscam sobressair pelo poder político, exercendo esse poder sobre os outros.

Quem são eles? São os famintos de prestígio e que não sabem sofrer a sua fraqueza, os complexados de poder, complexados de inferioridade, que buscam obter um cargo que os torne grandes, *porque não são grandes*.

Quem é grande não procura ocupar o cargo grande. Quem realmente é grande cria para si a própria grandeza. É grande porque é grande, e não

porque ocupa um cargo grande.

Quem verdadeiramente se eleva é quem ascende por si, por seus atos e por suas realizações ao posto elevado. Cria o seu lugar, como Pasteur criou o seu na ciência, como Aristóteles na filosofia, como Camões criou na literatura.

Nem Pasteur, nem Aristóteles, nem Camões foram grandes porque ocuparam cargos elevados, mas foram grandes porque realizaram obras elevadas.

Aquele que não pode sofrer a sua inferioridade, aquele que não suporta dentro de si a sua pequenez, quer o cargo elevado, porque julga que, ocupando um pedestal e estando mais alto que os outros, é realmente maior que os outros.

E eis por que o proletário, em todas as épocas, ontem, hoje e talvez ainda amanhã, há de ser sempre o grande procurado, o grande explorado pelos que desejam ascender aos altos postos, pelos que não podem erguer-se por si mesmos, porque, na verdade, não são grandes, mas podem erguer-se sobre as suas esquálidas costas aos postos grandes para parecerem grandes.

E como procederam? Exploraram a sua miséria, exploraram a sua carência, exploraram a sua boa-fé, exploraram a sua ignorância, exploraram a fome de seus filhos, a seminudez e os andrajos de sua companheira, exploraram a urgência de suas necessidades e lhe prometeram então:

- que lhe dariam, já, imediatamente, o que já e imediatamente ele precisa;
- exploraram o seu imediatismo, que o faz vibrar ante a promessa do prato de comida, da veste para seu corpo quase nu, da casa humilde que não tem.

E como nada recebia de melhor do que esperava, eles sempre justificaram a sua falta, culpando outros.

Eles sempre encontraram culpados para explicar, porque não lhe deram o que lhe prometeram.

Eles nunca são os culpados, mas os outros. Quem são esses outros? Acaso são tão diferentes dos primeiros? Não são outros que os primeiros, que são outros para os segundos? Uns acusam os outros mutuamente. Todos, quando falam, são angelicais criaturas que só pensam no bem. Os outros, sim, esses só fazem o mal. O proletário que ouça o que uns dizem dos outros, as ofensas e as injúrias que uns atiram aos outros.

Uns são para os outros os traidores do povo. Todos se acusam mutuamente de traidores. Pois, na verdade, são todos traidores do proletário, do eterno atraiçoado, do eterno explorado, do eterno sofrido de injúrias e misérias.

Mas, por acaso, é o proletário apenas vítima? Sim, é vítima da sua ignorância e da sua fome, vítima da urgência das suas necessidades, vítima do seu apetite insofreado.

Mas é culpado, porque ouve a quem não deveria ouvir;
é culpado, porque crê em quem não deveria crer;
é culpado, porque serve a quem não deveria servir;
é culpado, porque segue a quem não deveria seguir.

Nunca na história da humanidade conseguiu um pouco mais que não saísse de suas mãos, porque é de suas mãos que sai toda riqueza do mundo.

Nunca foram os outros que o ergueram, mesmo aqueles que saem de seu seio para pregarem que o ajudarão.

Os que sempre, em toda história, se proclamam os amigos do proletariado, sempre foram os mais ricos, os mais poderosos, os de vida mais suntuosa.

Os seus verdadeiros benfeitores jamais andaram à caça de altos cargos.

A maioria é dos mesmos fariseus hipócritas, os que desejam que permaneça na ignorância e na miséria, porque sabem que se tiver o estômago

cheio, seu corpo vestido, sua casa humilde e boa, sua companheira e seus filhos sorridentes e alegres, não ouvirá mais os desejosos de ascender sobre os degraus de sua fome e de suas necessidades.

Jamais eles lhe darão meios de alcançar o bem-estar, porque o seu bem-estar o levará ao desinteresse pela política e, então, como subirão eles?

Enquanto tiver fome, eles terão um meio de explorar as suas necessidades, somando-as em votos, que os erguerão aos cargos nos quais são investidos, porque os cargos, que o homem cria pelo seu trabalho e sua inteligência, esses estão proibidos para eles, porque não são grandes, apenas querem parecer que o são.

Em todos os tempos o proletário só conseguiu erguer-se um pouco acima da sua pobreza, quando, por si mesmo, pelo seu trabalho, pelo seu esforço combinado com os de seus irmãos, *ele mesmo criou a riqueza para si*.

O seu verdadeiro amigo não é aquele que lhe pede o voto, mas aquele que lhe ensina como melhorar a sua vida, aumentar o seu salário, mas aumento real e não fictício, aumento verdadeiro, e não apenas somar um zero, quando, nos preços, os zeros se multiplicam.

Foi quando chegou ao seu companheiro e lhe perguntou: que podemos nós dois fazer juntos para ajudar-nos a sair da situação em que estamos? Não podemos juntar outros companheiros, como nós, e cooperarmos juntos para fazer alguma coisa real que possa melhorar a nossa vida?

“Não podes tu ajudar a construir a minha casa, e eu a tua? Não poderemos os dois ajudar outros, e eles ajudarem a nós?”

A ESPECULAÇÃO NA BAIXA DOS VALORES

Assistimos a uma verdadeira especulação na baixa dos valores. Tudo quanto é de menos valia é exaltado; a mediocridade é exaltada, o inferior é erguido. Dizem muitos que tal era inevitável, desde que a aristocracia havia desaparecido, e que a ascensão do homem vulgar se processara. “Como evitar que isso se dê se o vilão é hoje o senhor”, exclamam! “Que podemos esperar de uma sociedade de ‘novos-ricos’, cujos representantes ascenderam ao poder? Que desejarmos de uma humanidade em que a plebe se igualou nas posições aos mais altos? Como desejar que domine o bom gosto, a cultura, as boas maneiras, a acuidade mental, quando se deu essa enxurrada que levou de roldão tudo quanto havia de nobre e deixou como sedimento os detritos dos esgotos?”

E, desalentados, exclamam: tudo está definitivamente perdido. Com essa gente nada de melhor se fará. Estamos colhendo os frutos do que plantamos!

Em pleno século XIX, Nietzsche sentiu o advento do niilismo, a deterioração de tudo quanto de maior havia criado a cultura. A nova escala de valores, que ascendera, era a inversão de tudo quanto o nobre (realmente nobre, e não apenas o cortesão) havia criado. O que se entronizava era a vulgaridade, valores vulgares, o sangue fermentado e borbulhante, o homem do pântano, cuja voz é um gorgulhar. O niilismo avançava a passos largos, e os niilistas, sem o saber, lutavam para destruir não o que estava errado e falso, mas, sobretudo, o que ainda havia de digno e elevado. Nietzsche não era um saudosista, nem queria retornos que julgava estúpidos. Anelava, sim, avançar, ultrapassar o próprio homem. Queria que se considerasse o que até então se havia realizado de mais alto apenas como uma promessa de superações maiores. O que teria de vir era o super-homem. Mas o super-homem não era uma nova espécie. Era o grandioso ainda não atualizado, a possibilidade suprema que temêramos realizar em nós, e apenas alguns

espécimes humanos, em alguns aspectos, haviam atingido de leve esse estágio.

Ele também denunciou, e sua denúncia é atual. Os acontecimentos no século XX se precipitaram com tal velocidade, que as profecias de Nietzsche começaram a realizar-se logo. A sua denúncia era verdadeira e comprovada pela realidade. Os fatos testemunhavam a seu favor.

Contudo, o super-homem não veio. Vieram, sim, homens cruéis que julgavam que a humanidade conheceria a sua superação através da brutalidade e não do amor; através das paixões à solta e não pela purificação do entendimento; através da vontade desabrida e concupiscente, e não pela liberação livre e justa; através do ódio desencadeado, e não pelo amor. E assistimos, então, ao que assistimos: um pesadelo de tigre...

Mas a nobreza de todas as épocas e de todos os ciclos culturais saiu também das camadas inferiores. Não, porém, permanecendo inferiores, mas exaltando no homem o que o homem tem de mais alto: o seu entendimento, a sua vontade e o seu amor.

Também há grandezas humanas nos prados, nas planuras, e não só nas montanhas. Mas é preciso boas pernas para ascendê-las, e homens de vontade forte e boa. E esse homem não é uma impossibilidade hoje. Ele também surge e pode multiplicar-se. Mas como alcançar esse homem se tudo se movimenta, se dispõe e processa-se para impedir o seu advento?

A especulação na baixa dos valores é um atentado sinistro contra a humanidade. É a tentativa de perdurar no pior e truncar as possibilidades mais altas, é um ato de frustração contra o superior. Se os que apenas atentam para o que é baixo estão livres para propagar a sua apreciação, é natural que se multipliquem os apreciadores de tal espécie. Na verdade, toda a promoção pseudamente cultural está comprometida às mãos menos hábeis. O que poderá vir é o que vem, e nada mais. Não é de admirar que os meios de publicidade tenham caído em mãos de pessoas menos categorizadas para essa

função. Há exceções, mas que podem fazer tais exceções se os que preponderam não as reconhecem nem auxiliam?

O que espanta é o malogro constante das boas providências. Tudo o que se propõe realizar de melhor encontra maiores obstáculos e está sempre ameaçado do malogro próximo. Se surgem periódicos bem intencionados, e que realmente pretendem propagar o melhor, logo os ameaça a derrota. E ela vem mais cedo ou mais tarde. Só vinga a má erva. Tudo se dispõe para que essa se multiplique e avassale.

Os grandes atos humanos, os grandes gestos, não são notícias mais. Não interessam, não se propagam, não recebem louvores. Tudo quanto o homem realiza de pior obtém maior relevo publicitário, e esse aumenta na proporção da ignomínia e da indignidade do ato. Já citamos inúmeros exemplos. Seria inútil repeti-los. É aí que se verifica a maior especulação. Acima de tudo a notícia, e só é notícia o que tem menor valor, o que mais traumatiza o homem vulgar. Não é de admirar, portanto, que a impressão que nos causa o espetáculo do mundo é a hediondez. Mas essa hediondez não é total. Os que procedem mal são sempre menos numerosos que os que procedem bem. O crime é sempre menor que o ato de caridade.

Realizam-se mais atos de apoio mútuo e de amor que atos de espoliação. Cumpre-se mais o direito do que se lesa; e os deveres são cumpridos em maior número do que se pensa.

A PROPAGANDA DESENFREADA

Contudo, a *propaganda desenfreada* do que é mau dá-nos a impressão de que a maldade dominou totalmente. Não há mais corações que se exaltem, não há mais gestos de nobreza, não há mais homens que olhem os seus semelhantes como seus amigos. E isso não é verdade. Mas a mentira organizada em periódicos dá a impressão do inverso. É uma estimulação constante para que se veja o contrário, para que o contrário se dê, para que o contrário seja a regra.

Poderão dizer que muitos contribuem para isso sem ter consciência do mal que fazem. Não sabem que assim promovem o mal, embora desejem o contrário. Acreditamos pouco nessa ignorância, por isso não nos furtamos à denúncia que cabe fazer. Outros dirão que a maioria se interessa mais pelo malicioso que pelo digno e nobre. Mas repelimos essa mentira. Se há em seu apoio alguma coisa de verdadeiro, se realmente há momentos crepusculares em nós, em que é fácil abrir o caminho aos morcegos e às aves noturnas, esses instantes não devem receber estímulos para que se repitam. Podemos diminuí-los e até evitá-los totalmente. O bem também se propaga, embora mais lentamente. Também há desejos por sorrisos francos e por rostos alegres, por manhãs de sol e risos de criança. A humanidade ainda não desfaleceu totalmente. Se houver um pouco de luz, ela iluminará trevas, e os amantes da luz criarão novas esperanças.

É mister que aceitemos as auroras, e não apenas os crepúsculos.

A dúvida sobre a liberdade, o seu desmerecimento, é um dos mais afrontosos erros da atualidade, porque negar a liberdade é negar o homem. Quem se dedica a estudá-la, e o faz com exação, sabe muito bem que ser livre não implica, necessariamente, ausência total de qualquer determinação.

Liberdade não é espontaneidade absoluta, mas apenas a nossa capacidade de poder escolher entre futuros contingentes, preferindo este, preterindo

aquele. Obedecemos sempre, indeterminadamente, a um anelo de bem. Somos determinados ao bem supremo. Contudo, podemos nos furtar aos bens próximos, podemos errar ao escolhê-los, podemos frustrar-nos a este ou aquele. Podemos errar como acertar. Mas, se escolhemos este em detrimento daquele, em nada ofendemos a ordem universal cósmica. A nossa liberdade não é algo que se dá contra essa ordem, mas dentro dela.

A nossa liberdade apenas testemunha a nossa humanidade, a característica fundamental desse ser que pode dizer sim e pode dizer não, e que não é apenas um joguete ao sabor dos seus desejos.

IDEIAS SOCIAIS PRIMÁRIAS

Outro aspecto bárbaro de nossa época é a *proliferação das ideias sociais primárias*, que prometeram o impossível aos homens e só lhe trouxeram, até aqui, as mais desalentadoras experiências. Os resultados não corresponderam às expectativas e se há ainda, em muitos, algumas esperanças de que possa encontrar nessas promessas o caminho das efetividades desejadas, deve-se à pobre advertência dos que não sabem mais distinguir entre o que é quimérico e o que tem probabilidade de realização.

Uma revisão das ideias sociais, feita com o cuidado que devem merecer, evitaria a repetição de tantos erros e a perpetuação de tantos malogros. Este mundo precisa ser reformado, sem dúvida, mas cuidemos de não trocar o ruim pelo pior. Para evitar que isso se dê, é mister, desde logo, o exame, nas ideias sociais, do que têm elas de bárbaro e o que têm elas de culto, o que elas realmente oferecem. É inútil sonhar que "tigres gestem pombas"...

O reexame de todas elas se impõe, hoje mais do que nunca, quando se exacerbam a consciência das ausências, os ressentimentos, os sentimentos de frustração. Só a nossa vontade purificada pelo entendimento correto pode nos levar ao amor verdadeiro e justo. Por esse verdadeiro amor, devemos cuidar-nos de cair em velhos erros de resultados tão desastrosos. Não basta amar o próximo. É preciso saber como devemos tornar efetivo e prático o nosso amor.

Evitar as reversões infantis é outro caminho que nos cabe. Não podemos recuar aos esquematismos da criança. Não é possível que compreendamos o homem adulto e maduro como se fosse uma criança que subitamente envelheceu. Não é possível que consideremos como verdadeira ciência nossa o que a criança julga que é a palavra, como ela concebe o número, como ela entende causa e efeito, como ela julga o poder das coisas, como ela crê nas possibilidades.

Precisamos de uma vez por todas aceitar a nossa maturidade intelectual e sobre ela fundar as nossas observações, experiências e também as nossas realizações. Retornos aqui seriam demissões e, mais ainda, derrotas. Não alimentaremos a humanidade com derrotas, mas com vitórias, porque essas é que são o verdadeiro alimento do espírito.

CIENTISMO INGÊNUO

É mister desterrar de vez os erros do cientismo ingênuo, que julgou tudo explicar nos laboratórios; o sensualismo ingênuo, já desterrado para o museu das velharias inconsequentes, depois das grandes descobertas da microfísica, que é uma aventura para a eônica de amanhã; o empirismo vulgar, que submete o mais ao menos, o criticismo agnóstico e até cético, que nega o valor dos nossos conhecimentos, o positivismo vicioso, que faz afirmações absolutas, fundando-se em premissas meramente contingentes, o ficcionalista que nega porque proclama a sua incapacidade de investigar, o niilismo pessimista, negativo e passivo, que nega porque desfalece ante as dificuldades teóricas, impotente em resolvê-las, o satanismo negro, coroamento final de uma derrota total, que pretende tudo subverter na sem-razão e na loucura, porque malogrou totalmente. Tudo isso é preciso denunciar de vez. É mister retornar aos grandes trabalhos do passado e rever o que deve ser revisto. É mister afastar os preconceitos tolos que nos fazem renunciar a uma herança que pertence à humanidade, sob a alegação de que pertence ela a uma seita, que não é a nossa. A cultura e o saber não têm pátrias, nem classes, nem interesses criados. A cultura é livre por sua natureza, vence o tempo, vence as contingências, vence os preconceitos. Todo sábio, que realmente é prudente, e é assistido por uma sã sabedoria, é um libertário. Ele não se prende mais a preconceitos, a pré-julgamentos mal fundados. Ele quer vencer as fronteiras e ri de tudo quanto o homem criou para separar-se de seus irmãos. A verdadeira ciência é ecumênica, é universal, é uma vitória sobre a fraqueza, sobre a deficiência, sobre o preconceito.

Todo verdadeiro sábio é um libertário, que avança para um amanhã sem peias e sem compromissos. Ele quer realizar o homem na sua grandeza, e não

na sua pequenez; ele quer exaltar o superior e desterrar o que nos indigna e diminui.

Todo sábio assim é mais que uma promessa, é a afirmação mais categórica e mais robusta de uma realidade que cabe ao homem conquistar.

É uma esperança que se robustece numa verdadeira fé e que inaugurará a verdadeira caridade: *o amor ao bem do homem*, sem esquecer que esse bem está em sua grandeza, e não em sua pequenez; que esse bem está em sua exaltação, e não em sua depressão; que esse bem está na vitória sobre tudo quanto separou, dividiu, amesquinhou.

Este sábio será, então, o afirmador da verdade, porque o verdadeiro bem é a verdade, porque a verdade é o verdadeiro bem.

Discurso Final

Seria ingenuidade de nossa parte imaginarmos que todo leitor desta obra tenha plenamente concordado com as ideias aqui expostas e com as denúncias feitas.

Após havermos escrito esta obra, demo-la a ler a várias pessoas para que apresentassem as suas críticas. Foram escolhidas de entre diversas posições filosóficas, e inclusive ideológicas, e tivemos oportunidade de conhecer as oposições que se faziam às nossas ideias, desde os aspectos fundamentais e substanciais até os meramente acidentais ou secundários. E concluímos que não deveríamos modificar o texto, pois se não nos fosse possível convencer a todos da fundamentalidade das nossas ideias, pelo menos poderíamos contribuir junto a um grande número de pessoas para exercer alguma ação de protesto ou de obstáculo ao desenvolvimento, que ora se observa, do barbarismo entre nós.

Vamos passar a analisar os diversos capítulos, quais as objeções que nos foram apresentadas, como se manifestaram e também como podemos respondê-las.

Quanto à valorização em nós da parte animal foi-nos dito que isso representava uma consequência inevitável dos excessos praticados pelo cristianismo, que desvalorizou exageradamente o corpo, o sentido do corpo, as exigentes práticas ascéticas, o excesso de condenação às coisas deste mundo que o cristianismo fomentou, o que provocou uma revolta em relação a essas ideias, porque tudo quanto é carne em nós, tudo quanto é vida, tudo quanto é humano protestou contra essas afirmações exageradas e é natural

que hoje se observe uma marcha constante para o que em nós é humano e animal.

Devemos reconhecer que nessas objeções há certo fundamento pelas seguintes razões: verdadeiramente somos cidadãos de duas pátrias, da pátria terrestre e de uma pátria celestial; ao mesmo tempo em que o ser humano deseja viver plenamente a sua vida, gozar dos frutos terrestres ao máximo, ele também aspira a gozar dos frutos de uma vida ideal, de uma vida superior e perfeitíssima, porque o nosso anelo não se aquieta, sente-se não se aquietar a não ser na posse plena e integral da felicidade suprema. Há em nós um ímpeto à suprema perfeição. Não nos satisfazemos com as nossas limitações, mas também não queremos abandoná-las; quer dizer, queremos ser homens, mas também ser deuses.

Ora, na verdade, o cristianismo, no seu verdadeiro sentido, é isso. Se houve cristãos que não o compreenderam, que levaram o cristianismo para outro lado, a culpa não é de Cristo, tampouco das ideias cristãs, mas destes cristãos que julgaram que nos aproximávamos cada vez mais de Cristo à proporção que nos afastávamos das coisas da terra, o que provocou, como consequência, excessos viciosos, que deixaram de ser virtudes para se tornarem verdadeiros vícios, porque a virtude em excesso é um vício. Nesse ponto se dá, realmente, uma profunda razão. Poderíamos até dizer que existem duas espécies de satanismo: um satanismo que corresponde ao pecado de Satã, pecado de orgulho, aquele desejo, não o de julgar-se superior e aproximar-se da divindade, mas aquele orgulho de julgar-se como já tendo alcançado a divindade, a ponto de Nietzsche dizer com profunda razão que se não fossem as operações fisiológicas e inferiores, o homem se proclamaria deus.

Esta falta de humildade, esta falta de reconhecimento dos nossos verdadeiros valores, e nos julgarmos já profundamente acabados e plenos, já tendo atingido a superioridade divina, que é o pecado satânico, provoca outro, também satânico e inverso, que consiste em desprezar totalmente esta

parte superior e de nos afundarmos na plena animalidade, e até nos demitirmos desta participação, que temos com as duas pátrias.

Ora, Cristo, na sua verdadeira significação anagógica, porque podemos pôr de lado até a sua realidade histórica, que passa a nos desinteressar neste momento, pois poderíamos, perfeitamente, dispensá-la, e apenas permanecer com a sua verdade arquetípica e a sua verdade anagógica, Cristo é um mediador. Mas um mediador de quê? Um mediador dos dois mundos: do mundo terreno e do mundo celestial. É aquele que simultaneamente tem as duas naturezas: a divina e a humana, e que busca salvar o homem, tornando-o também participante da divindade, mas prometendo-lhe o paraíso terrestre, inclusive a ressurreição da carne.

Ora, o genuíno do cristianismo não é nem esta excessiva ascética, que leva ao completo abandono das coisas que pertencem a este mundo, nem tampouco uma outra ascese, que nos levasse ao abandono total das coisas que pertencem ao mundo das nossas ideias e das perfeições supremas para cairmos no que há de inferior e de mesquinho.

Tal incompreensão decorre de não perceber o mediador, que é Cristo, que, no decorrer de toda a sua vida, demonstrou preocupar-se com as deficiências desta vida e buscou saná-las (Ele vai dar vinho àqueles que se divertiam nas bodas de Caná. Vai curar aqueles corpos que estão doentes. Vai dar condições materiais melhores para os que estão sofrendo, mas também vai dar o caminho para elevarem-se ao máximo que os poderá aproximar da Divindade). Cristo é carne e é espírito, sofre como carne, morre como carne, mas também ressurge não só como espírito, mas como carne, também, e este é o ponto fundamental que não se deve esquecer, e que leva a tamanhas consequências graves, que se notam hoje, dentro da Igreja, no filosofar de tendências verdadeiramente anticristãs. Sempre esteve o ser humano em estado de perplexidade por ser participante dessas duas pátrias, por ser cidadão dessas duas pátrias. O homem tem de clarear, devidamente, qual o

caminho que deve seguir e onde estaria a sua verdade, e é muito comum que julgasse que ela estaria numa dessas pátrias em detrimento da outra, e não precisamente na concepção, que é genuinamente cristã, cuja verdade está em ambas as pátrias.

O homem sempre achou estranhas, quando se excede na parte espiritual, as coisas materiais. Então desejou dar à sua mente os meios de expressar apenas o que ultrapassa a materialidade e de desligar de um conteúdo real as suas ideias. Ao inverso, quando valoriza exageradamente a parte terrestre, vai negar o conteúdo real às suas ideias, e surgem como consequência duas posições: a realidade estaria nas ideias, e não nas coisas, ou a realidade estaria nas coisas, e não nas ideias. Entre esses dois extremos disputou-se no decorrer dos séculos na filosofia, e essa disputa, que já havia encontrado uma solução genuinamente cristã dentro da filosofia escolástica, termina hoje por encontrar, novamente, aqueles que buscam outra vez abrir o abismo entre as nossas duas pátrias, criando, desse modo, a situação seguinte: só têm valor as nossas ideias quando elas representem as coisas da nossa experiência sensível, enquanto as outras são meras construções mentais, meros entes de razão, e alguns chegam até a dizer sem nenhum conteúdo real, meros nadas.

Ora, ambas as posições filosóficas são absolutamente anticristãs. A verdadeira posição é a que compreende a mediação de Cristo, e é a seguinte: nós temos ideias que têm um fundamento real, umas mais e outras menos; quer dizer, há um grau de intensidade no fundamento real das nossas ideias, mas também podemos construir outras sem fundamento real, meramente ficcionais e até absurdas, sem conteúdo ideal nenhum, como o círculo quadrado, que não pode ser pensado, nem representado. Essa seria a verdadeira posição cristã, e essa posição está sendo abalada por novas interpretações de falsos escolásticos modernos, que querem fazer uma espécie de conciliação do pensamento filosófico cristão com o pensamento dos empiristas, materialistas sensistas, positivistas, nominalistas, etc., o que

corresponde, no campo da filosofia, à mesma aproximação que se faz no campo das ideias políticas e sociais, tentando conciliar o pensamento da Igreja com os falsos socialismos, com falsas soluções socialistas, que absolutamente não são cristãs. Há aqui uma derrota destes cristãos, não, porém, do cristianismo, porque este não pode ser culpado no lugar daqueles que, ao tomarem tais atitudes, não são capazes de levar avante o verdadeiro e genuíno pensamento cristão.

Em consequência dos excessos que se davam ao valorizar-se a pátria celestial, desmerecendo a pátria terrestre, porque se deve valorizar a pátria celestial, sem detrimento da pátria terrestre, encontramos no pensamento de São Francisco essa tendência a nos irmanar com as coisas: o irmão Sol, a irmã Lua, a irmã Terra. São Francisco luta, por todos os meios, para que nos irmanemos, que nos identifiquemos com as coisas deste mundo, sem deixar de também buscar a nossa identificação com o que pertence ao mundo divino. A concepção franciscana é uma verdadeira mediação, posição genuinamente cristã de mediação, de realizar esta união em nós, das duas pátrias.

Ora, o que nós combatemos neste livro, desde o primeiro capítulo, foram precisamente os desvios que se dão para a animalidade em detrimento da nossa parte intelectual e sapiencial, em detrimento da nossa pátria espiritual. Nós não negamos nem queremos combater a valorização do terrestre, o que não queremos nem podemos admitir, e consideramos bárbaro, é que se destrua o espiritual e o intelectual para valorizar apenas o terrestre e, consequentemente, podemos responder, do mesmo modo, à crítica a outros capítulos, que têm certa analogia com este.

Assim, a supervalorização ou exaltação da força, a valorização acentuada da agilidade e da capacidade meramente física, a valorização exagerada do corpo em detrimento da mente, a valorização do visual sobre o auditivo, a acentuada supervalorização romântica da intuição, da sensibilidade, da sem-razão, que encontramos entre os românticos, que provoca completa dúvida

sobre a razão, a tendência, como consequência dessa supervalorização animal, de estabelecer a superioridade da força sobre o direito e dar hegemonia à força sobre o direito, são terrivelmente destrutivas; a propaganda desenfreada e tendenciosa das coisas que descem, como a supervalorização do crime violento, da violência, da brutalidade no homem; a valorização da memória mecânica, que nos aproxima mais da sensibilidade em detrimento da memória eidética, da memória das ideias, que pertence plenamente à nossa intelectualidade, ao nosso entendimento, tudo isso é uma consequência regular dessa má compreensão do verdadeiro sentido do homem. E não compreender que o homem é um ser completamente distinto dos outros animais, porque esses não têm o poder de frustrar os seus atos naturais por um poder intrínseco, por uma escolha, por uma deliberação, por não terem liberdade. Mas o ser humano é um ser que pode frustrar os seus atos por uma deliberação intrínseca; e enquanto o animal não diz não à natureza, o homem pode dizê-lo.

Este é o nosso pecado original, a nossa capacidade de desobediência. Nos livros sagrados, o pecado original nos é apresentado através das alegorias do livro da Gênese, mas anagogicamente significa a capacidade do homem de dizer não e, portanto, de frustrar os seus atos, de escolher entre o bem e o mal, de escolher mal ou bem entre o bem e o mal, escolhendo muitas vezes o mal em detrimento do bem por ignorância, por fraqueza, por concupiscência e até por malícia. Consequentemente esse pecado original é da espécie e por isso se transmite a todos, com o qual todos nós nascemos, e do qual podemos nos libertar apenas com o compromisso de nossos pais de nos educarem e nos prepararem para que saibamos escolher bem, como se vê através de toda ritualística do batismo. Mas o pecado satânico é o da soberba, do orgulho, o da criatura que, por ser participante desta pátria divina, julga que já é deus.

Porque dispomos da capacidade de escolher, escolhemos sem devidamente nos prepararmos para saber escolher bem. Assim estamos sujeitos às

consequências das perfeições e dos defeitos da nossa própria natureza. Esses são os dois pecados fundamentais que, hoje em dia, inegavelmente, estão dando os seus efeitos, sobretudo os da soberba, do qual muitos não podem dele resgatar-se e tendem ainda para baixo, para a direção satânica do inferior, do inferno, que é o inferior, o que tende para baixo, o que nos devolve às raízes puramente naturais, a animalidade, a nossa parte puramente física, e que nos afasta da outra que nos eleva, que nos exalta, que nos impele à superação de nós mesmos.

O homem não pode perder-se com a cabeça nas nuvens, nem pode enterrá-la nos pântanos; é mister que tenha seus pés sobre a terra e sua cabeça nos céus. Esse é o verdadeiro sentido de que a própria figura ereta do homem é o melhor símbolo, dentro da nossa cultura, que é genuinamente cristã, porque os seus alicerces, os seus fundamentos, a sua espinha dorsal são cristãos e tendem tanto para um lado como para outro. Ao se afastar do verdadeiro cristianismo, contribui-se para a dissolução do nosso ciclo cultural.

***

Há quem alegue que temos sido injustos para com radialistas e políticos, acusando-os de serem todos perniciosos. Não é verdade. Nunca dissemos que todos o sejam. Há políticos bem intencionados e honestos e há radialistas que se esforçam por elevar o nível das rádios e tevês. Mas são exceções, e não a regra.

***

Alega-se ainda que o jogador de futebol é um herói nacional espontaneamente escolhido pelo povo, que podemos respeitar o esporte. Já escrevemos muito sobre esporte e o exaltamos a um ponto que muito poucos dos seus seguidores alguma vez o colocaram. Mas quem pode negar que uma propaganda desmedida do futebolista, como do cantor popular, ultimamente, não os tenha colocado num pedestal? Esse excesso não tem contribuição a

dar-lhes um valor que eles mesmos não julgam ter? E não tem servido para perturbar-lhes em parte a vida e a transformar o esporte e a música popular em meros objetos de mercado?

***

Vejamos outros aspectos e as críticas que nos foram feitas. Houve quem alegasse que a cibernética poderá perfeitamente substituir a inteligência humana. Na verdade nunca substituirá a sabedoria humana, que é criadora, profunda e nos leva à captação dos primeiros princípios, o fundamento matético. Jamais a cibernética no-lo poderá dar, porque estará sempre subordinada ao grau da nossa inteligência. Poderemos, sim, ampliar o campo das nossas máquinas de pensar; mas elas nunca ultrapassarão a profundidade do pensamento humano. Poderá realizar com mais rapidez, com mais precisão, certos pensamentos que podem reduzir-se ao meramente mecânico.

***

Alguns críticos disseram que a valorização da horda era normal, porque, na verdade, nós na civilização ingressamos na horda, pois não temos mais tribos, e ademais a família ameaça dissolver-se. As tribos desapareceram e, se vivemos de certo modo na horda, conservamos ainda algumas aderências tribais, o que decorre de não termos ainda atingido graus evolutivos superiores. Reconhecemos que na cidade moderna vivemos como em hordas, não há dúvidas. Perdemos a tribo e não conquistamos ainda o verdadeiro *povo*, ainda não formamos esta unidade, ainda somos estranhos uns aos outros e a presença da parte tribal é justa. Nós também o reconhecemos, e quem lê devidamente esse capítulo perceberá que não negamos a realidade desse aspecto. Apenas o que dissemos é que o tribalismo que ainda permanece em nós perturba o nosso desenvolvimento, porque cria separações, distinções e afastamentos sem justificativa, que representam retornos ao barbarismo e impedem o nosso desenvolvimento para atingir uma

congregação maior do homem, que é o ideal que Cristo pregou, a Assembleia de Deus, quer dizer, a Igreja de Cristo, a *ecclesia* (em latim, igreja), a assembleia, a reunião de homens irmanados, que estariam acima das raças, das tribos, das nações, e de tudo quanto os divide e separa, para aproximá-los naquilo que verdadeiramente os unifica.

***

Quanto à exploração da sensualidade, há quem afirme que o excesso que há decorre da exploração econômica do sexo, por certa imprensa, e por empresários teatrais, o que pode ser coartado de certo modo, do que concordamos.

***

Quanto ao mau gosto na arte, alguns dizem que não se justifica a nossa acusação, porque o artista moderno conquistou uma liberdade que não possuía o artista de tempos anteriores, obrigado a realizar suas obras dentro de cânones prefixados, o que, consequentemente, bitolava a sua capacidade criadora. Ora, isso é excessivamente errado, porque esses cânones jamais bitolaram a capacidade criadora. Fídias não deixou de ser quem foi por permanecer dentro do seu cânone. Nenhum grande pintor nem poeta deixou de realizar grandes obras por estar “bitolado” dentro de seus cânones, porque esses não impediam as criações de caráter mais pessoal. Agora certos exageros dos cânones, que perturbam até os ímpetos criacionais, como aconteceu no Egito e no academicismo, esses são condenáveis. Mas quem pode negar que um artista não possa expressar sua catarse, a sua angústia, o seu sentimento, sem necessidade de cair no horroroso, no demoníaco, no satânico ou no inferior? Pode-se transformar até o horrível em belo. É verdade que tal façanha exige talento. O que falta a muitos artistas é esse talento, que na verdade está minguado nos últimos três séculos.

Depois de terminar aquele grande momento de fluxo da escolástica, essa não repete mais os Tomás de Aquino, os Scot e os Suárez. Por que a época moderna não nos repete mais os grandes poetas, os grandes artistas, que o passado nos deu? Alguma coisa deve estar faltando, alguma coisa deve estar perturbando.

Ora, nós não podemos agora chegar e querer nos convencer de que um medíocre pintor moderno pode pôr de lado um Michelângelo ou um Leonardo, etc. Temos de fazer essa distinção e reconhecer as diferenças de valores, que são grandes. Não podemos forçar, não podemos violentar a realidade. Alguns dizem que o homem decaiu na sua inteligência, na sua capacidade criadora devido à técnica e à ciência. Mas é improcedente essa afirmação. O homem decaiu porque precisamente escolheu os caminhos que levam à morte da capacidade criadora. Se tomar consciência de que escolheu o caminho mortífero, o caminho assassino, ele novamente se libertará. É impossível que, seguindo esses rumos, possa realizar o que outros, seguindo rumos superiores, realizaram. É simplesmente isso o que se dá. Ninguém pode fazer milagres nesse ponto. Se a arte moderna cai é culpa de os artistas terem escolhido os caminhos que descem. Escolham os caminhos que sobem, e ela voltará a ser criadora outra vez.

***

Quanto à aceitação da repetição à custa da criação, alegaram alguns que é natural que goste o homem da repetição, porque o primitivo em nós ainda existe. Não deixamos de reconhecer tal presença. O que nós não queremos é que esse primitivo predomine a ponto de que somente nos preocupemos com a repetição, com os ritmos, e nos afastemos de tudo quanto é superior. Não queremos negar a presença em nós do que é inferior, o que não queremos é que esse inferior passe, na escala de valores, para uma hierarquia superior, e o superior para um degrau inferior, como se tem feito.

***

Acusaram-nos ainda de reagirmos contra a introdução de novas ideias. Tal não tem fundamento. O que combatemos não é a introdução de novas ideias, quando elas são realmente positivas e bem fundadas, mas, sim, de velhas ideias, de rançosos erros, que já foram refutados com séculos de antecedência e que desejam por força apresentar-se como aberturas para novos horizontes, quando, na verdade, não oferecem perspectivas melhores.

***

Outros afirmaram que a nossa posição perante a escolástica, o fato de admitirmos novos degraus no conhecimento filosófico, seria uma afronta à autoridade dos grandes mestres. Mas isso representa uma verdadeira inversão das coisas, porque todos os grandes escolásticos jamais quiseram que a filosofia permanecesse estacionária e se anquilosasse na mera repetição do que foi afirmado pelos seus grandes luminares.

Todos os grandes mestres da escolástica foram inovadores. Portanto, são admissíveis inovações. Esse era o critério que seguiam os grandes mestres. Mas é preciso compreender-se duas coisas: primeiro, que os grandes mestres foram inovadores, eles não estancaram as possibilidades filosóficas da escolástica. Quem parou foi precisamente o mau discípulo, que ficou subserviente e completamente subordinado ao pensamento do mestre, e que quer ser apenas um repetidor das palavras daqueles que ele segue. Ora, os grandes escolásticos, como um Tomás de Aquino, foram além de um Santo Alberto, e um Suárez avançou além de Santo Tomás, como Duns Scot também, ao invadirem novos terrenos. E esse trabalho tinha de ser feito. A escolástica se anquilosou por culpa dos discípulos menores. Se ela ficou perdida no meio de disputas estéreis, os culpados foram esses discípulos, que não quiseram ou não puderam renovar o que era renovável naquela corrente do pensamento humano. Agora o que não se pode é ficar a fundamentar-se no

escolasticismo, que é uma forma viciosa e que tem servido de motivo de ridículo por parte de seus adversários, com justa razão.

Uma revisão total dos fundamentos escolásticos não nos levaria, se bem orientada, à admissão dos erros já superados, mas, sim, à aquisição de novas verdades que ficaram virtualizadas no decorrer do processo filosófico. Há muita verdade na obra dos grandes autores que não tiveram o acento que mereciam, e há aqui muito que fazer para os escolásticos modernos.

***

Alguns também julgam que nós não vemos com olhos otimistas o desenvolvimento da ciência. Não é verdade. Não é isso que está exposto na nossa obra. Ao contrário, julgamos que a ciência, do mesmo modo que tem caído em certos erros, tem possibilidade de alcançar muitos aspectos de valor superior aos que alcançou. A ciência tem registrado um progresso impressionante e que merece todo respeito. O perigo está em cair em certas aderências infantis, que constituem verdadeiros preconceitos e que lhe impedem o desenvolvimento normal e proveitoso. O que não podemos é transformar nem aproveitar as grandes conquistas científicas para que sirvam de esteio na defesa de velhos erros refutados, porque, na verdade, as novas conquistas da ciência vêm em favor de todos aqueles aspectos superiores do pensamento cristão.

***

No referente à universidade, acusaram-nos de que somente damos valor aos autodidatas e negamos todo valor à escolaridade. Também não é verdade. Não é isso que expressamos nesta obra. O que dissemos é o seguinte: se a universidade prosseguir, ou deixar predominar o espírito que evita, que obstaculiza no aluno a sua capacidade criadora, se não voltarmos à prática das *questões disputadas* e das *questões quodlibetais*, que eram verdadeiras ginásticas do espírito, e que desenvolviam a capacidade criadora,

naturalmente que as universidades darão apenas homens bitolados, limitados, valorizando apenas o quantitativo em vez do qualitativo, e sem perspectivas de progresso. A renovação que queremos na universidade é apenas a volta ao seu verdadeiro sentido de universalidade e universidade; isto é, deve ser uma fonte capaz de estimular criadores, e não meros repetidores, não homens que tomam apenas parte no coro, mas que sejam protagonistas dos grandes papéis que a história lhes pode reservar.

***

Para aqueles que afirmam que é absolutamente impossível que a religião e a ciência se entendam, apenas temos de responder que esses não entendem nem de religião, nem de ciência, porque a verdadeira religião em nada se opõe à ciência, nem a verdadeira ciência se opõe à religião cristã. Agora, o que não pode permanecer são estas representações completamente falsas do sentido religioso, cuja culpa em grande parte cabe a um clero indevidamente preparado. É muito mais fácil interpretar as Escrituras pelos métodos históricos, pelo método literal, pelo alegórico, pelo tropológico, do que propriamente pelo anagógico. Esse já exige uma capacidade superior, sem dúvida, mas nada impede de alcançar, aos poucos, os arquétipos, que são os mesmos da ciência, como os da filosofia; e, então, ciência, filosofia e religião podem encontrar-se no pensamento superior, no pensamento matético, o que demonstramos em nossos livros correspondentes sobre a matéria.

***

Dizer, como alguns o fazem, que o criador é um elemento impertinente, inconveniente e perturbador, que o homem homogeneizado, o homem massa, é mais benéfico para a humanidade, eis um dos preconceitos da época moderna, porque os grandes gênios não foram perturbadores da humanidade. Os que perturbaram a humanidade foram os grandes medíocres considerados gênios. A luta contra a criação é verdadeiramente absurda. Não se deve

confundir a criação com as falsas inovações, que são verdadeiramente perturbadoras, dos falsos gênios e dos falsos criadores. O que há é a necessidade de saber distinguir quem realmente é criador e quem não é.

***

Quanto ao conceito de Deus, temos a responder o seguinte: para nós o ateísmo é sempre o produto de uma má colocação, de uma má representação do conceito de Deus. Não encontramos nenhum ateísta que tivesse uma noção clara de Deus, porque aqueles que a têm não são ateístas.

***

Alguns afirmam que a presença dos *ismos* na nossa época é uma revelação da heterogeneidade humana e que, portanto, devemos compreender a presença desses *ismos*. Sim, de todos os *ismos* que realmente correspondam às heterogeneidades, concordamos; mas há *ismos* que não correspondem verdadeiramente à heterogeneidade fundamental, mas, sim, a aspectos meramente acidentais e, portanto, são desnecessários, e apenas têm servido para criar confusões, e não para dar uma visão clara e nítida da realidade.

***

Aqueles que afirmam que nós não podemos fugir do axioantropológico (as nossas valorações) e que, portanto, a nossa luta é estéril, enganam-se, porque não negamos a presença do axioantropológico entre nós, sobretudo no campo da filosofia e da ciência práticas. O que queremos é que esse axioantropológico não predomine na parte especulativa, porque aí trabalhamos com os conceitos incomutáveis, e não com os conceitos comutáveis, como os da filosofia e da ciência práticas. Se trabalhamos com conceitos incomutáveis, devemos empregá-los independentemente das nossas valorizações ou desvalorizações. Devemos evitá-los tanto quanto nos for possível e, como podemos fazê-lo, devemos acentuar cada vez mais essa nossa libertação para que a precisão dos nossos conceitos atinja a máxima

nitidez e acuidade. É o que acontece com a ciência, e esta está realizando essa tarefa cada dia numa intimidade maior, e o mesmo podemos fazer no campo da filosofia. Desse modo, respondemos àqueles que dizem que também não se pode separar o valor estético da filosofia. Afirmamos que se pode separar. Não queremos com isso dizer que, na filosofia, não haja presença de um valor estético, mas o que não queremos é que o estético predomine sobre o filosófico, mas que ele seja apenas um elemento auxiliar do filosófico. Podemos tratar de uma matéria filosófica com certa estética, mas com uma estética superior, mas nunca subordinar o pensamento filosófico à estética, nunca sacrificar a verdade à estética, como Nietzsche fez. Ele justificou que preferia sacrificar uma verdade em benefício de uma frase lapidar.

***

Outros afirmaram que a nossa especulação pela baixa, que verificamos hoje, é normal, porque houve ascensão do homem que estava marginalizado, e a ascensão desse homem, na sociedade, tinha de trazer essa baixa de valores. Mas quem negou isso? Quem deixa de reconhecer que a baixa dos valores é uma consequência da incorporação de elementos inferiores, que estavam marginalizados na sociedade? O que afirmamos é que essa baixa de valores não é absolutamente necessária; ela pode ser evitada, não descendo para a parte inferior das massas, mas elevando o homem da massa para os altos valores; isto é, libertando o homem das suas situações de massa. Essa é a verdadeira caridade, porque essa consiste, sobretudo, em dar aos outros os frutos da sabedoria, distribuí-los gratuitamente.

***

Alguns se queixaram do tom veemente das nossas palavras, mas não esqueçamos que esta obra é uma obra de denúncia.

Lutemos pelo homem concreto. E o homem concreto é aquele que afirma o que nele há de maior e que o distingue dos animais; a vontade justa e culta, o

entendimento claro e purificado, e o amor que se exalta na verdadeira caridade.

E tudo isso é realmente Cristo em nós.

facebook.com/erealizacoeseditora

 twitter.com/erealizacoes

 instagram.com/erealizacoes

youtube.com/editorae

 issuu.com/editora_e

 erealizacoes.com.br

 atendimento@erealizacoes.com.br

[1] Estes temas são desenvolvidos em *Filosofia e História da Cultura* (3 vols.) e *Análise de Temas Sociais* (3 vols.). [Doravante todas as notas inseridas pelo próprio autor serão designadas por “N. A.” (nota do autor).]

[2] Dividimos a obra em duas partes. Na primeira parte, preferimos os temas eminentemente mais adequados à sensibilidade e à afetividade do homem. Na segunda, o que se refere preferentemente à intelectualidade. A invasão vertical dos bárbaros processa-se em ambos os campos, razão pela qual julgamos, para melhor compreensão de nossa tese, fazer esta distinção. (N. A.)

[3] Observa-se que os surdos de nascença têm mais dificuldade no aprendizado que os cegos, pois estes têm mais facilidade de apreender, caso ouçam, do que os primeiros, embora vejam. (N. A.)

[4] Entretanto, há, no romantismo, aspectos positivos. Herder quis dar ao romantismo um ímpeto capaz de lutar contra a nova escala de valores mercantilistas, revalorizando os sentimentos mais altos do homem, que o manchesterismo queria tomar apenas sob base econômica. (N. A.)

[5] Infelizmente não se trata de um exagero apocalíptico. Esse quadro sombrio se confirmou num passado bastante recente, quando no ano de 1995, em Ruanda, os hutus massacraram entre 1 e 2 milhões de pessoas da etnia tutsis não com armas de fogo, mas facões, enxadas, machados, lâminas e martelos. Antes disso, 500 mil fugitivos que tentaram se refugiar no Zaire foram devolvidos à Frente Patriótica Ruandesa, que os matou em seguida. As mulheres que sobreviveram ao massacre foram estupradas e 5 mil crianças nascidas desse estupro foram também assassinadas. Paul Rusesabagina, um ruandense negro, na época gerente do Hotel Mille Colines, no qual abrigou vários refugiados, e hoje residente na Bélgica, disse que outro genocídio poderá ocorrer se não se tomarem medidas duras contra o tribalismo em Ruanda. (N. E.)

[6] No original está “factiva e activa”. Como é próprio de seu método, o autor lança mão do recurso de frisar aspectos ortográficos, especialmente as consoantes surdas, para retornar ao étimo latino da palavra e seu teor conceitual. Porém, para evitar ruídos de leitura em virtude das novas reformas ortográficas, optamos por padronizar a linguagem de acordo com seu conteúdo e explicitar a grafia original em notas de rodapé, quando julgarmos necessário fazê-lo. Neste caso, portanto, o autor refere-se às dimensões *ativa* (prática) e *fática* (compreensiva/circunstancial) da vida humana. (N. E.)

[7] Eis um exemplo relatado por Euclides da Cunha sobre o caso de Pedra Bonita, em Pernambuco: “Este lugar foi, em 1837, teatro de cenas que recordam as sinistras solenidades religiosas dos achantis. Um mamaluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos sítios convizinhos e, engrimpando-se à pedra, anunciava, convicto, o próximo advento do reino encantado do rei D. Sebastião. Quebrada a pedra, a que subira, não a pancadas de marreta, mas pela ação miraculosa do sangue das crianças, esparzido sobre ela em holocausto, o grande rei irromperia envolto de sua guarda fulgurante, castigando, inexorável, a humanidade ingrata, mas cumulando de riquezas os que houvessem contribuído para o *desencanto*./ Passou pelo sertão um frêmito de nevrose.../ O transviado encontrara meio propício ao contágio da sua insânia. Em torno da ara monstruosa comprimiam-se as mães erguendo os filhos pequeninos e lutavam, procurando-

lhes a primazia no sacrifício... O sangue espadanava sobre a rocha jorrando, acumulando-se em torno; e afirmam os jornais do tempo, em cópia tal que, depois de desfeita aquela lúgubre farsa, era impossível a permanência no lugar infeccionado”. In: Euclides da Cunha, *Os Sertões.* Francisco Alves Editora, 1979, p. 98. (N. E.)

[8] A pseudomorfose será por nós estudada mais adiante, já que ela apresenta a mais tremenda e espantosa manifestação indireta de barbarismo. (N. A.)

[9] Citamos nestas páginas exemplos brasileiros, por serem mais familiares ao leitor ao qual se destina esta obra. Contudo, no resto do mundo, há coisas similares e até piores. (N. A.)

[10] Cf. o que diz a encíclica papal de 1907, *Pascendi Dominici Gregis*, elaborada por Pio X: “Gregório IX escrevia de alguns teólogos do seu tempo: ‘Alguns dentre vós, excessivamente cheios de espírito de vaidade, com profanas novidades se esforçam por transpor os limites traçados pelos Santos Padres, curvando à doutrina filosófica dos racionalistas a interpretação das páginas celestes, não para proveito dos ouvintes, mas para dar mostras do saber... E estes, arrastados por doutrinas diversas, transformam em cauda a cabeça e obrigam a rainha a servir à escrava (*Ep. ad Magistros theol*., Paris, julho de 1223)’”. (N. E.)

[11] O cristianismo tem em seu ativo experiências sociais extraordinárias, que empregou com êxito em sua fase primitiva e, posteriormente, por meio dos grandes mosteiros dos beneditinos e de outras ordens e na organização de grupos e formas sociais que devem ser estudadas. (N. A.)

[12] Sinônimo de drogas narcóticas. (N. E.)

[13] A expressão “tráfico de brancas” é de época. Trata-se de delito que consistia em arrastar ou induzir mulheres à prostituição. (N. E.)

[14] Mário Ferreira dos Santos trata desse tema em *Cristianismo, a Religião do Homem*. (N. E.)

[15] No original, *timós*. Optamos, apenas em alguns raros casos, pela transliteração mais atualizada. (N. E.)

[16] Em grego: valor das coisas, que se refere ao que é intrinsecamente constituído; o valor de uso é um *axiós*. Tanto esta nota como a seguinte foram extraídas do corpo do texto. (N. E.)

[17] Em grego: valor de estimação, pois *estimar* tem o mesmo radical de *thymos*. (N. E.)

[18] Termo antigo, derivado do espanhol, para designar *homossexual*. (N. E.)

[19] O autor elucidará mais adiante sua concepção do tribalismo africano. Embora ela pareça generalizante, de certo modo ela encontra confirmações históricas nas atrocidades que ocorreram posteriormente naquele continente, notadamente nas lutas sangrentas entre as tribos. Também é importante destacar alguns debates recentes relativos à questão do negro, realizados sobretudo no Brasil. Como assinala Demétrio Magnoli, geógrafo da USP, em sua obra *Uma Gota de Sangue*, que traça um histórico do problema racial e levantou acirradas polêmicas, a própria concepção de “negro” é uma invenção do colonizador branco, posto que os habitantes da África se veem cada qual como pertencente a uma tribo e a uma etnia, e nunca como membros de uma unidade étnica maior abstrata passível de ser denominada de “negros”. (N. E.)

[20] E aqui a massa de que falamos figurativamente refere-se à mesma alma, ou à mesma maneira de sentir e de julgar na intimidade. (N. A.)
[21] A visão do autor, por mais polêmica que seja, e a despeito das eventuais críticas que se lhe façam, parece aspirar mais a um realismo radical, sem quaisquer eufemismos ou atenuações românticas, do que ser propriamente preconceituosa. (N. E.)
[22] Cf. Mário Ferreira dos Santos, *Filosofia Concreta*. São Paulo, É Realizações, 2009, p. 175-232. (N. E.)
[23] Em algumas línguas, como o hebraico, o universal é apresentado muitas vezes pelo plural. Não há a representação do universal conotativo, mas apenas do denotativo (da extensão). Assim, em vez de "humanidade", usa-se "os homens" para indicar a natureza humana. (N. A.)
[24] E é perene porque é *per annus* e atravessa os anos, como o pitagorismo, que continua em pé, como continua o platonismo, e também o aristotelismo, o tomismo, o escotismo e o suarezismo, o avicenismo e o averroísmo, filosofias positivas e seriamente construídas. Nota extraída do corpo do texto. (N. E.)
[25] Cf. Mário Ferreira dos Santos, *Filosofia Concreta*. São Paulo, É Realizações, 2009. (N. E.)
[26] Pretendemos em breve editar nosso livro *Matese da Filosofia Concreta*, obra volumosa na qual condensamos toda positividade e concreção da filosofia, de modo a oferecer ao leitor o meio de alcançar a metalinguagem, que una todo saber epistêmico. (N. A.) [Tal projeto não foi cumprido de todo, mas algumas das mais importantes obras de MFS pertencem à fase da chamada *filosofia matética*, desenvolvida por ele em obras como *Sabedoria dos Princípios, Sabedoria da Unidade, Sabedoria do Ser e do Nada, Deus*, entre outras. – N. E.]
[27] Separação da religião e da filosofia, ou crescente independência daquela em relação a esta. [Esta nota e a seguinte foram extraídas do corpo do texto. – N. E.]
[28] Desligamento crescente entre a filosofia e a religião, entre aquela e a teologia, e, também, desligamento da ciência, que se tornam cada vez mais independentes. (N. E.)
[29] Em *Filosofia e História da Cultura* e em *Análise de Temas Sociais*, analisamos as possibilidades humanas, ainda não esgotadas. (N. A.)
[30] Assim no original, em vez de *conectar*. O autor ressalta o sentido primeiro de *conexão*. (N. E.)
[31] O autor retoma a etimologia utilizada em seções anteriores desta obra, valendo-se de *kratos*, na acepção de *poder* (*A Superioridade da Força sobre o Direito*), e relacionando *timológico* com *thymos*, radical de *estimar*, com o mesmo valor de *estimativa*, pois designa um tipo de *mesura* mais superficial do que o *axiós* (*Exploração Viciosa do Esporte*), que estaria na raiz mesma da formação dos valores (axiologia), concepção que será desenvolvida no parágrafo seguinte. (N. E.)
[32] O autor prefere *conexionar* a *conectar*. Ver nota 30
[33] Ora, *axiós*, em grego, quer dizer valor; portanto o axiológico é o caráter do que tem valor. Como *anthropos*, em grego, quer dizer "homem" fala-se de axioantropológico quando se quer referir ao que é valorado, valorizado ou desvalorizado pelo homem. [Nota extraída do corpo do texto. – N. E.]

[34] A ciência especulativa é uma obra do entendimento humano e tem como finalidade alcançar a verdade e afastar-se da falsidade; a ciência prática é uma obra da vontade humana e tende a atingir o certo e a afastar o errado. O que se deve desejar não é aniquilação da ciência prática, o que seria absurdo, mas dar a esta o espírito rigoroso da especulativa, a fim de evitar que o axioantropológico possa perturbar as suas pesquisas e influir em suas condições, como vimos em regimes totalitários, onde a ciência se viu e se vê obrigada a sempre afirmar a posição ideológica do partido, sob a coação de severas penas aos que transgredirem essas "leis". (N. A.)

Coleção
FILOSOFIA
ATUAL
FILOSOFIA E
COSMOVISÃO
MÁRIO FERREIRA
DOS SANTOS

Compre agora e leia

FILOSOFIA CONCRETA

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

INTRODUÇÃO, EDIÇÃO DE TEXTO E NOTAS DE LUÍS MAURO SÁ MARTINO

Filosofia Concreta

Santos, Mário Ferreira dos

9788580332636

488 páginas

Compre agora e leia

A obra Filosofia Concreta, publicada originalmente em 1957, estabelece o modo de filosofar do escritor e pensador brasileiro Mário Ferreira dos Santos. Ele considera a filosofia como ciência rigorosa, aceitando o que é demonstrado e não o problemático e provável.
Esta edição traz ainda um CD com trechos de aulas de Mário sobre temas relacionados à filosofia concreta, gravados por seus alunos na década de 1960.

Compre agora e leia